

COMPRA
ABR. 1940

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

A ACTRIZ VIRGINIA—VINTE DIAS
NA RUSSIA—O IMPERADOR FAUS
TINO—A ORIENTAL—O MOSTEIRO
DE ARGIS—A ARCHITECTURA DA RE-
NASCENÇA EM PORTUGAL—UMA CA-
BRA E OS SEUS CABRITOS—VELHA
HISTORIA—VARIEDADES.

VOL. IV

DEZEMBRO—1904

NUM. 24

SUMMARIO

	Pag.
A ACTRIZ VIRGINIA — <i>Por</i> BRAZ BURUTY — <i>Com</i> 7 <i>illustrações</i>	308
VINTE DIAS NA RUSSIA. — <i>Impressões de uma primeira viagem</i> — <i>Por</i> Z. CONSIGLIERI PEDROZO — (<i>Continuação</i>) — <i>Com</i> 14 <i>illustrações</i>	319
FAUSTINO I — <i>Imperador de Haiti</i> — <i>Por</i> ANTONIO FERREIRA DE SERPA — <i>Com</i> 1 <i>illustração</i>	343
A ORIENTAL — <i>Introdução: musica para piano por</i> FURTADO COELHO.....	346
O MOSTEIRO DE ARGIS — (<i>Balada da Valaquia</i>) — <i>Com</i> 1 <i>illustração</i>	348
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL — <i>Por</i> ALBRECHT HAUPT. — (<i>Continuação</i>) — <i>Com</i> 16 <i>illustrações</i>	351
UMA CABRA E OS SEUS CABRITOS — <i>Narrativa japoneza</i> — <i>Por</i> WENCESLAU DE MORAES.....	364
VELHA HISTORIA — <i>Com</i> 4 <i>illustrações</i>	366
VARIÉDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO — NECROLOGIA	47

43 ILLUSTRAÇÕES

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	{	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

Aos leitores

Com a publicação d'este numero 24 completa-se o IV volume dos SERÕES, e ultimo da série que a actual empresa iniciou. A publicação da segunda série terá por editor a *Livraria Ferreira*. A impossibilidade de manter, a sahida dos numeros da Revista, aquella periodicidade, que foi promettida e a nosso pesar quasi nunca cumprida, obriga-nos a entregar o encargo.

Não faltou a animar-nos no emprehendimento — justo e necessario é dizel-o — o favor e o carinhoso acolhimento do publico. Lançada no mercado, sem recommendação de nomes que abonassem a direcção, posta á venda com a simples indicação do domicilio, a revista SERÕES foi recebida com largueza desusada, do que dão incontestavel attestado os nossos registos de compradores que se elevaram a alguns milhares dentro do paiz.

A experiencia foi concludente. Feita com o mais escrupuloso cuidado que nos foi possivel realisar, cumprindo o seu simples programma de fornecer leitura variada e amena, conservando sempre o mais stricto recato na prosa e na illustração para que podesse ser recebida na familia com confiança, a revista SERÕES iniciou o genero *magazine* que o publico de todos os paizes tão calorosamente prefere na época presente, e approximam-se, quanto soube, d'essas publicações estrangeiras, não só no texto, como na feitura material. Quem percorrer os indices dos quatro volumes publicados poderá confirmar este asserto.

A todos leitores e collaboradores que generosamente animaram, honraram e illustraram a revista, agradece reconhecida

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes

MUSICAS PARA PIANO

- Gavota**, por AUGUSTO MACHADO. — **Numero 1.**
- A Resurreição de Christo**, *Oratoria*, por D. LORENZO PEROSI. — **Num. 2.**
- Rachel**, *Valsa*, por LAURA ESCRICH. — **Num. 3.**
- Folha d'Album**, por OSCAR DA SILVA. — **Num. 4.**
- Feiticeira**, *Valsa*, por EDUARDO BOEYÉ DE PASCA. — **Num. 5.**
- O que dizem as ondas**, *Valsa*, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — **Num. 6.**
- Meditação**, *Mazurka*, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — **Num. 7.**
- Romanza**, por A. BRINITA, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**
- O Tição Negro**, *Serenada do 1.º acto*, por AUGUSTO MACHADO. — **Num. 10.**
- Dansons!** *Pas-de-quatre*, por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — **Num. 11.**
- Rapsodia d'Agueda**, (*Musica popular*). — **Num. 12.**
- Le Ballet du Roy**, *Gavota*, por LULLY. — **Num. 13.**
- Gipsy**, *Valsa*, por C. L. — **Num. 14.**
- Maria da Gloria**, *Valsa*, por CARLOS PINTO COELHO. — **Num. 15.**
- Minuete**, por J. P. RAMEAU — **Num. 16.**
- Luisette**, *Valsa*, por F. DE BORJA ARAUJO. — **Num. 17.**
- Minuete**, por J. B. LOLLY — **Num. 18.**
- Descantes**, por AUGUSTO MACHADO. — *Versos de J. de Souza Monteiro*. — **Num. 19**
- Absorta**, versos por JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO, musica de M. GRISALDE. — **Num. 20.**
- Ballada Portugueza** por JOSÉ D'AGUEDA. — Composta para piano e canto, por *D. Franco*; — **Num. 21.**
- Recuerdo**, *Valsa* por G. S. — **Núm. 23.**
- A Oriental**, *Introdução para piano* por FURTADO COELHO. — **Num. 24**



A actriz VIRGINIA no papel da MARQUEZA nos PERALTAS E SECÍAS



A ACTRIZ VIRGÍNIA

*(A Maria Emma para ella mais tarde lér aos filhitos e elles
saberem como era grande e boa, Santa Virginia, sua avó).*

Não é bem um estudo critico, e menos ainda um retrato biographico, esta cercadura banal de parola com que a desmedida e amavel confiança de um camarada me incumbe de emoldurar, no pinho tosco e bisonho da minha prosa, as gravuras que os *Serões* consagram a Virginia Dias da Silva—o mais delicado e radioso, mais sereno e dominador, mais completo e espontaneo, mais pesscal e emotivo temperamento artistico de Mulher que, em suaves polychromias de talento, tem esmaltado, de ha trint'annos, os pannos esborratados e as tabuas desconjunctadas dos palcos portuguezes.

Na minha cultural admiração pela Arte affavel e clara, toda sentimento e simplicidade, toda doçura e intuição de Virginia, eu que a adoro como comediante e que, como Senhora, a venero, eu que, no Palco, fascinado pela magia feiticeira da sua voz, captivo das caricias brandas e irresistiveis do seu olhar, com o coração a amo, como mulher, no amor santo que aos cabellos brancos de minha mãe consagro e que, no convivio generoso do seu lar, ao vel-a, no enlevo terno da alacria chalrante da filha e no hallo de conforto e d' affecto em que o marido a envolve, me curvo, com o espirito subjugado pela bondade infinita da artista que mais alto e mais fundo, na nossa terra sentimental e amorosa, tem riscado na alma das platéas a emoção divina do sentimento e do amor, dos choros que alliviam e das dores que purificam, eu, como biographo, sinto tel-a conhecido demasiado tarde, e, como critico, reconheço tel-a visto demasiado cedo para poder, com

animo frio e copia de factos, traçar-lhe um retrato que se lhe assemelhe ou esboçar-lhe um estudo que a defina.

Mas, não sendo nem estudo nem retrato, não é — Deus me defenda! — o artigo corrente, louvaminheiro e bombastico, com adjectivos em folha e agua no bico, que, em dias de beneficio ou vespéras de peça, a rhetorica lusitana, sempre fertil e videira, pespega á cola dos cometas apagados do nosso firmamento artistico e que no papel ficam pyrillampando como soes chisparreantes de talento e creadores uberrimos de prodigios — maravilhas do mundo com porta p'r'a escada e trez repenicadas . . glorias nacionaes com a immortalidade a prazo fixo e jazigo de familia no esquecimento do A'manhã.

Virginia, no Palco e na Vida, como comediante impulsiva e mulher affectuosa, como artista que sente e vive a sua Arte em radiações prodigiosas de sensibilidade e theatralismo e como donna que cultiva e enflora o seu Eu em canduras de bondosa dignidade e senhoril delicadeza, é uma grande actriz e uma grande dama, um grandissimo talento e um desmesurado coração.

No Palco, nunca teve uma rival, um inimigo; nunca a abocanhou a baba reptilica da calumnia, nunca a aferroou a peçonha envenenada da intriga—na Vida, semeando encantos, colhendo affectos, na linha inflexivel d'uma Alma Eleita, despilfarrando thesouros de abnegação e enxugando lagrimas de desespero, eu sei de affeições que a deificam,

de peitos que a estremecem como o seu Anjo Bom e a sua Sombra tutelar — Santa Virgínia, Senhora Nossa, Rainha dos Palcos e dos Corações.

Virginia, que, no theatro portuguez, sem diplomas e sem preparatorios conservatorias, é, com o velho Taborda, o mais extranho e colossal especimen da improvisação e da espontaneidade latinas, Virginia, que dentro do repertorio cosmopolita dos seus 38 annos de proscenio, dêz do chinezismo enrabichado da *Flor de Chá* té aos zelos tigrinos da slava *Fedora*, sem falsear as rubricas, sem deturpar os caracteres, nacionalizou todos os seus personagens em rasgos assombrosos de ensimesmação e de personalismo, Virginia, que foi sempre grande nas heroínas romanticas e affectivas da dramaturgia estrangeira, dêz da *Fernanda* do Sardou á *Desdemona* do Shakspeare, mas que foi colossal e estupenda nas duas unicas almas femininas do theatro portuguez, Virginia, a *Maria* ideal do *Frei Luis de Sousa* e a divina *Magdalena* da obra prima de Garrett, é mais do que uma artista de infinitos recursos e de suprema intuição, Virginia é a encarnação artistica da mulher da nossa raça, synthese theatral da feminilidade lusitana, symbolo, a que se rende culto como imagem scenica das nossas mães e das nossas eleitas, de tudo o que ha de casto e eterno na nossa historia, de santo e indestructivel no sangue das nossas veias.

Mas não é simplesmente a maior organização artistica de Portugal: neste dessoramento ethnico de internacionalismos e bastardias de temperamentos, que nos veem de França, como os bibelots e os meninos e começam, pelo visto, a vir-nos da Russia, como o caviar e os coiros das carteiras, Virginia é a unica organização artistica genuinamente portugueza que tem nascido em Portugal e n'estes tempos de aviltações e lamaças em que tudo se pollue e se subverte, em que o Presente é, na sua infamia, uma encruzilhada e o Futuro, na sua incerteza, se promete um monturo, Virginia é, dêz do seu physico peninsular de morena, de grandes olhos rasgados, luminosos e expressivos como as noites estrelladas do nosso ceu, cabellos fortes e ondeados como as aguas revoltas da nossa costa, té ao som crystalino da sua voz feita do calor vivificante do nosso sol e do murmuro cadencioso das nossas fontes, do gorgueio estridulo das nossas aves e das toadas plangentes das nossas rapsodias, um pedaço vivo da Alma-mater do nosso Passado, uma scintilla fulgurante d'aquelle fogo indomito, que através dos mares e das pelejas, nas aventuras do Oriente e nos combates da Fé,

cantavam a saudade da mulher portugueza, os seus amores e as suas lagrimas, os seus anseios e as suas angustias, nas paginas das Epopeas e nos marmores dos monumentos, nos roteiros dos navegantes e nas espadas dos heroes.

Virginia nasceu a 19 de março de 1850 em Torres Novas, no coração da Extremadura, n'esse recanto typico e genuinamente nacional da nossa linda paysagem lusitana, e, filha de gente pobre, humilde e laboriosa, de lá veiu pequenina, com 6 mezes, para Lisboa — a verdadeira patria dos seus triumphos e dos seus encantos, torrão amado do seu berço e do seu lar, onde a infancia lhe sorriu, onde lhe sonhou a mocidade, onde mulher as primeiras dores a feriram, onde artista a Gloria a beijou.

Nasceu em Torres, mas é de Lisboa; muito alfacinha, muito nossa, porque entregue a uns tios que, modestos, viviam na lucta obscura pelo pão quotidiano, Virginia foi crescendo, inquieta e precoc, entre as quatro paredes d'um soturno predio lisboeta, n'uma d'essas viellas esconças e tristes que hoje mal se advinham nos estuques catitas e pintalgados da Avenida. Vizinha do velho pardieiro da Rua dos Condes, lazardento e glorioso ninho do nosso theatro contemporaneo e dos nossos grandes artistas do Renascimento Garretino, como seu tio, accionista ou amigo da Empreza, houvesse entrada franca nos ensaios e, de quando em vez, o seu camarote de favor, Virginia começou, novita, a frequentar o theatro, a conhecer os artistas, a fremir de entusiasmo pelos grandes lances do repertorio, a decorar-lhe as tiradas sonoras, a mimal-os n'uma obsecção nevrotica, e, n'uma hypnose estiolante, a dizel-os de fio a pavio, com inflexões e tremulos, gestos e visagens, de estarrecer em extasis devotos a familia que se benzia e se babava com a queda da pequerrucha p'r'ás exteriorisações passionaes do sentimento e da dôr, lagrimas pungentes que lhe deslizavam pelas faces, gritos angustiados que se lhe afogavam na garganta.

Em noites de theatro, estarrecida, extatica, n'uma tensão galvanica do seu organismo apenas nubil, toda ella era nervos, toda olhos, toda ouvidos: n'uma intensidade febril de comprehensão, n'um espasmo offegante de assimilagem, chorava os infortunios da dama, sentia a paixão do galã, soffria os tormentos da ingenua, odiava, em arripios de pavor, as coleras vindicativas do tyranno. E, assim, os primeiros problemas da vida, as primeiras illusões, os primeiros sonhos, mordiam-lhe o cerebello na farraparia luciolan-

te dos dramas de capa e espada, pagens e castelãs, guerreiros e trovadores que a iniciavam na Existencia, no convencionalismo sentimentalico e fruste da dramaturgia da epocha; e, na sua candura immaculada de virgem, nos seus planos de pobresinha que precisaria vir a ganhar o pão, o theatro apparecia-lhe, dominador e avassalante, em radiações de Paraiso e de Fortuna, de Felicidade e de Gloria.

Na sua religiosidade infantil, arraigada e profunda, o Ceu era para ella uma grande salla de spectaculo, apinhada de gente a applaudir frenetica os Bemaventurados e as Santas:—uma caixa de theatro descomunal e brilhante em que a Anjaria cantava, no urdimento celeste das nuvens, as modinhas em voga nos finaes d'acto da Rua dos Condes e em que Deus Padre, Todo Poderoso, de longas barbas auriluzentes, tinha a mascara pouco olympica do Theodorico e o mesmo vozeirão, cavernoso e profundo, como o ribombar dos trovões em noite de tempestade.

Na idade em que as outras pequerruchitas sonham com a monaria e a bonecagem, Virginia sonhava já com as ovações d'uma salla de spectaculos e, antes de se lhe esboçar pelo raciocinio a vida, já por instincto vivia, febril e passional, da febre, da paixão e da vida do theatro.

Era a attracção do abysmo, o iman ciclopeo, mysterioso e indefinido, que arrasta ao crime o criminoso, que impelle ao martyrio o asceta, que ergue ao heroismo o apostolo, que grilheta cada atomo da humanidade ao seu destino irrefragavel e fatal: o pintor á tēla, o navegador ás ondas, o artista á sua arte, o desgraçado ao seu infortunio e o comediante ao palco, como o lychen aos rochedos, o musgo ás ruinas, os ramiculos parasitarios das orchydeas aos troncos adustos que lhe dão a seiva e o perfume, a floração bizarra das corolas e as polychromias sanguinolentas das petalas.

A queda, a bossa da pequerrucha, ia dando que fallar: da admiração da familia passou ao enlevo dos amigos, do cochichar pasmado dos vizinhos, ao espanto incredulo dos indifferentes. Encheu a casa, alastrou o predio

dominou a rua, interessou o bairro e, quando, um dia, os parentes se resolveram a fazer-lhe a vontade, a deixal-a tentar as taboas e a levaram ao Principe Real a vêr se o Cezar Lima,—actor e societario com o velho Ruas da empresa do theatro—a aceitava e lhe confirmava a vocação,—a não ser a propria Virginia, com mêdo de tanta felicidade junta, temerosa de vêr ruir na realidade d'uma recusa tantos sonhos e tanta esperança,—ninguem duvidava que o Principe Real ia escripturar uma bella e verdadeira actriz n'aquella rapariguelha franzina e timida, morenuda e quasi feia, com 16 annos de idade e quasi outros tantos d'amor entranhado, irresistivel e ingenito, á arte de representar.

Feitas as apresentações, cortadas as arestas da frieza com o gume acerado da consabida carta de empenho—que, dêz que o mundo é mundo, é a potente alavanca da Vida e dêz que a Igreja sanctificou os sufragios é a commoda gazua da quietação da Morte—Cezar de Lima, a braços com a falta d'uma ingenua, por haver renunciado no casamento a irmã de Anna Pereira que se dizia continuar a tradição da Manoela Rey, pontapeada para o cemiterio em plena exuberancia de talento e frescura, mandou-a lêr um papel. E, ou porque, de facto, Virginia o lêsse bem—o que é talvez presumir demasiado da tensão expectante dos seus nervos—ou porque, por habito, elle estivesse affeito a ouvir lêr muito mal—o que ainda hoje é acontecedo entre as nossas actrizes—a entrevista fechou dando-lhe o Cezar o papel de ingenua da comedia-drama *Mocidade e Hon-*



Na FLOR DE CHÁ
(aos 16 annos)

ra e dizendo-lhe que, quando o tivesse decorado, apparecesse outra vez p'ra começar a valer...

— Nunca tive alegria tamanha... N'aquella mesma tarde já eu sabia o papel na ponta da lingua... mas não me deixaram lá voltar logo. Fui d'ahi a dias... Disse-o todo. O Cezar, coitado! já meu amigo como ainda hoje é, gostou. Começaram os ensaios. Foi a peça... O que eu chorei!... Tive um ataque de nervos. Estava um valle de lagrimas... Como era assim negrusca, o pobre Cezar, no camarim, assodado, esfalfou-se, p'ra me fazer palida, a cair-me a cara com o gesso-mate... Mas... isso sim!?... Negra sempre... E depois as lagrimas,

abrinco sulcos no gesso, riscavam-me, a negro, as faces e o queixo... Devia estar linda, vista da platea... Tocou a campainha... N'uma convulsão, abracei-me aos que me rodeavam... Chorei... chorei... não queria ir para a scena... Tinha mêdo, parecia-me que ia morrer. Toda eu tremia... Mas empurraram-me e lá fui... Na mão levava um ramo. Com o braço hirto, muito esticado andei todo o acto de ramo em punho... Dos bastidores a Anna Pereira, — sempre boa! — dizia-me que mexesse os braços, que largasse o ramo, que gesticulasse... Mas nada! Sabia lá fazer gestos... com o ramo espetado... papagueei o meu papelsinho... como Deus foi servido... mas o publico começou a amimar-me logo... Té me deram palmas...

A Anna Pereira, no intervallo, tirou-lhe o ramo, esboçou-lhe dois ou tres accionados: — deu-lhe a primeira lição...

D'ahi a dois dias o *Diario de Noticias*, de 17 de abril de 1866, dizia assim:

«*Estreou-se ante-hontem no theatro do Principe Real, e na comedia-drama em 2 actos MOCIDADE E HONRA, a actriz Virginia, uma ingenua que revelou bastos dotes para a scena e a quem o publico applaudiu freneticamente, animando-a a proseguir em tão bella quanto difficil carreira.*»

Começou assim. Ganhava 12\$000 réis por mez e ora fazia, no repertorio da casa, os papeis de ingenua, que deixara vagos o casamento de Margarida Pereira, e a que a morte viera a roubar, n'aquelle mesmo anno, a interpretação luminosa da Manoela Rey, ora fazia *travestis* e pastorinhas nas operetas que intermeiavam, em manchas facetas de musiquias, os cartazes pesados e lugubres dos melodramas e matas-gente.

Na opereta, no Principe Cornelio Gil da *Gran-Duquesa*, com Faria no General Boum e Antonio Pedro no Barão Grog, como no final d'acto, todas as noites, os dois actores, — que intervallavam nos camarins em orgias baratas de carrascão, iscas e peixe frito e vinham p'r' á scena com as mandibulas engorduradas, — tivessem de lhe agarrar, um, pela bota alta, amarella e afiambrada, outro, pela mãosinha enluvada em pellica branca, mal cahia o panno, sem uma queixa, sem uma reclamação, mordendo os labios de desespero, reprimindo lagrimas de infortunio, Virginia, que com os seus doze mil réis fazia equilibrios imprevisos de economia e privações, com o gesso-mate da maquilhagem caíava a luva que a mãozada do Antonio Pedro transformava em esfregão e com a oca das paredes do camarim, amarelecia a vitella da bota em que o Faria deixava, em dedadas negras

o fartum e os residuos das ceias mastigadas, á pressa, na lufa-lufa dos entre-actos, com decilitragens e empansinadelas de chegarem ao fim da peça abarrotados de comezaina e de gloria, bebidos de vinhaça e de applausos, com arrotos pantaguelicos de indigestão e rasgos geniaes d'Arte — por que artistas ambos o eram, o Antonio Pedro mail-o Faria, ainda mais que beberões.

E embora trouxesse a todos os personagens de comedia ou de opereta, á chinezinha da *Flor do chá* ou ao garotelho da *Ponte dos suspiros*, um cunho pessoal de graciosidade e leveza, um esforço intelligente de acertar e fazer verdade, era, nas ingenuas dramaticas, que Virginia ia marcando, em gradações de progresso e de talento, a sua individualidade e o seu feitio, todo o fogo intensivo da sua paixão, toda a sensibeleria delicada da sua alma. Já antes de ir ás mãos do grande mestre Santos Pitorra — que por si só valia a dirigir um ensaio os longos annos de aprendizagem dos Conservatorios e Academias — Virginia destacava ao lado da Luíza Fialho, da Emilia Letroublond, da Anna Pereira, as maiores esperanças da epocha. A esse tempo, ao vel-a, cheia de naturalidade e sentimento, de intuição e de verdade, a arrumar uma mala, n'uma scena muda do *Abysmo*, Pae Rosa, o outro mestre, sublinhou a sua admiração da platéa, n'uma salva de palmas e como os *schius!* rompessem de todas as bandas: *Applaudam tambem, caramba! que esta rapariga tem futuro e não se faz aquillo sem ter muita coisa dentro da cabeça!*

Depois, nas mãos de José Carlos dos Santos, dês do *João Carteiro*, que deu brado, té ao seu inicio no theatro de Sardou, com a Antonia dos *Solteirões*, dando a replica e deixando na penumbra o proprio Santos, o Antonio Pedro, o Maggiolly — substituido algumas noites pelo Brazão — a Emilia Adelaide e a Amelia Vieira, cada novo papel era um triumpho, cada personagem uma criação. Ia ganhando terreno, vencendo obstaculos, creando recursos, adquirindo aptidões, pulindo qualidades, conquistando o seu publico e, quando Santos — em 1870, tomou o leme do Theatro de D. Maria e o levou, em maré de rosas, a aguas nunca depois navegadas de brilhantismo scenico e prohibidade artistica, — pilotando através dos originaes de Garrett, Cascaes, Mendes Leal, Pinheiro Chagas e das traducções de Castilho, Rebello da Silva, Latino Coelho e Ramalho Ortigão, uma companhia de que eram matelotes Emilia Adelaide, Theodorico, Gertrudes, Antonio Pedro, Emilia Candida, Cezar de Lima, Pinto de Campos, Amelia Vieira, Maggiolly, Alvaro, Barbara, Brazão, Falco, Cezar de Lacerda, João Gil e Moniz, — Virginia to-

mou posse do logar e dos papeis da Manoela Rey, extremando-a o Santos Pitorra, entre todos e acima de todas, como a actriz mais correcta e primorosa do theatro portuguez.

Foi n'essa phase da sua carreira, que a modelar ingenua dos *Solteirões*, da *Fernanda*, dos *Nobres e Plebeus*, da *Caridade*, da *Oração da tarde*, da *Magdalena* e dos *Mysterios de Paris*, se aureolou, depois das victoriosas noites do *Drama do povo*, *Cura d'almas* e *Pedra de escandalo*, com a corôa fulgentissima da mais colossal e divina, da mais maravilhosa e estupenda *Maria* que tem vinculado de gloria a obra mestra de Garrett...

E comprehendendo-se... Virginia que fez por impulsos irresistiveis da sua vocação, por intuições faiscantes de talento a sua marcha ascencional p'r' ó zenith astralico da grande Arte, da Arte immaculavel das grandes eleitas e das raras triumphadoras, ella que nunca passou por uma escola e que pisou o palco sem ter aprendido uma regra, sendo uma artista de sentimento, uma amorosa e uma candida, ao topar com a *Maria* do *Frei Luis*, sentiu o personagem, amou-o e viveu-o com a candura e a sentimentalidade da sua alma lilial de ingenua e boa rapariga, sem se prender aos rebotalhos convencionaes das Escolas, sem se enredar nos torvelinhos didaticos dos figurinos, sem se amoldar aos destemperos theoreticos dos mestrados, com toda a lisura do seu character recto, com toda a limpidez da sua alma crystallina, com toda a serenidade da sua consciencia tranquillada e com todos os arrebatos do seu talento portentoso e fascinador.

Por instincto, advinhando o naturalismo, do seu primeiro papel na *Mocidade e honra* á sua ultima rabula no *Casamento e Mortalha*, o processo artistico de Virginia, o seu segredo e a sua technica, consistiam em lêr um papel,

metter-se-lhe dentro e, começando por acreditar que tudo aquillo era verdade e era real, que tudo lhe tinha acontecido ou estava p'ra acontecer, mal lhe distribuiam um personagem a Virginia deixava de ser a Virginia e era, em casa e no palco, de dia e de noite, no camarim e na rua, o personagem vivo, material, que o dramaturgo idealizara na espiritualização scenica da sua Arte.

A *Maria* do *Frei Luis de Sousa*, com todos os seus anseios e todas as suas precocidades, toda a candura angelical da sua alma e todas as presciencias morbidas da sua innocencia, sentimental e pura, intelligente e triste,

com o espirito mergulhado no contemplar heroico do passado e o coraçãoito a arfar na affectividade carinhosa da sua sensibeleria, alma de passarito em cerebro de vidente, encarnação espirita, auroral e ethnica, de toda uma epoca e de toda uma raça, com os crepes de Alcazer Kibir a enlutarem-lhe as grinaldas lyriales de virgem e os sonhos de nubil a irisarem-lhe as tristuras de prematura



Na FEDORA de Sardou

viuvita da Chimera, a *Maria* do Garrett, synthese em espuma d'uma nacionalidade em cinza, comoveu té ás lagrimas, esfarrapou té ao sangue, na prosa ductil e emotiva, na reconstituição dramatica do Poeta amoroso da Joanninha e da Dona Auzenda, o temperamento artistico de Virginia, creatura similar na Vida á estatueta romantica da obra garrettiana e tão fundo a picou, na sua alma e nos seus nervos, tão riço a mordeu, na sua sensibilidade e na sua medulla, que as lagrimas brotavam-lhe irriprioveis e sinceras, espontaneas e amarissimas na exteriorisação scenica da orphãosita a que não morreram os paes e os vês mortos no sepulchro eterno, pesado e frio, dos habitos religiosos que os faz cadaveres.

Virginia chorava, hemoptisava-se, morria: o sangue geleva-se-lhe nas veias, paresiavam-se-lhe os musculos, a rigidez algida da tumba

beijava-lhe as carnes e cadaverisava-lhe os membros. Mais d'uma vez, ao cahir o panno, no calido redemoinho das ovações vibrantes, freneticas, das platéas peninsulares, Santos Pitorra — o Manuel Coutinho — levava-a em braços ao camarim hirta, cataleptica, esvahi-da e exausta de angustia e commoção.

Porque a Virginia no palco, na hypnose da sua Arte, sente e vive em emotividades cruas de realidade os seus personagens e os seus papeis.

Artista de sentimento e de emoção, sem escola nem apprendizado, tendo-se feito a si mesma e tendo-se completado no palco, ainda, outro dia, ao vêr a Bartet, toda Arte, toda convencionalismo, toda Conservatorio e sabedorias, eu redobrei na minha adoração pela Virginia que por intuição, em espontaneidades e advinhações, presentindo regras, prevendo theorias, em autosuprimentos de naturalidade, em achados maravilhosos de ignorancia, feria as mesmas notas, tapetava os mesmos caminhos com as petalas frescas, viçosas e perfumadas da mesma Arte—methodica, reflexiva, postiga na Bartet — a Divina! — impulsiva, espontanea, natural na Virginia — a nossa Bartet, a nossa Divindade!

Ambas Eleitas, ambas Divinas, a Bartet, nascida em França, educada no Conservatorio, cultivada na Comedie, discutida e annotada pelos principes da Critica, paga a peso d'ouro, cercada de conforto, de civilização e de gloria, tuteando os grandes nomes da Arte, privando com os grandes cerebros do Pensamento, dictando leis, impondo vontades, realizando caprichos, com a erudição vasta d'uma bibliotheca e a educação classica dos maiores museus, e a Virginia, nascida em Torres, creada ali ao pé do Passeio Publico, estreada no Principe Real, adestrada em gestos pela Anna Pereira, caracterisada a gesso pelo Cesar de Lima, com os seus doze milreisinhas de ordenado, fazendo por suas mãos os vestidos de cassa dos seus personagens, caçando as botinas dos seus *travestis*, soffrendo as baforadas vinhosas do Antonio Pedro e as mandibulas enfarruscadas da comparsaria, içada por cordas nas apotheoses das magicas e pagando a prestações as contas da loja de modas e da mercearia, com o lêr e escrever da educação modesta do seu tempo e do seu meio e a cultura intellectual dos romances d'Arlinecourt e das peças de Ennery, — ambas Eleitas, ambas Divinas — a Arte da Bartet tem o perfume enebriante das florações bizarras das estufas, requintados productos das culturas artificiaes e hypercivilizadas que envenenam o cerebro e dão

hallucinações e o talento da Virginia tem o aroma delicado das violetas modestas das campinas, florzitas agrestes que irrompem espontaneas da terra e doiram de suavidade as almas e matisam de poesia os corações.

Bartet é o espirito, a travessura, a futilidade, a leveza do solo alacre da França—civilizada e risonha, com uma revolução no bolso e um masso de figurinos no cerebro.

Virginia é a bondade, a ternura, o sentimentalismo e a tristeza da terra bemdita do Portugal,—bisonho e inculto, com uma guitarra na mão e uma matilha de credores á perna.

Uma é a Arte nos seus refinamentos, outra a Natureza nas suas maravilhas. Bartet, admira-se; Virginia ama-se. Bartet como mulher é a artista; Virginia como artista é sempre a mulher.

Mulher, em pleno desarrolo do seu organismo e do seu character, em plena maturação do seu talento e das suas faculdades, um horizonte novo se rasga, largo como o Infinito, vasto como o Soffrimento na carreira sempre brilhante e progressora, sempre triumphalica e ascensiva de Virginia, com a sua transição das *ingenuas* — a infancia que ri nos treze annos saltitantes do *O que fazem as rosas*, — a peça da estreia do Alvaro, em versos piegas do Eduardo Vidal — e a puberdade que se estiola nas neblinas de Flandres, da *Patria* de Sardou — ás *primeiras actrizes dramaticas* do *Acohrata* e da *Sphynge*, iniciaes estalões p'r'o repertorio em que, de 1880 até á *D. Magdalena* do *Frei Luis*, ella feriu, como nenhuma, a corda do sentimento e da emoção, almas que soffrem, consciencias que se revoltam, dignidades que se offendem, abnegações que se entregam, victimas que se resignam, amorosas que se sacrificam, mães que choram, esposas que são trahidas, amantes que são abandonadas: *Dionisia*, *Fedora*, *Princeza de Bagdad*, *Duqueza de Septmonts*, *Ernani*, *Desdemona*, *Martyr*, *Principe Zilah*, *Casamento Civil*, *Córa*, *Grande Industrial*, *João Baudry*, *Grande Homem*, *Duque de Vizeu*, *Velhos*, *Um drama novo*, *Irmã*, *Santa Umbelina*, *Morta*, *Estatua*, *Marido*, *Henrique III e a sua còrte*, *Alcacer Kibir*, *Marquez de Villemer*, *Musotte*, *Catharina*, todo o theatro do Marcellino de Mesquita, dêes da Rainha da *Leonor Telles á Julia* da *Dôr Suprema*, todos os grandes cartazes do repertorio Rosas & Brazão e todos os espectaculos viaveis das gerencias Posser, Ferreira da Silva e da aventura ephemera do theatro da Trindade.

Até 1880 ella fôra a herdeira avantajada, a successora directa e perfeita do infortunado

temperamento artistico, arrebatado e fogoso, romanesco e brusco de Manoela Rey e ao enveredar no drama, no embate forte das paixões, nas grandes monographias femininas que o Dumas paradoxava p'r'a Croizette e p'r'a Bartet e o Sardou carpinteirava p'r'a Sarah, Virginia recebeu nas suas mãos patricias o sceptro que a Morte arrancára á maior impulsiva da Arte portugueza, Emilia das Neves, a extranha e descompassada tragica, que a Ristori uma noite coroou em scena e que passou pelos nossos palcos n'um turbilhão vertiginoso de Genio e de Imprevisto, de sublimidades extasiadoras de talento e desconchavos tremebundos de vulgaridade.

Ao invez, porém, do que soe acontecer na successão dynastica dos reis, em que, por via de regra, tráz de mim virá quem bom me fará e está sempre uma pessoa a rogar ao Altissimo os haja em sua santa guarda, não os leve o diabo e venham outros peores, na successão scenica da Emilia das Neves — como na herança de Pezani em Italia recolhida pela Duse — depurados os traços grosseiros, acarvoados e rigidos da tragica, nas linhas delicadas e affaveis da subtil nervosidade da Virginia, amaciadas as arestas do passionalismo cru da Escola ultra-romantica nos contornos pulidos das meias tintas humanas do theatro moderno, a pechosa sensibeleria dos nossos espiritos de derrancadinhos e impotentes, não se

coadunaria hoje com as violencias descabeladas da grande Emilia e é de louvar o Des-



Na VARINA de Fernando Caldeira

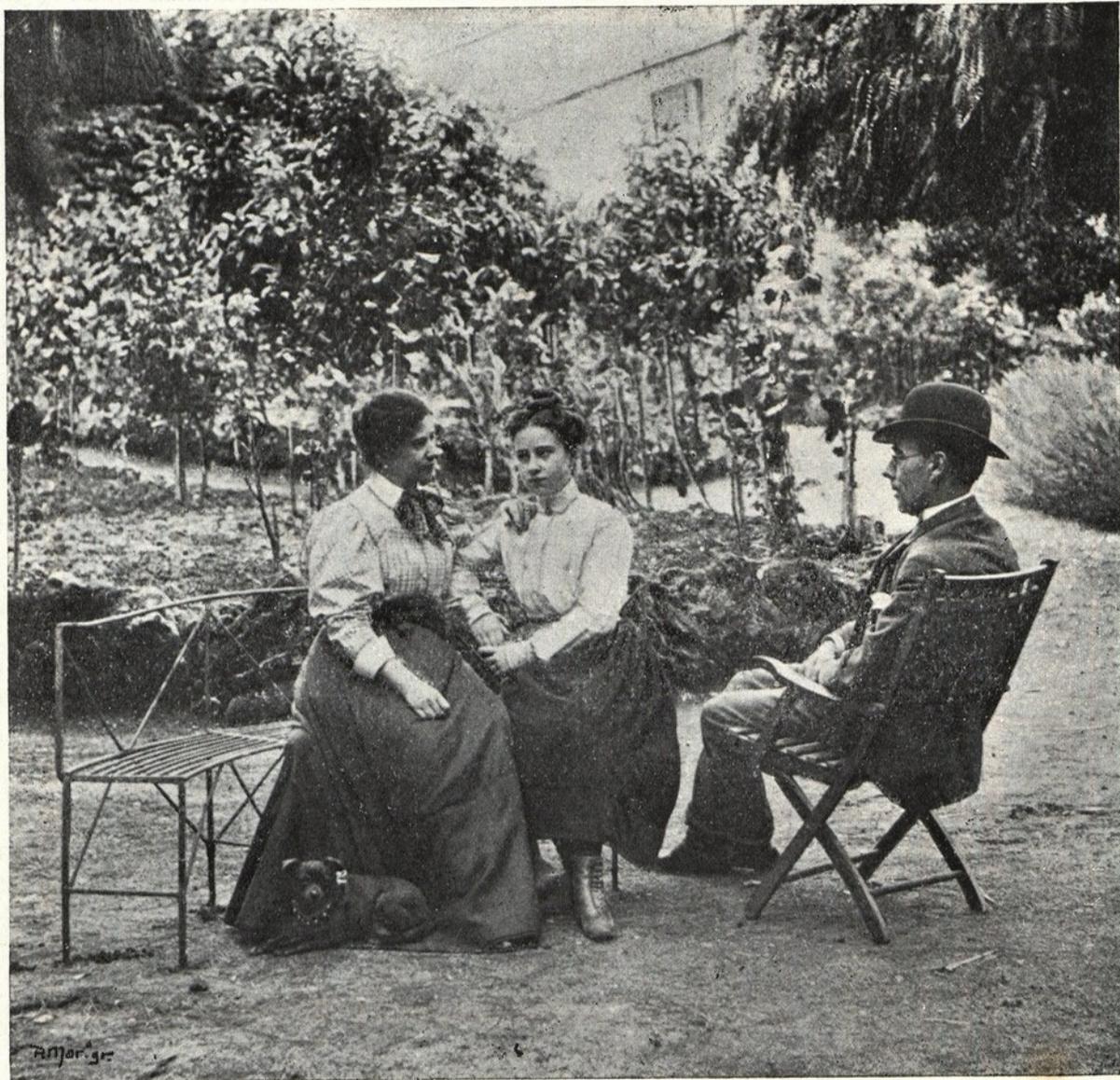
tino, em mysticas genuflexões de agradecimento, que em demasia nos favoreceu com os thesouros inexhauriveis e despilfarrantes do talento comedido e seguro, da arte pacificadora e inexcedivel da mais equilibrada e sensivel, da mais comovente e fascinante actriz moderna do theatro contemporaneo.

Herdeira de Emilia das Neves, que na tragedia dava o assombro e o arripio da *Lucrecia Borgia* e da *Maria Stuart*, e na comedia deu a gracilidade rendilhada das *Aventuras de Richelieu*, Virginia sublimando-se na morte pavida da *Fedora*, ou estylizando humorismos de Fernando Caldeira na *Mantilha de renda*, na *Varina* e na *Sarah* — se não ti-

communicabilidade contagiosa do riso, as gargalhadas do publico.

A mulher quando chora seduz, quando enlouquece; as lagrimas são a logica dos caprichos, os sorrisos os acicates da paixão.

O seu pranto e o gargalhar bussulam os dois polos magneticos em que o bicho-homem se debate, a vida inteira, nos tenta-



Nos jardins de sua casa em Bemfica:
a actriz VIRGINIA, sua FILHA, seu MARIDO o actor FERREIRA DA SILVA

nha os vôos condoricos, arrebatados e violentos, destrambelhados e epicos da creadora da *Joanna a doida* e o esfusiar brincão e petulante, hilare e coceguento do *Retrato vivo*, no drama e na comedia, nunca ninguem como Virginia chorou no Palco, nunca ninguem como ella riu em scena; — ninguem como Virginia, na immensidade da Angustia, dominou, magestosa e soffredora, as lagrimas d' uma platéa, ninguem como ella, sacudiu, na

culos veludineos e tenalhantes da escravidão mysogina, da fatalidade atavica que o prende, dê Adão, ás maçãs e aos fructos prohibidos das Evas despidas pelas tesoiras de Redfern e vestidas pelos mantos luxuriosos do Desejo e do Amor.

Isto é da natureza humana e da Sabedoria dos Povos, e, em palavras mais bonitas, já vem nos livros santos de todas as seitas e de todas as religiões, mas eu só o comprehendí,

n'uma iniciação e n'um aviso do ceu — de me fazer pôr as barbas de molho no refugio temporão do matrimonio — ao ver a Virginia chorar, na *Dôr Suprema* e ao vel-a rir na *Sociedade onde a gente se aborrece...*

A mocidade ingenua e casta, sentimental e triste da nossa terra, a cantar os seus sonhos, já altivos e efemerros, e a carpir as suas desillusões, ainda immaculadas e infantis, encarnara-a Virginia, quando moça, na *Maria do Frei Luis*, fechando, na sua festa artistica de 1880, a serie vastissima, gloriosa e triunfal da sua primeira feição artistica, alva como a candura, crystallica como a innocencia, perfumada e simples como a alma que lhe ria no peito — alma singela de criança n'um corpo anguloso e osudo a que o talento punha scintilancias perturbantes de Magia e de Belleza.

Mulher, mordida já pelos embates da vida, ferida nas batalhas do mundo, a cupular

o edificio polyformico de corações que sagram nos queimadeiros da Angustia e da Dôr, de espiritos que se evolum nas luctas da Paixão e da Ternura, ella que sublimara, n'uma estatueta delicada de Sévres, a figura espiritualizada das filhas por tuguezas, que no symbolo magnificante de Garrett sagram, em traços maravilhosos de prodigio, as primaveras virginaes da nossa gente moça, divinizou no marmore impecca-

vel e austero, rigido e forte da *D. Magdalena do Frei Luis*, as mães e as esposas d'uma



O camarim em D. MARIA na noite de festa em que VIRGINIA recebeu o officialato de S. Thiago

raça antiga e nobre, que tendo sido atavicamente a nossa, parece hoje perdida na gafaria podre e desvergonhada, surrelfia e suja dos pantomimeiros e serigaitas do nosso tempo.

D. Magdalena de Vilhena é a personificação theatral da nossa grande dama, da nobre senhora dos nossos salões solarengos d'onde sahiam os heroes, os navegadores e os santos. Honesta e intelligente, resoluta e compassiva,

extremosa e delicada, crente e soffrida, infeliz e resignada, supersticiosa e santa, D. Magdalena, toda candura e bondade, toda infortunio e nobreza, teve em Virginia, naturalmente intellectiva e digna, audaciosa e terna, dedicada e gentil, piedosa e concentrada, triste e generosa, credula e boa, toda alma e sentimento, toda arte e pundonor, a mais fiel e perfeita, a mais verdadeira e scintillante interpretação que em fulgurancias de talento e benedictismos de detalhe, pode arco-irisar em scena os marmores serenos e eternos da grande estatua feminina em que Garrett moldou, com o sangue quente das nossas arterias e com o sentimentalismo romantico dos nossos espiritos, a synthese radiosa e immortal da Mulher portugueza.

A *D. Magdalena* da Virginia não foi a criação de um personagem: foi a corporisação de uma alma. Não foi a reconstituição scenica de um typo: foi a exteriorização theatral de uma patria.

Na ampliação generalizadora do personagem, que tem em si a symbologia da femi- nidade lusitana, Virginia deu á *D. Magdalena* a grandeza e a vastidão d'uma synthese de pscologia collectiva, tão luminosa e larga, tão característica e ethnica, que ao vel-a em scena, ululante e desgrenhada, pundonorosa e vencida, dir-se-ia a encarnação miraculosa da Patria portugueza, infortunada e augusta, cavalheirosa e opprimida, a despedir-se do mundo de felicidades e victorias das navegações e conquistas da sua renascença manue- lina, p'ra entrar, como a esposa casta de Manuel de Souza e a viuva saudosa de D. João de Portugal, no sepulchro esmagador e sotur- no da dynastia bringantina, na fatalidade irre- paravel do jesuitismo, com o seu inicio de sangue nos areaes de Alcacer e a sua cupula de lama nas provações do presente.

Artista insigne, mulher impeccavel, que no palco se diviniza e no lar se santifica, que pela sua arte arranca admirações e pela sua dignidade concita respeitos, agora, que a doença a affastou da scena, onde raro ella vem fulgir, na candura dos seus cabellos bran- cos e na maviosidade da sua dicção, os ver- sos sonoros da *Historia antiga* ou a prosa en- luvada do *Casamento e mortalha*, a sua car- reira artistica pode dizer-se terminada com a festa enthusiastica, inolvidavel e captivante com que, a 14 de junho de 1902, se commem- orou em D. Maria II, n'uma florida apo-

theose de affectos e carinhos, a mais bem cabida graça regia que das alturas do Mode- rador — conferindo-lhe o unico officialato de S. Thiago que decora uma actriz portugueza — tem cahido sobre o merito e o talento, a dignidade e a candura d'uma organização excepcional de Mulher e de Artista, de es- posa e de mãe...

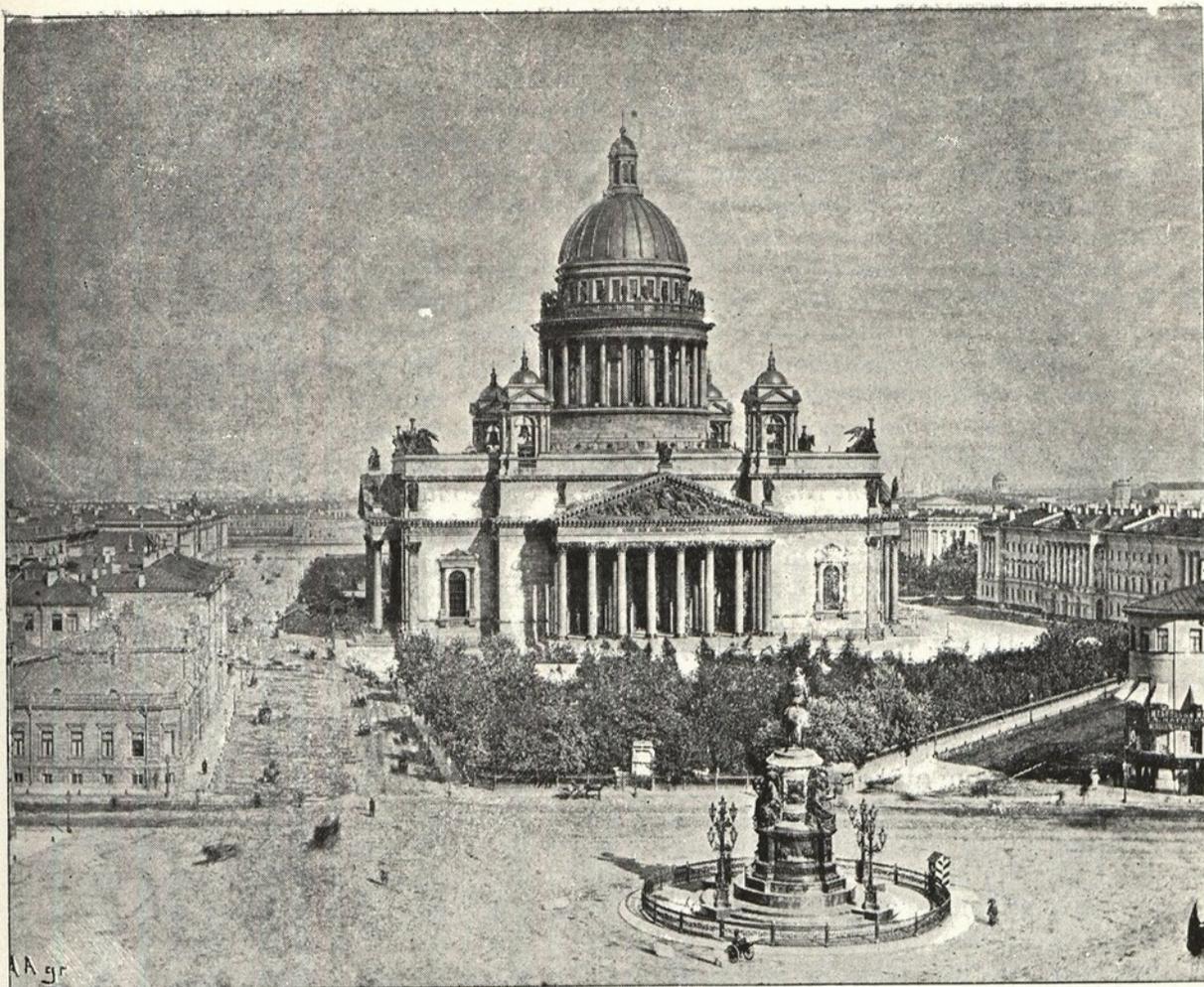
O palco juncou-se-lhe de flores; o cama- rim, colgado de sedas e tropheus, de luzes e verduras, assemelhava-se a um templo festivo e sagrado, em que as preces dos crentes, sub- biam, em nuvens de felicitações e parabens, ao altar engalanado d'uma Madona milagren- ta e bondosa, com um sorriso para cada de- voto, uma lagrima de agradecimento para cada officiante.

Cá fóra na sala, dêa da rainha D. Maria Pia té aos cachos de anonymos que se de- penduravam nas torrinhas, Lisboa em peso vibrava na mesma galvanisação de sympathia e de entusiasmo e olhos resplendentes de ternura marcjaram-se de commoção, quando, ao fim dos *Peraltas e Secias*, artistas de todos os theatros, Tabora o bom velhote, Emilia Candida a santa velhinha, Cesar de Lima o faceto velhõro—fizeram roda e versos dos maiores poetas da nossa Terra, começaram de desfiar, em rimas sonoras, rosarios de lóu- vores á Rainha do Palco e dos Corações— Santa Virginia Senhora Nossa—que o decre- to de 24 de maio de 1902 agraciara com o habito de S. Thiago e a quem as mulheres por- tuguezas,—n'uma pasta pinturilada pelo de- dicado affecto de Antonio Ramalho—offer- tavam as insignias da Ordem e a homenagem do seu respeito, do seu amor e da sua admi- ração...

...Foi a ultima vez que a vi chorar em scena.

Nunca ninguem chorou no theatro como a Virginia, mas nunca Virginia havia chorado como n'aquella noite lagrimas bemditas e dulcissimas de felicidade, de alegria e de triumpho...

Lagrimas victoriosas, lagrimas triumphaes que nunca n'um palco foram choradas com maior dignidade e maior talento, com mais espontanea Arte e Alma mais sublime... Lagrimas santissimas, lagrimas abençoadas que diziam na sua eloquencia toda a grande- za de um talento, toda a bondade de um cora- ção que eu quizera ter-lhes ensinado a amar n'estas lythanas barbaras, oração fervorosa e rude a Santa Virginia, Senhora Nossa, Rai- nha dos Palcos e dos Corações...



S. PETERSBURGO — A CATHEDRAL DE SANTO ISAAC

Vinte dias na Russia

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROZO

CAPITULO V

A CAPITAL (continuação)

As ilhas. — A cathedral de Santo Isaac. — As egrejas. — A minha visita á Sociedade de Geographia. — O theatro na Russia. — Os allemães em S. Petersburgo.

É uma impressão difficil de traduzir descriptivamente, a que em mim produziram as «ilhas» (*ostrová*), onde se acham alguns dos bairros mais pitorescos da cidade.

Conforme se sabe, a parte principal de S. Petersburgo está situada na margem esquerda da Nevá. Foi ali que primitivamente começou a construí-la Pedro o Grande, quan-

do modificou o seu plano primitivo, no qual a *Vassily Ostrov* (ilha de Vassili) havia sido escolhida para centro da nova capital.

À medida, porém, que a população foi crescendo, e que consequentemente se foi necessitando cada vez de mais largo espaço para a sua accomodação, principiaram as outras ilhas a povoar-se e a cobrir-se de edificações também. Actualmente quasi todas ellas são habitadas. Sómente o não são as chamadas *ilhas livres* na embocadura da *Malaia Nevá* e algumas das situadas ao sul da embocadura da *Nevá*, propriamente dita, ou *Bolchaia Nevá*, como a de *Krugli*, a de *Trukhtanas* etc.

Das povoadas são as mais dignas de menção: a já citada *Vassily ostróv*; a *Peterburgsky ostróv*, onde se levanta o bairro de S. Peters-

burgo; a *Petróvsky ostróv*, a ilha favorita de Pedro o Grande, que ali construiu o parque *Petróvsky* e o *Castello de Pedro I*, casa que ainda hoje lá se vê; a *Aplersky ostróv*, notavel pelo jardim botânico, que n'ella existe; a *Kamenny ostróv*, onde se encontram os mais ricos chalets dos habitantes de S. Petersburgo, e que conta entre os seus edificios o *palacio de Paulo I*, a *egreja de S. João Baptista* — antigo cemiterio dos cavalleiros da ordem de S. João —, o *palacio dos invalidos da marinha*, e o *theatro de verão*, onde no mez de julho ha representações em francez, em allemão e em russo; a *Krestovsky ostróv* celebre pelo seu *Castello*, pelo soberbo *parque Biélozersky*, que em grande parte a occupa, e pela magnifica avenida *Alexandrovsky*, que a atravessa em todo o seu comprimento e de cuja extremidade oeste se descobre o vasto panorama do golpho da Finlândia; finalmente a *Ielaghin ostróv*, a mais septentrional de todas ellas, onde o tsar Alexandre I construiu para a imperatriz o *palacio Ielaghinsky*, notavel sobretudo pelo formoso parque que o rodeia.

Estas ilhas, quarenta ao todo, apenas se funde o gelo, que de inverno as cobre com o seu alvo lençol, transformam-se como por encanto, aos primeiros afagos da primavera, em risinhos jardins, atravessados em todas as direcções por alamedas encantadoras e pitorescos canaes. É ao longo d'essas alamedas cheias de perfumadas sombras, que ninguem diria compatíveis com tão alta latitude, e espelhando-se garridamente n'esses canaes parece que arrancados a alguma paisagem italiana e transportados para as frias regiões do norte pelo mysterioso poder de desconhecida fada, que se vêem as afamadas *dátchas*, pequenos mas originalissimos *chalets*, onde o hab tante de S. Petersburgo, que não possui uma *imiénie* no campo, vai passar apenas a temperatura se suaviza, e se torna tepido o curto mas delicioso verão septentrional, entre as suas flores favoritas, a respirar o ar puro, saudavel do mar e das arvores... *Dátcha*, nome por que são conhecidas estas pequenas casas, significa propriamente *dadiva*, do verbo *dati* «dar», por isso que Catharina II fez doação das ilhas, onde estas *villas* estavam construidas, a diversos personagens da sua côrte. Hoje em dia, muitas d'ellas pertencem a particulares. Outras, porém, são para rendimento e alugam-se mobiladas a quem deseja arrendal-as.

Descrever o que sejam estas *dátchas*, que se contam por muitos centenaes nas ilhas principaes, é tarefa que mais tem que auxiliar-se da imaginação do escriptor do que recorrer aos apontamentos colligidos na carteira do viajante.

Eu tambem as vi, essas formosas vivendas, unicas no seu genero, a um tempo opulentas de decoração e adoraveis de singeleza, e não posso descrevel-as, sobretudo se tento reproduzir o singular espectáculo do conjuncto de todas ellas. A evocação de semelhante scenario, sem par entre quantas maravilhas a Europa mostra desvanecida, ao *touriste* que a percorre, desafia o poder descriptivo do mais consummado artista. Imagine-se ao longo de parques verdejantes, verdadeiros jardins em que a contar de abril as *ilhas* se convertem, um sem numero de *chalets* de madeira, rendilhados a capricho, das mais variadas côres, e esgotando todos os estylos architectonicos possiveis, desde a severa casa norueguesa, com o seu telhado do feitio de um chapeo de sol para a proteger contra a neve até ao gracioso pagode oriental, enfeitado de allegoricos arabescos, recamado de ouro, e de fórmias tão esbeltas, que se pergunta com espanto como teem podido ellas resistir intemeratas aos rigores d'esses longos invernos, que durante seis mezes consecutivos annualmente as açoutam.

Cada um d'estes *chalets*, ou d'estas *dátchas*, para lhes darmos o nome appropriado, consta invariavelmente de um rez-do-chão e de um primeiro andar, de janellas rasgadas e envidraçadas com elegancia, por detraz das quaes entre cortinados de seda branca ou de linho alvo debruado a cores vistosas, se vêem artisticamente dispostos os vasos de flôres, que constituem o indispensavel adorno de toda a casa de campo n'esta parte da Russia por onde viajei.

O rez-do-chão, quasi sempre em forma de atrio rodeado de taboleiros de relva e de maciços de arbustos, em plena floração tambem no momento em que ali estão, dá por via de regra para um pequeno *square*, cultivado com esmero, junto do qual ora passa o caminho assombreado por arvores frondosas, ora se espreguiça com indolencia um canalzinho perturbado apenas no seu remansoso socego pelo grasnar melancolico das bandadas de patos gansos ou pelo deslizar imperceptivel de alguma barquinha tripulada por alegres remadoras...

Esta é em geral a feição commum das *dátchas*, que povoam as *ilhas* de S. Petersburgo. Não se imagine porém, que o espectáculo parece monotono pela repetição continuada da mesma nota. Ao contrario, podemos dizer, que em todo elle domina a mais accentuada polychromia. Dentro do tom uniforme do conjuncto cabem innumerous matizes, que são o bastante para caracterisar a individualidade artistica de cada unidade. E' a fórmula, é o estylo, são as dimensões, é a

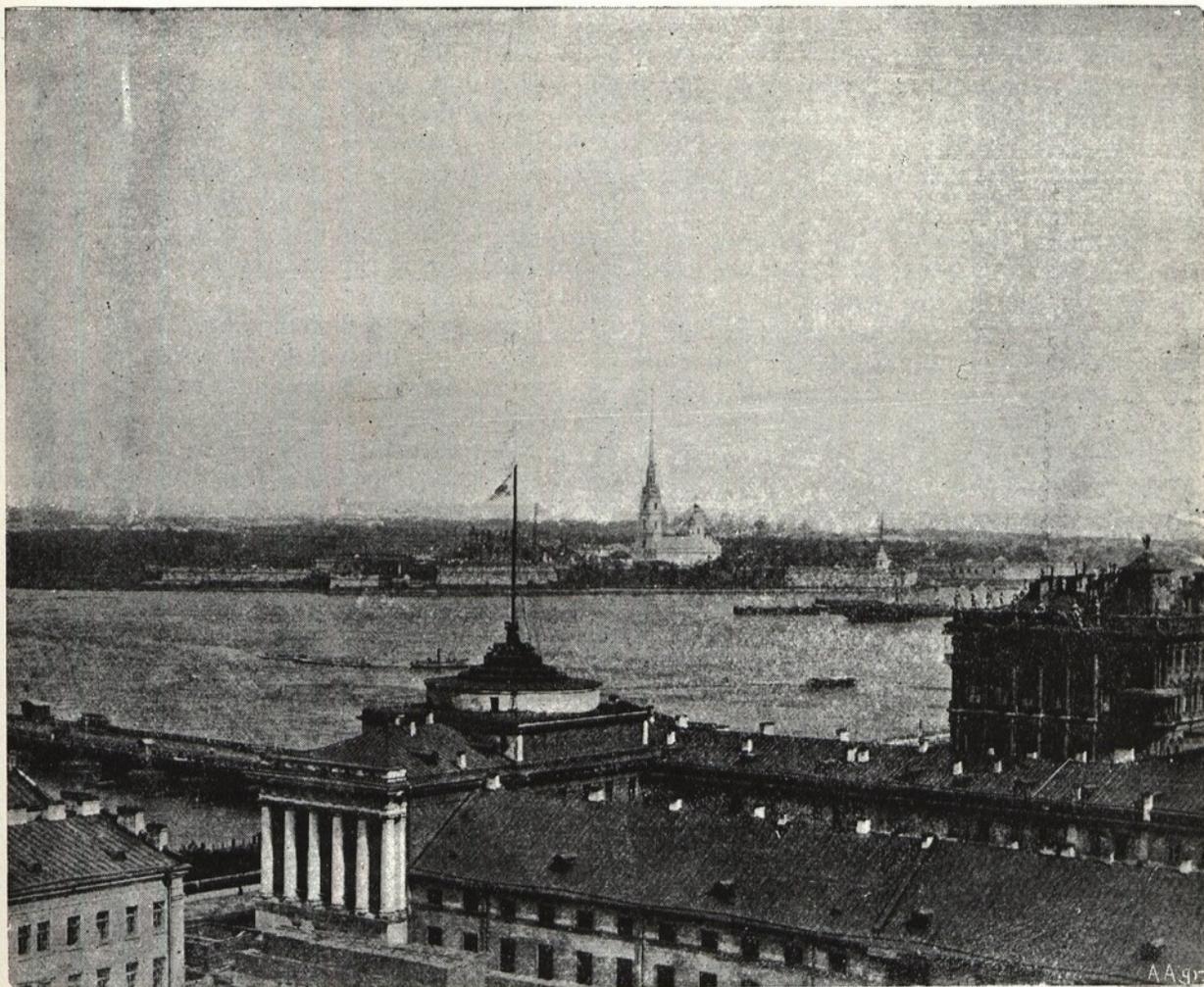
côr, são os accidentes do terreno, é a exposição mais ou menos pittoresca, são emfim as mil particularidades que fazem cada uma d'estas construcções differente das demais, e a totalidade de todas ellas alguma cousa completamente distincta de tudo quanto eu até ahi tinha visto.

A perspectiva, que ás vezes ante mim se patenteava ao defrontar súbitamente ao fundo d'alguma alameda com uma nova *dátcha* meia coberta de verdura, como ninho amoravelmente escondido a occultar os seus amo-

dados algum lastimavel equivoco de calendario, pois mal podia acreditar que o verão official da Russia se apresentasse com tão desprimoroso aspecto para nos fazer as honras da casa, n'um paiz onde é tradicional o uso da mais fidalga hospitalidade.

Mais tarde soube que ás vezes, não sempre, o mez de agosto nas proximidades do golpho da Finlandia é assim. Como se vê não tinha tido sorte. . .

Foi ao voltar da ultima das minhas excursões ás *ilhas*, que no hotel encontrei um te-



S. PETERSBURGO — A NEVÁ

res, fazia-me sem eu querer pensar n'outras terras, n'outros céos. . . E' que, com effeito, as *ilhas* da Nevá, são, permitta-se-nos a ousadia da phrase, um anachronismo geographico. Tudo se póde esperar em S. Petersburgo menos esta tão imprevisita surpresa. Pena foi que o tempo, como que a accentuar bem o contraste, persistisse em se mostrar de tão feia catadura.

Por vezes o frio e a chuva, verdadeiramente invernaes, faziam-me pensar se nas regiões onde nos achavamos, não se teria

legramma, que me obrigou a abreviar a estada na capital. Era da familia Slaviansky, velho conhecimento de Lisboa. O telegramma vinha datado de Koltsóvo, pequena aldeia do governo de Tver, e n'elle era convidado a ir passar alguns dias na propriedade, que n'aquelle governo e proximo ao Volga possue o afamado maestro.

Inutil será dizer que respondi immediatamente acceitando presuroso este amavel convite, que me ia proporcionar ensejo para eu realizar uma das minhas melhores aspira-

ções, acalentada com persistencia havia muito tempo, é certo, mas singularmente alvoraçada depois que passára a fronteira russa — viver algum tempo n'esse campo, que eu apenas tivera occasião de vislumbrar de relance pelas janellas do meu wagon, e vêr de perto esses *mujiks*, a que durante tantos annos tinha dado proporções quasi phantasticas a minha imaginação meridional, excitada pela leitura das *skázkas* de Afanasiev e das commoventes descripções de Turguénev...

E a aldeia, onde eu ia passar alguns dias era pouco mais ou menos na região onde o grande romancista russo collocou o scenario da maior parte dos seus contos. Por ali perto se haviam composto as *Memorias de um caçador*. Do governo de Túla ao governo de Tver a distancia não é grande, com effeito, visto como estes dois governos são limitrophes.

Por minha vontade, — tão grande era a impaciencia de chegar a Koltsóvo — teria partido sem perder um momento.

Não podia, porém, deixar assim S. Petersburgo. Embora a minha estada n'esta capital tivesse de ser, pela estreiteza do tempo de que dispunha, muito curta, uma vista d'olhos pelo menos á cathedral de Santo Isaac-o-Dalmata era de rigor, além de diversas visitas que não podia deixar de fazer, entre outras á Sociedade de Geographia, para onde tinha um encargo da commissão central do centenario da India, e ao nosso ministro em S. Petersburgo, o ex.^{mo} sr. conselheiro Agostinho de Ornellas, que n'essa occasião se achava veraneando em Peterhof, e ao qual tinha que ir agradecer o delicado convite que recebera para um jantar na sua residencia.

No dia seguinte, domingo, havia festa na Cathedral. Era preciso, pois, aproveitar a oportunidade.

A's dez horas da manhã saí do hotel e preferindo fazer o caminho a pé, dirigi-me para o sitio onde me tinham dito que ficava a igreja, contando lá chegar sem maior incidente, apesar de apenas me poder ir orientando com o auxilio das repetidas informações, que a torto e a direito pedia a todos que encontrava. Ao cabo de algumas voltas e contravoltas lá fui dar, com effeito.

A cathedral de Santo Isaac, ou como ella se appellida com o seu nome russo completo: *Sobór Sviátavo Tchúdotvórnavo Isaakiia Dalmatinskavo*, o que quer dizer: *Cathedral do Santo e Milagreiro Isaac o Dalmata* é a mais vasta, a mais rica e a mais grandiosa igreja de S. Petersburgo.

A sua construcção apparece-nos quasi como uma lenda, tão prolongada no tempo e tão cortada de incidentes nol-a pintam. No local onde hoje a cathedral se levanta, começou Pedro-o Grande em 1710 a edificar uma igreja de madeira, que só foi acabada ainda assim em 1727. Em 1735, porém, foi ella incendiada por um raio. Catharina II quiz levantar outra em seu logar, mas deixou-a incompleta. Paulo I acabou-a em 1801. Em 1819 collocou Alexandre I a primeira pedra da cathedral actual. Continuou-a Nicolau I. Quem a concluiu, no entretanto, só foi Alexandre II em 1858.

E' increditavel o que n'esta construcção se dispendeu. As sommas ali gastas ascendem á fabulosa quantia de vinte e tres milhões de rublos, ou pouco mais ou menos dezoito mil contos da nossa moeda! . (1)

Tambem não é de admirar semelhante despeza, se se attender ás difficuldades da construcção e á riqueza da decoraçáo interior.

Os alicerces, principalmente, foram um sorvedouro. Como o chão de S. Petersburgo, ganho ha pouco tempo ainda relativamente ás aguas da Nevá e do golpho da Finlandia, não apresentava a sufficiente consistencia para aguentar uma tal móle, foi necessario enterrar florestas inteiras, sob fórma de estacaria, para se alcançar uma tal ou qual estabilidade, e dizemos «tal ou qual» porque annos mais tarde, já depois de construída a igreja tornou-se preciso reforçar os antigos alicerces por meio de trabalhos dispendiosissimos, sobretudo para segurar o terreno do lado do rio.

O edificio é todo construído de marmore e granito. Tem a fórma de uma immensa Cruz grega e remata-o soberbo e alteroso zimbório. Em cada uma das quatro faces abre-se uma entrada, ao cimo da soberba escadaria feita de degrãos de pedra inteiriços, que circumda a magestosa construcção. As duas entradas principaes formam riquissimos porticos, imitando o Pantheon de Roma, cada um d'elles com dezeseis enormes columnas monolithas de granito vermelho da Finlandia, de dezeseite metros de altura e a espessura correspondente, com os pedestaes e os capiteis de bronze cinzelado. Estas columnas sustentam uns frontões, que nas duas faces principaes chegam a attingir trinta e seis metros de comprimento e cujos tympanos são decorados de baixos relevos tambem de bronze, representando diversas scenas da historia do Christianismo por Vitali, Klodt e Lemaire.

Accrescente-se ainda a esta magnificencia,

(1) Este calculo foi feito pelo cambio existente á epocha d'esta viagem.

para se ter uma idéa do extraordinario occurrente e calcular embora muito imperfeitamente a impressão de grandeza esmagadora, que em nós produz quando d'elle nos aproximamos, o zimbório principal, que corôa o edificio inteiro, de perto de trinta metros de diametro, rodeado de vinte e quatro columnas de granito de nove metros de altura cada uma, encimado tudo isto por um lanternim, igualmente circumdado de outras vinte e quatro columnas e terminado por uma gigantesca cruz dourada, assim como dourado todo é o zimbório, que de longe quando em cheio lhe batem os ultimos raios avermelhados do

concentrada observação, com que durante a hora que ali estive procurei fixar na memoria o quadro, que diante de mim se patenteava.

Estava a começar o officio, quando entrei na Cathedral. Apesar, porém, d'esta circumstancia, de serem apenas dez horas da manhã e de estar caindo uma chuva miudinha, mas tão gelada, que parecia querer dar-nos em pleno verão um ante-gosto do inverno russo, já a igreja se achava apinhada de gente, e foi só a muito custo e distribuindo com profusão os mais implorativos *pajáluista* (expressão de cortezia empregada constante-



S PETERSBURGO — O MONUMENTO DE NICOLAU I E, O PALACIO MARIA

sol poente se assemelha a uma pyra colossal, accendida lá em cima em homenagem ao deus, que habita o templo. . .

O interior é em tudo digno da grandiosidade do exterior. Descrevel-o mesmo em todos os seus pormenores, e sobretudo dar vida por uma descripção a todos os seus deslumbramentos, ser-me-hia absolutamente impossivel, não obstante a minuciosidade das notas da minha carteira e sem embargo da

mente, e que equivale pouco mais ou menos ao *bitte* allemão e ao nosso *perdão* em portuguez,) que consegui obter um logar rasoavel donde podesse dominar toda a vasta amplidão, que diante de mim se estendia. Fiquei mesmo em frente do *iconostasio*, divisão que, como se sabe, separa nas egrejas gréco-russas o sanctuario, propriamente dito, da nave e onde estão collocadas as imagens ou *icónes*, provindo-lhe d'ahi o nome porque é conhecida.

Pude então vêr pela primeira vez na sua indescriptivel pompa uma igreja orthodoxa, e a impressão recebida por este espectáculo para mim tão novo é d'aquellas, que jámais se me apagará da memoria por muito que viva. Primeiramente, a riqueza material das decorações e das alfayas é assombrosa. Por toda a parte ouro, marmore, velludo, pedras preciosas a scintillarem na meia penumbra em mil phantasticas reverberações. Logo á entrada deparam-se-nos as quatro portas collossaes de bronze, artisticamente ornadas de esculpturas por Vitali.

Dentro todas as paredes são forradas de esplendidos marmores, offerta do principe Demidov ao imperador Nicolau, além da quantidade de notabilissimos quadros da escola nacional, que as guarnecem. O *iconostasio* é de marmore dourado, e são de preciosos mosaicos algumas das grandes *icónes* n'elle engastadas. A porta principal do sanctuario considera-se uma das melhores obras de Vitali. Tambem de bronze, tem aos lados dez meias columnas, duas de lapis-lazuli e oito de malachite, com os pedestaes e os capiteis dourados. No sanctuario, onde como no recinto consagrado ao velho Zeus de Olympia é vedada a entrada ás mulheres, eleva-se um riquissimo altar de marmore branco e o tabernaculo ou sacrario, todo feito de prata maciça, representa em ponto pequeno a fabrica da cathedral inteira. Finalmente dominando todo este conjuncto de magnificencia e riqueza levanta-se a cupula principal, coberta de pinturas de Brullov e em cuja parte inferior uns anjos gigantescos de bronze dourado adejam, como divindades protectoras, sobre a multidão ajoelhada em baixo. Depois são os candelabros de prata, e de bronze cinzelado, os evangelarios de ouro, os relicarios esmaltados, um Santo Sepulchro de prata dourada, e todos os demais objectos do culto, feitos de ouro artisticamente lavrado, reluzentes de pedrarias, a dar-nos a visão de uma opulencia desconhecida no nosso Occidente...

Se a sensação, porém, produzida pelo aspecto de toda esta sumptuosidade material, é grande, não póde ella ainda assim comparar-se á profunda e solemne impressão, que a magestade do acto religioso produz no nosso espirito. Essa é intraduzivel, não ha meio de dar uma idéa d'ella. Sente-se, mas não se reproduz; e pareceria verdadeiro sacrilegio querer mesquinamente apoucal-a, isto é pretender descrevel-a com os limitados recursos da nossa pobre linguagem humana. Seria preciso a unccão mystica de um Haendel, de um Bach ou de um Palestrina, auxiliada na sua inspiração genial pela mais sublime de

todas as artes, para fixar n'uma d'essas obras primas immoredouras, que são como que a revelação de outros mundos, as phases grandiosas e o tom extranhamente commovedor d'esta lithurgia sem igual...

Eu por mim posso dizel-o, ao recordar o que n'esse instante senti.

Quando o côro principiou a entoar a litania cadenciosa e rythmada de uma especie de *Tedeum laudamos*, a que pareciam responder repassadas de tristeza as notas dolentemente arrastadas dos tenores e dos baixos; quando de repente como uma explosão de dôr dilacerante echoou por todo o recinto da cathedral, proferido por mil vozes, o grito a um tempo formidavel e compungido: *hóspod! pomilui!... hóspod! pomilui! pomilui!...* (*Senhor! tende misericordia de nós!... Senhor! tende misericordia de nós!*), confesso que, tomado de indizivel commoção, senti desejos de ajoelhar tambem, e que por momentos, sem dar conta de mim proprio, me quedei identificado com o espectáculo sublime, que no meu espirito, não sei bem se por idiosyncrasia ou atavismo, acordava extranhas sensações e suavissimas harmonias...

E depois, ali tudo insensivelmente nos prepara para o effeito produzido.

A' decoração grandiosa do templo e á opulencia semi-asiatica o ritual vem juntar-se o grave recolhimento da massa dos fieis, onde todas as classes sociaes e todas as gerarchias se confundem na mesma homenagem de entranhada devoção á gloriosa igreja orthodoxa, sob cuja egide a Santa Russia conseguiu atravez dos seculos ganhar para si o primado do mundo.

Na nossa Europa do occidente, septica nas classes illustradas e eivada de fanatismo nas camadas populares, não se comprehenderia um espectáculo d'estes, dado o caso mesmo que entre nós elle se podesse produzir.

O serviço divino, com effeito, nas igrejas russas impressiona mais que as ceremonias do catholicismo romano.

É as razões d'este facto embora complexas, não são difficeis de explicar.

Umás dependem da propria natureza da celebração. Outras relacionam-se com o meio social e religioso, que na Russia é muito differente do meio occidental contemporaneo. As primeiras, que chamaremos intrinsecas, reduzem-se á maior «plasticidade», seja-nos relevada a expressão, do culto, byzantino por excellencia ainda hoje, quer dizer oriental, e por tanto fallando mais aos sentidos, á imaginação.

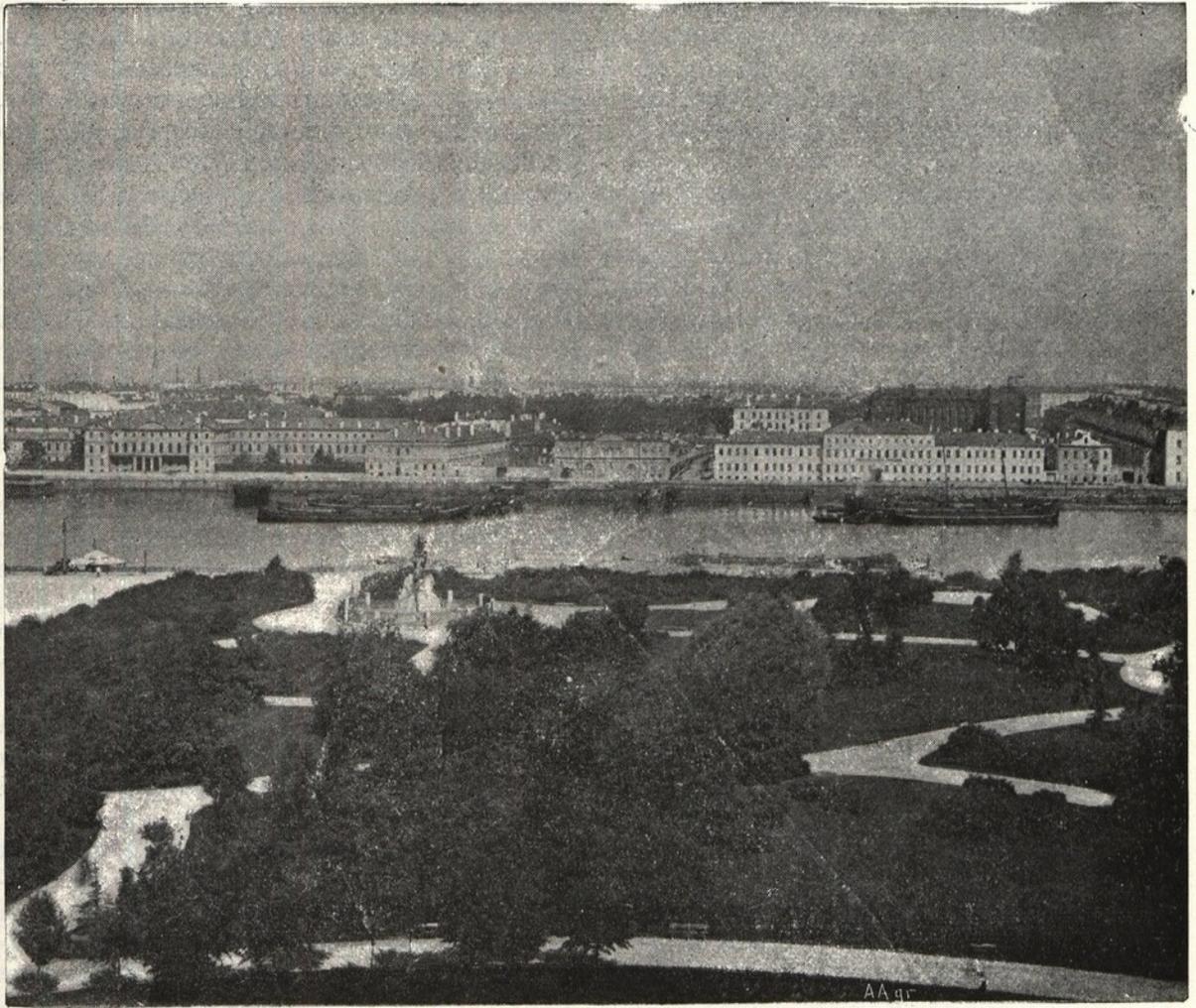
O papel preponderante, que o canto tem actualmente na igreja slava, é a melhor prova d'esta feição caracteristica.

As segundas, as razões extrinsecas, são as que derivam do meio.



Houve tempo, nos seculos piedosos da Edade-Media, quando o christianismo representava a suprema aspiração de todas as almas crentes e o maior esforço intellectual dos espiritos superiores; quando o papado era a primeira das instituições sociaes, e a cathedral symbolisava o refugio mais certo e mais consoladôr para todas as grandes dôres hu-

manas e poderoso do racionalismo philosophico, a Igreja catholica deixou de ser a tutora dos povos occidentaes, e perdeu entre nós essa unanimidade de adhesão que lhe valeu a missão superior e unica, que durante alguns seculos desempenhou com brilho tão singular. E' um mal? E' um bem? Não o sabemos, ou antes não o queremos n'este momento inquirir. Basta accentuar que é um facto consummado, contra o qual nem as mais legitimas saudades do passado podem prevalecer. A alma russa, porém, na singele-



S. PETERSBURGO — O MONUMENTO DE PEDRO O GRANDE

manas, — em que tambem os templos catholicos elevavam as multidões, nos anceios e no extasis da fé, até essas regiões supremas onde os homens se transfiguram pela contemplação do que elles julgam ser a verdade divina.

Esse tempo, porém, passou para não mais voltar. Batida por mil revoluções, enfraquecida por mil discordias intestinas, dividida por scismas, desacreditada por heresias, arruinada em grande parte pelo ariete persis-

za virginal da sua infancia, cheia de audaciosos sonhos e presentimentos, é certo, mas perfumada ainda por todas as crenças, que de ha muito o resto da Europa perdeu na prosaica aridez do labutar hodierno, não chegou por ora a este estado de mentalidade, em que as poeticas illusões da primeira quadra da vida se trocam pela duvida e pelas demonstrações tão desconsoladoras por vezes do scepticismo da edade provecta.

Na Russia, entre as massas populares, a fé

continua a existir vivida e fervorosa. Tive d'isso bastantes provas nas cidades e nas aldeias, que visitei. E caso singular, que mais de uma vez me surpreendeu, tive ensejo de certificar-me que ao contrario de certas lendas que no Occidente correm, ha ali talvez entre o povo, mais religiosidade ⁽¹⁾ propriamente dita que fanatismo. O sentimento que predomina, é o de vago reconhecimento do poder incontestavel de um Deus, a que resignadamente, sem queixas, sem lamentações, sem revoltas inuteis, o homem tem que submeter-se. E' um reflexo esbatido do fatalismo oriental, attenuado, porém, pelo poder redemptor da oração e da prece. Por isso nada mais solemne entre os slavos orthodoxos do que esses cantos religiosos, que simultaneamente nos commovem e nos arrebatam.

.....
Quando retomei novamente posse de mim, arrancando-me á irresistivel fascinação de quanto me rodeava, era tempo de partir porque a hora estava muito adiantada. O côro continuava a soluçar a sua sentida melopeia, cortada apenas de vez em quando pela invocação: *hospod! pomilui! hospod! pomilui, pomilui!*... que, a amortecer-se pouco a pouco, por ultimo apenas um fraco gemido a perder-se na distancia, eu fui ouvindo até aos ultimos lanços da escadaria exterior da Igreja.

Cá fóra, a chuva miudinha e fria continuava teimosamente a cair, obrigando-me a procurar um *izvóchtchik* para voltar ao hotel.

.....
Ainda visitei mais duas igrejas em S. Petersburgo, — a de S. Vladimiro (*Tserkov Vladimirovskoi Bójièi Máteri*) e a cathedral de S. Pedro e S. Paulo (*Petropavlovskii sobor*), que não deve confundir-se com a igreja luthericana de S. Pedro e S. Paulo (*Tserkov Liuteranskaia Petra i Pavla*) situada junto á *Bolchaia Koniuchennaia* (rua grande das cavallariças).

A igreja de S. Vladimiro nada tem de notavel, a não ser os seus cinco zimbórios dourados. A cathedral de S. Pedro e S. Paulo, porém, sem lograr excitar a minha admiração, depois do que eu vira na cathedral de S. Isaac, é ainda assim importante, sobretudo pelas tradições que lhe andam ligadas, e pelo fim principal a que se destina. Construida na cidadella, (*Petropavloskaia kriepesti*), que fica do outro lado da Nevá, exactamente em frente do Palacio d'Inverno, no sitio onde o rio é mais largo, serve hoje em dia de Pantheon da familia real, e ali se encontra a

crypta dos Imperadores da Russia da casa dos Romanov.

Pódem, com effeito, vêr-se dos dois lados da nave, alinhados e mudos os sarcophagos de marmore branco, — tendo por unico distinctivo uma simples cruz — de todos os tsares, desde Pedro-o-Grande e Catharina II até ao ultimo monarcha fallecido.

Apesar no entanto da riqueza d'esta cathedral, e da de muitas outras que ainda se encontram na capital, como a de Kazan, a da Trindade, a do Salvador, a de Ismailov, a de Spasso-Preobajensky, póde dizer-se que S. Petersburgo não se torna notavel nem pelo numero nem pela qualidade das suas igrejas. Nem tem mais do que qualquer outra das grandes capitaes da Europa, relativamente, nem as tem mais ricas, a não ser a de Santo Isaac. Para n'este genero encontrar a nota original é preciso visitar Moscou. Só indo lá se póde saber o que as igrejas são no imperio moscovita, o seu numero, a sua apparencia, e a riqueza que as caracteriza. Mas a visita que eu projectava á capital sagrada da Russia, ainda devia tardar algum tempo, e por isso tenha paciencia o leitor de esperar um pouco, se por ventura o cansaço d'esta descripção não o fizer desistir de ir na minha companhia.

Como compensação, porém, no caso de me acceitar por guia, affianço-lhe desde já que não perderá com a demora, sobretudo se me quizer acompanhar, em espirito, já se vê, na minha excursão ás aldeias do interior do governo de Tver, excursão que eu considero como o *clou* de toda a minha viagem.

As ultimas vinte e quatro horas da nossa estada em S. Petersburgo reservei-as para a Sociedade Imperial de Geographia, — e á noite para o theatro.

A Sociedade de Geographia está installada no edificio do Ministerio da Instrucção Publica, proximo da praça Tchernichev e da Fontanka, onde tambem se encontra o ministerio do Interior. As suas collecções e a bibliotheca, que com toda a minucia visitei, estão provisoriamente arrumadas n'umas salas de emprestimo, diga-se a verdade, mais do que modestas para hospedar a illustre e afamada associação, que n'este mesmo momento acaba de publicar em tres formosos volumes o balanço dos seus trabalhos de meio seculo (1845-1895). Na ausencia do presidente, que se encontrava veraneando em Nijni-Novgorod, e do secretario perpetuo o sr. Semenov, n'essa occasião occupado na Nova Zembla em interessantes observações astronomicas, fui recebido pelo sr. Eugenio Osipovitch Romanovsky, o qual com uma captivante amabilidade tomou conta do con-

(1) E' preciso notar que a parte da Russia que visitei é a mais civilisada, e que seria absurdo querer generalisar a toda ella o que póde apenas ser verdadeiro n'uma região de mais a mais tratando-se de paiz tão vasto e heterogeneo.

vite que oficialmente lhe transmitti em nome da commissão executiva do centenario da India, para que a Sociedade Imperial Russa de Geographia, se fizesse representar na nossa celebração promettendo-me elle desde logo toda a sua influencia e a dos seus collegas, para que a participação da Sociedade fosse a mais adequada á commemoração da grande data, de que se tratava.

A impressão d'esta visita foi duplamente grata ao meu coração de portuguez. Em primeiro lugar pude observar como as nossas velhas glorias maritimas e tudo quanto com ellas se relaciona teem o condão de interessar, mesmo os paizes que pela sua historia e pela esphera da sua acção menos influenciados foram pelos descobrimentos, reflectindo-se esse interesse ainda hoje na Instituição, que lá para fóra symbolisa, a tradição do Portugal navegador e aventureiro — a nossa Sociedade de Geographia. Em segundo lugar pude convencer-me, ao percorrer as salas da Sociedade russa,—a qual é aliás uma das primeiras do mundo,—e ao comparal-as com as da nossa Sociedade de Geographia, de que o confronto nada tinha que nos fosse desfavoravel. Pelo contrario. E foi talvez por notar o imperceptivel signal de desapontamento, a que máo grado meu não pude eximir-me, que o sr. Romanovsky se apressou a declarar-me que era muito provisoria a installação da sua sociedade, apesar de que, accrescentou sorrindo o meu interlocutor, não é sempre facil prevêr quando termina o provisório na Russia. N'este ponto tal e qual como cá.

Conforme destinára, a ultima noite em S. Petersburgo queria passal-a no theatro. Embora as principaes casas de espectaculo estivessem fechadas n'esta epocha, funccionavam ainda assim duas ou tres. Foi a uma d'estas que resolvi ir. Percorrendo os differentes jornaes do dia para me orientar sobre o genero que devia escolher, decidi-me pelo theatro Alexandrova «Akvarium» onde n'essa noite subia á scena, precedida por enorme reclame, a peça de grande apparatus intitulada *Princesa Greza* (La princesse lointaine) . . .

Infelizmente não era um original, como eu haveria preferido. Traducção do conhecido drama francez de Rostand, apenas lhe encontrava o merito de ter sido posta em verso russo por Fedorof. Sob esse ponto de vista a traducção possuia a sua originalidade. De resto o valor intrinseco da producção podia considerar-se bastante mediocre. As situações dramaticas não faltam, é certo. Talvez abundem mesmo. Mas francamente ir a S. Petersburgo ouvir requiebros de dengosas Melissandas, e amorosas endechas de piegas Bertrans; vêr a sr.^a Nekrasova-Koltchinskaia

transformada em condessa de Tripoli e o actor Antcharov-Elston disfarçado em trovador provençal, não constituia o meu ideal do theatro moscovita e sobretudo não era compensação bastante para o incommodo certo de arrostar com a noite chuvosa a que tivera de expôr-me com a perspectiva mais do que provavel de apanhar uma bronchite ou pelo menos uma rasoavel constipação. Verdade seja que, o que principalmente me decidira a assistir á representação, fôra o ter visto no cartaz o nome de Davydov, justamente afamado como um dos mais gloriosos da scena russa. Devia entrar este artista na pequena composição «*Otoidi*» (vai-te); mas infelizmente, por passar já da uma hora da madrugada e por eu ter de retirar-me, forçado pelos preparativos da viagem do dia seguinte, não o pude ouvir.

De resto a impressão, que me deixou o theatro russo, pelo que d'elle já um pouco conhecia e pelo que pude apreciar em S. Petersburgo e depois em Moscou, foi bem mais favoravel aos actores do que aos auctores. Os primeiros pareceram-me cheios de talento, inteiramente meridionaes pelo colorido da phrase e pelo calor da dicção, magnificos no genero comico, d'uma aptidão singular para o genero lyrico, e elevando-se no genero dramatico, propriamente dito, a um alto gráo de tensão pathetica.

O mesmo não posso dizer dos auctores. O theatro nacional na Russia atravessa actualmente um periodo de accentuada decadencia. Nada ali existe que possa, nem de longe, comparar-se á pujança d'um Ibsen e d'um Björnson, de um Suderman ou d'um Gerhard Hauptmann. A scena, que produziu creações de primeira grandeza, como a *Desgraça de ter espirito* de Griboiedov, o *Revisor* de Gogol, a *Tempestade* de Ostrowsky, e *A morte de Ivan o terrivel* do conde Alexis Tolstoï, arrasta hoje vida ingloria e obscura, alimentando-se quasi exclusivamente de traducções.

A menos que sobrevenha um renascimento, que por ora symptoma algum faz prever, (1) a arte dramatica na Russia está condemnada a viver dos emprestimos que lhe faz o theatro do Occidente, principalmente o francez. N'este ponto os slavos estão evidentemente inferiores aos latinos e sobretudo aos germanos, representados na transformação do theatro contemporaneo pela Noruega e pela Alemanha ou antes, para sermos mais exactos, pela ala esquerda da moderna litteratura alemã — pelos novos berlinezes.

Será este definhamento da arte dramatica

(1) Foi isto escripto antes das ultimas producções de Gorki e Tchekhov.

na Rússia apenas temporario, ou pelo contrario terá definitivamente abdicado entre os russos o genero scenico na novella, que parece ser a fórma litteraria predilecta dos moscovitas? Não é facil no momento actual prevel-o. Elementos para o theatro existem de sobejo na sociedade russa, quer do passado quer contemporanea.



Surgirá, porém, e em breve, n'essa sociedade o espirito superior, que os ha-de reunir n'uma grande synthese dramatica, e não serão elles aproveitados de preferencia para a feitura de novas obras primas no romance, como as espera e já hoje as annuncia a litteratura, depois que a morte quebrou a penna aos grandes mestres fallecidos — Gógol, Dostoiévsky, Turguénev? É este um ponto de interrogação, a que só o futuro poderá cabalmente responder.

Mas não é só no theatro que a Rússia pede ás nações do Occidente um auxilio, que por vezes lhe desnacionalisa a physionomia slava. O mesmo acontece ainda infelizmente em outras manifestações da actividade d'esta imensa nação.

Uma das cousas, que mais me surpreendeu em S. Petersburgo, foi o predominio dos allemães. Encontram-se por toda a parte, no commercio, na industria, nas ruas, nas offici-

nas, nas redacções. Misturam-se com a população indigena, envolvendo-a n'uma rede de mil malhas, embora elles constituam uma colonia á parte, com a sua individualidade ethnica distincta e até com um dialecto especial— o chamado allemão da capital. E esta preponderancia dos germanos percebe-se logo á primeira vista. Nas classes mais elevadas assim como nas camadas mais baixas manifesta-se por variadas fórmas. Nos circulos officiaes só muito modernamente começou o elemento allemão a decair e a perder o prestigio, sendo substituido pelo elemento puramente russo. Deve-se esta transformação á politica slavophila do fallecido tsar Alexandre III, que pouco a pouco foi russificando a sua côrte e o estado.

Mas na burguesia, no pequeno commercio e na industria, ainda os allemães dominam pela actividade que os caracteriza, e que quasi chegou a converter a Rússia n'uma verdadeira colonia de exploração para elles. Assim, recorde-me do meu desapontamento, quando ao percorrer as differentes installações do *Gostínny Dvor*, o grande bazar de S. Petersburgo, eu procurava, para trazer como *petits cadeaux*, alguns objectos caracteristicos da industria nacional. Noventa por cento das bijuterias e das produções de luxo, que nas *vitruines* via em exposição, eram artigos de Berlin, dispostos como se estivessem nas montras da Unter den Linden ou da *Frederiechsstrasse*.

Fazendo mais tarde notar esta circumstancia a alguns russos, e não podendo conter o meu espanto diante de semelhante invasão da industria exotica n'um paiz, que tão accentuadas aptidões industriaes possui, respondia-me tristemente um grande negociante de Moscou, que entre elles se achava: *Russki lenivy*. Os russos são preguiçosos. Possuindo a terra mais rica do mundo deixam-se explorar pelos estrangeiros. *My lenivy... otchen lenivy! gospodin!* Somos preguiçosos, muito preguiçosos, senhor!

O que vale é que o governo moscovita, inspirando-se nos grandes interesses do Imperio, procura por todos os modos obviar ás consequencias d'este imperdoavel desleixo, já favorecendo com medidas especiaes o elemento nacional e procurando robustecel-o na luta de competencia com o estrangeiro, já impedindo por meio de prohibições legaes, que este mesmo estrangeiro se assenhoreie do solo, comprando-o por qualquer contracto.

CAPITULO VI

A CAPITAL (continuação)

A arte russa. — Os museus de S. Petersburgo. — O museu imperial do Ermitage. — A litteratura e a vida nacional. — A litteratura russa e a evolução da sociedade moscovita. — A Guerra da Crimêa e a sua influencia na formação da nova escola litteraria. — O romance russo. — A litteratura scientifica.

Deixar S. Petersburgo sem nada dizer dos seus museus e da vida artistica de que a capital da Russia é o centro, seria falta imperdoavel mesmo para o mais superficial viajante. Não tem decerto esta cidade os thesouros artisticos de Florença, de Londres ou de Munich. Um dos seus museus no entretanto, o do «Ermitage» *Imperatorskii Ermitage* goza de fama universal e merecida pelas preciosidades de toda a ordem, que encerra.

Foi Catharina II quem mandou construir não longe da sua residencia o primitivo edificio, que devia ser o ponto de partida do sumptuoso palacio, que é hoje orgulho de S. Petersburgo. Chamou-se ao principio «pequeno palacio de Inverno» e depois «Ermitage» ou melhor «pequeno Ermitage» logo que com o decorrer do tempo e por motivo da aquisição de novas collecções se reconheceu ser insufficiente a primeira installação e se edificou o «Grande Ermitage». Foi sómente, porém, nos meados, do seculo passado que o tzar Nicolau I ordenou a reconstrucção completa do Ermitage. Este novo e soberbo palacio, que é o actual museu, distingue-se exteriormente pelo puro estylo grego da sua architectura, e interiormente pela riqueza e sobretudo pelo bom gosto, que presidiu á installação das suas collecções.

Dentro do vastissimo edificio, que centralisa o que melhor em arte na Russia se encontra, existe um verdadeiro mundo. Ha ali representação de todas as manifestações estheticas tanto nacionaes, como estrangeiras, tanto antigas como modernas, e não apenas de uma determinada arte em particular, mas da arte em geral no conjuncto das suas variadas manifestações.

Assim, ao lado das antiguidades egypcias e assyricas, constituídas principalmente pelas

magnificas collecções do conde Castiglione e de Khalil-Bey, ha as antiguidades scyticas e sibiariannas, desenterradas dos tumulos dos velhos reis scythas, encontrados no governo de Iekaterinoslav. Entre as esculpturas gregas e romanas, que só por si occupam sete salas, e cuja collecção iniciada por Pedro o Grande com a compra da *Venus Taurica* se tem successivamente enriquecido com as collecções Chvalov, Lyde Brown, Demidov e Galitzin, figuram os thesouros da celebre «sala de Kertch» constituídos pelas obras d'arte e pelas antiguidades do Bosphoro Cimmério. No dizer unanime de todos os entendidos não sómente esta secção pelo seu valor artistico é das primeiras do Ermitage, senão que não tem rival em museu algum do mundo.

Conforme é sabido Kertch, que deu o nome á collecção inteira, fica situada na Crimêa, e os objectos que as excavações puzeram a descoberto, pertencem todos ao



HELENA FOURMENT—Quadro de Rubens

melhor periodo da arte grega, especialmente attica. Além do producto das excavações de Kertch ha ainda n'esta sala numerosos objectos provenientes das antigas cidades do

Chersoneso e de Tanaïs : diademas, collares, braceletes, corôas, sinetes, aneis, espelhos, jarras, estatuetas, placas, brincos, taças, amphoras, capacetes, moedas e mil outras preciosidades archeologicas de ouro, prata, bronze, marfim, agatha, onyx e mais substancias de valor. É com esta simples e secca enumeração de catalogo, que outra cousa não consente a riqueza exuberante da parte do museu que estamos agora visitando, temos que passar desde já a outra secção menos importante de certo do que a que deixamos, se bem que bastante interessante e curiosa pela epocha a que se refere.

Queremos fallar da «collecção Basilevsky» composta inteiramente de objectos relativos á Edade-Media e á Renascença ¹. No vestibulo e nas diversas salas de que se compõe esta divisão, e sem excluir mesmo os corredores, porque apesar da vastidão o espaço não sobra no Ermitage, amontoam-se armaduras allemãs e velhos canhões polacos; faianças italianas de Gubbio, Fabriano, Urbino, Castel-Durante e triptycos byzantinos, *ikones* russas, diptycos do IV seculo da nossa era; estofos do Levante e tapeçarias do occidente; um punhal de Benevenuto Cellini e o sabre de Mazeppa; macios tapetes do Oriente e opulentos paramentos religiosos.

Ao lado de uma rica armadura dourada do duque d'Alba vê-se a corôa e o cinturão de um emir de Bukhara. Taças de ouro e prata dos antigos reis da Russia e da Polonia, fazem *pendant* a uma collecção de velhas espingardas pertencentes a Catharina II e Alexandre I. Os esmaltes, as miniaturas, os mosaicos, os relicarios, as imagens de santos, não teem conto e em tal profusão nos perpassam pelos olhos, que acabamos por não poder já distinguil-as no interior das *vitruines*.

Ao interesse verdadeiramente europeu d'esta collecção, que de tudo contem, e onde estão representadas por numerosos exemplares todos os periodos da arte medieval, sagrada e profana do nosso occidente, vem juntar-se ainda um interesse em especial russo, pela serie de objectos encontrados em Smolensk, Kajan, Perm, Saratov, Tchernigov, Terekhov e que se compõem de adornos e joias de ouro e de prata, de collares de perolas e pedrarias, de espadas de copos cinzelados, de taças de inestimavel valor archeologico e até de um trophéu d'armas do historico campo de batalha de Kulikovo.

Estará n'esta enumeração, apesar de rapida e incompleta, ainda assim sufficiente para se advinharem as riquezas do Ermitage,

esgotada a lista do que n'este museu se encontra digno de menção? De modo nenhum.

Cumpre-nos prevenir o leitor de que até agora não passámos das salas do rez-do-chão, que constituem a collecção archeologica propriamente dita. E' no primeiro andar, onde se encontra installada a famosa galeria de pintura, uma das mais bellas do mundo inteiro, que se accumulam os thesouros artisticos, os quaes dão ao Ermitage a alta cotação que mantem nos grandes centros civilizados. E' sabido que esta galeria foi fundada por Pedro o Grande, cuja assombrosa iniciativa se nos depara por toda a parte na Russia, quer se trate de politica e de administração, quer de sciencias, letras e até da arte a cuja fascinação parece devia ter sido inacessivel o severo espirito do terrivel reformador.

Pois não obstante as graves preoccupações da sua herculea tarefa teve Pedro o Grande meio de encontrar o tempo necessario, não só para delinear o plano geral da collecção, mas ainda de a enriquecer elle proprio com as aquisições, que durante as suas viagens fez pessoalmente nos diversos paizes, que visitou. Simplesmente assombroso!

Quem, porém, mais contribuiu para enriquecer o Ermitage foi Catharina II, n'este ponto como em tantos outros, digna continuadora da obra do seu grande predecessor. Comprou a celebre collecção Gotzkowski que além de outros auctores continha alguns Rembrandts, van Ostade, van Dyck e Rubens. A este primeiro nucleo vieram d'ahi a pouco juntar-se as galerias do conde Brühl, do marquez de Crozat, de Robert Walpole, justamente afamada pela serie de van Dycks, que a compõem, e muitas outras ainda. Viu-se então, — suggestivo espectáculo para aquella epocha! — os embaixadores da Russia acreditados nas differentes côrtes occupados em escolherem, comprarem e catalogarem por ordem da sua soberana o melhor que encontravam nas galerias particulares e nos simples *ateliers* dos pintores de mais nomeada em toda a Europa. Com mais gosto, mais sentimento esthetico e sobretudo mais profunda intuição civilizadora estava Catharina II em pleno seculo XVIII precedendo os actuaes bilionarios americanos, os Vanderbilt, os Pierpont Morgan e *tutti quanti*, no saque que estão actualmente fazendo ás preciosidades artisticas do velho mundo para satisfação das suas vaidades de *parvenus*. O certo é que o impulso dado por Pedro o Grande e Catharina continuou a animar o zelo dos seus successores, que pouco a pouco foram completando as collecções começadas. Assim, Paulo I comprou o *Tigre*, um dos mais bellos quadros

¹ *Galeria srednikh vekov i vremion vozrojdeniia* (Galeria da Edade Media e dos tempos do renascimento) é o titulo official d'esta secção.

de Rubens, além de diversos Vernets. Alexandre I comprou á imperatriz Josephina algumas das melhores telas da Malmaison, italianas, flamengas e hollandezas sobretudo. Nicolao I adquiriu as collecções do conde Miloradovitch, da rainha Hortense, de Manoel Godoï, e ainda outras entre cujos quadros se encontra a celebre *Madona d'Alba* de Raphael. Depois fez-se aquisição da galeria Barbarigo, de parte da galeria do rei dos Paizes Baixos, e da opulenta galeria Galitzin que deu ao Ermitage, além de outros quadros mais ou menos valiosos, uma *Annunciação* de Cima da Conegliano e um triptyco de Raphael. Pouco tempo antes e com outras preciosidades tinha o museu comprado a *Madonna Litta* de Leonardo de Vinci e a *Madonna Conestabile* de Raphael.

E tudo isto a peso de ouro, sem olhar a preço nem a despesas . .

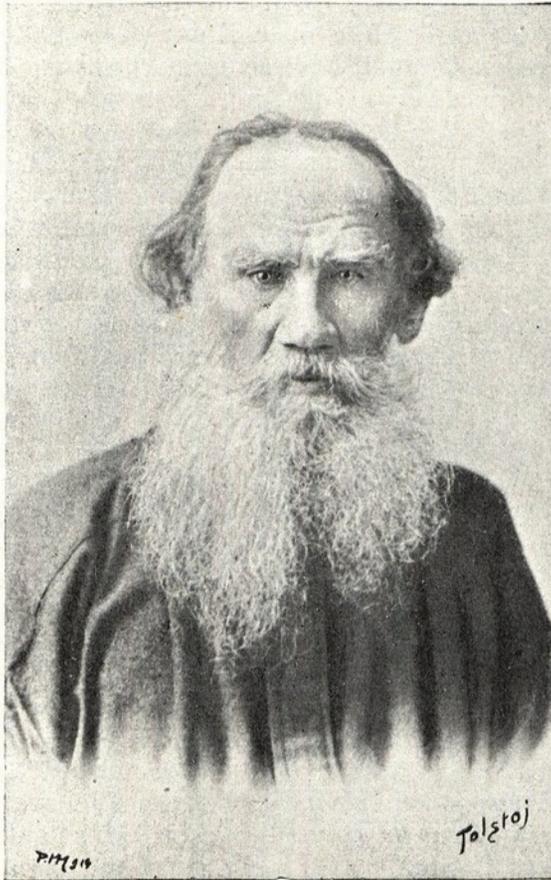
Deve convir-se que para um paiz, que tantos no Occidente ainda alcunham de «barbaro», tão pesado tributo pago á arte adquire um especial relevo.

Por isso não admira que, engrandecido successivamente por estas contribuições, o museu de pintura do Ermitage seja hoje em dia um dos mais notaveis da Europa. E' uma collecção de collecções escolhidas com talento e gosto para não fallar da liberalidade com que foram pagas. Todas as escolas estão ali representadas — italiana, espanhola, alemã, hollandeza, flamenga, franceza e russa — e representadas pelos melhores mestres. Seria de todo o ponto impossivel dar aos leitores portuguezes, que vivem n'um meio artistico tão pobre como o nosso, uma idéa sequer approximada de todas as maravilhas que nas vinte e tantas salas e innumerous gabinetes attraem a attenção do visitante.

A «escola italiana», uma das melhor representadas, mostra a *Adoração dos magos* de Botticelli; a *Madona d'Alba*, a *Madonna Conestabile*, a *Santa Familia* de Raphael; a *Madonna Litta* de Leonardo de Vinci; a

Santa familia de Andrea del Sarto; a *Santa Magdalena* do Tiziano; a *Descida da Cruz* de Paulo Veronese; a *Natividade de Jesus Christo* do Tintoreto; a *Descida da Cruz* de Sebastião del Piombo; a *Magdalena* de Dominiquino; o *Apollo e Marsyas* de Correggio; a *Santa Familia* de Ghirlandajo; a *Annunciação* de Cima da Conegliano; e dezenas mais de quadros de primeira grandeza, que são outros tantos capitulos da historia da arte na Italia, não fallando já das innumerables telas de pintores de segunda ordem que formam como que o fundo á obra dos grandes mestres.

Depois da escola italiana, a mais rica e de mais numerosa representação é a «escola hollandeza», incluindo sob esta denominação não só a hollandeza propriamente dita, mas tambem a flamenga. Esta secção é indubitavelmente pela qualidade a primeira do Ermitage, e nenhum outro museu pôde apresentar no genero collecção, que rivalise com a russa. Os grandes mestres estão todos representados por algumas das suas telas mais afamadas; e nenhum historiador da arte ou critico, que



queira estudar a evolução da pintura nos Paizes-Baixos pôde deixar de ir ao Ermitage surprehender em flagrante delicto da sua exuberante producção esta escola tão original. Rembrandt sobretudo e Rubens teem, como é natural, a parte do leão. Pertencem ao primeiro entre outros: *Abrahão á mesa com os anjos*, a *Santa familia*, a *Descida da Cruz*, *Pedro renegando o Christo*, *Danaë*; do segundo podem admirar-se, além dos esquissos, que teem uma sala especial, o *Rapto das Sabinas*, *Perseu libertando Andromeda*, *S. Pedro*, *Adoração dos Pastores*, *Jesus em caza de Simão*.

Mas além dos dois grandes mestres tem a escola hollandeza outros representantes no Ermitage.

Assim Lucas de Leyde figura com a grande tela *Jesus e o Cego de Jerichó*; van Eyck com a *Annunciação*; Mostaert com o *Casamento*

de Santa Catharina; van Orley com a *Descida da Cruz*; Quinten Massys com a *Virgem Triumphante*; etc., etc., porque seria impossível continuar n'esta enumeração, embora tenhamos de passar em silencio obras como as dos dois Holbeins, van Valkenborch, Goltzius e outros pintores não menos afamados.

A escola espanhola está representada por alguns quadros magnificos entre os quaes destacaremos os seguintes: de Murillo a *Assumpção*, a *Immaculada Conceição*, a *Adoração dos Pastores*, a *Familia Sagrada*; de Velazquez *Innocencio X*, *Philippe IV* e o *Duque d'Olivares*, esplendidos retratos, dos melhores que o celebre pintor nos deixou; de Ribera o *Martyrio de S. Sebastião*; de Zurbaran *S. Lourenço*.

A escola allemã, que é uma das peor representadas, mostra assim mesmo algumas telas de valor de Dietrich, Roos, Kaufmann, Lingelbach e outros.

Segue-se a esta secção uma galeria especialmente destinada ainda aos pintores holandezes de segunda ordem e que completa a grande secção hollandeza-flamengã a que já nos referimos. N'esta galeria encontram-se quadros de van Ostade, Mirevelt, van der Helst, van Ruisdal, van de Velde, Ochtenvelt, Deik van Delen, van Loo, e muitos mais, que adornam as paredes de nada menos do que cinco gabinetes.

A escola franceza, se não é das que tem mais numerosa representação, ostenta algumas telas de grande valor, como por exemplo: a *Morte do Paralytico* de Greuze, a *Lavadeira* de Chardin, o *Concerto* de Lancret, o *Satyro e a Nympã*, e o *Triumpho de Amphitrite* de Poussin, as *Quatro Horas do Dia* e *Apollo e Marsyas* de Claudio Lorrain.

Para nós, porém, a mais interessante secção do museu de pintura é a constituida pela escola russa, onde se vêem algumas das melhores creações da moderna arte moscovita. Apesar de relativamente recente, pois não vae alem do seculo XIX, esta escola tem sabido conquistar um logar de honra entre todas as congeneres, pela perfeição impecavel das suas composições e sobretudo, e é esta a maior originalidade d'ella, pelo character absolutamente nacional das suas obras. Entre os milhares de quadros que tem produzido, desde os de Brulov — o fundador da escola até aos de Repin, de Siemiradz e Verechaguine — os mais illustres representantes da pintura contemporanea na Russia — raros são aquelles que não tenham por assumpto um facto ou um aspecto da vida nacional. Os artistas russos não vão como os artistas das outras nações buscar inspiração extranha para as suas telas. O sólo da patria e a historia da

Santa Russia foram para elles a suggestão unica, que lhes fecundou o poder creador. Torna-se por isso muito mais raro encontrar n'esta escola motivos que não sejam genuinamente russos. Mesmo quando parece ser cosmopolita é no fundo nacional, como nas composições sobre a guerra de Verechaguin, as quaes muito embora tenham uma significação universal, são no entretanto inspiradas por episodios da guerra turco-russa de 1877 e como taes conservam um cunho completamente moscovita.

E não só os modernos pintores russos são sempre artistas nacionaes senão que tambem quasi sempre põem a sua arte ao serviço de uma idéa. Do mesmo modo que na litteratura, o slavo não acceta na pintura o lemma do decadentismo — a arte pela arte.

Os seus quadros são livros escriptos ás vezes com uma eloquencia bem pungente, assim como os seus romances são telas onde a vida palpita e a realidade se nos patenteia não raro nas côres mais sombrias. . .

Os *Burlaki da Volgã* de Repin valem bem pela intenção suggestiva os mais amargos capitulos da obra de Gorki. O *Abandonado* ou a *Guerra* de Verechaguin reproduzem tão exacta a visão dos horrores d'essas batalhas impias, em que os homens se assassinaem quaes feras, como a mais indignada das paginas de Tolstoï.

Esta superioridade da pintura moscovita deve-a ella á circumstancia de ser a mais moderna das suas rivaes. Assim como em litteratura os russos, ultimos chegados ao banquete da civilização, debutaram desde logo por onde os outros povos sómente chegaram ao cabo de longuissimos esforços, evitando por consequencia a falsa orientação de uma aprendizagem de seculos, assim tambem na pintura elles puderam começar pelo realismo, sem se perderem nas estereis e incaracteristicas divagações do convencionalismo academico, que tão implacavelmente afogam a espontaneidade das outras escolas. Na litteratura, só verdadeiramente digna d'este nome no seculo XIX, quasi nada soffreram da influencia do classicismo, entrando quasi de um salto com Gogol e com Puskin no romance naturalista, e produzindo obras primas da mais rigorosa observação, muito antes que com Zola a Europa occidental se tivesse podido libertar das tradições litterarias do passado.

O mesmo lhes aconteceu na arte, com excepção da architectura. Até ao seculo XIX quasi que não houve uma escola russa de pintura. Os boyardos de Moscou e Novgorod se queriam quadros vinham compral-os á Europa ou encommendavam-n'os a pintores italianos e flamengos.

O proprio Pedro o Grande viu-se obrigado a assim proceder para fundar o museu do Ermitage.

Algun pintor nacional que por esta epocha existia limitava-se a copiar ou a imitar servilmente os grandes mestres estrangeiros.

A verdadeira escola russa, embora inspirada na escola franceza, em Delaroche sobretudo, sómente começa com Brulov na primeira metade do seculo passado.

Por este motivo escapou á influencia avasaladora da Renascença, e á imposição do classicismo antigo a que na Europa occidental nenhum artista poude fugir. É a razão

porque a escola russa nos apresenta tão poucos quadros de motivos mythologicos ou de assumptos academicos. Perdeu talvez em correcção e em limpidez de estylo não ha duvida. Sob este ponto de vista a arte classica é modelo insubstituivel. Mas ganhou em calor, em vida, em realismo. Estes tres predicados são, com effeito, os que distinguem a obra já hoje importantissima da brilhante pleiade dos modernos pintores russos. Na vasta complexidade d'elles não ha um unico quadro que não seja sentido, que não palpite com vida intensa.

Nem vestigios d'esse convencionalismo frio e pautado que na Italia tantos primores, infelizmente pallidos, de fina execução produziu. Não são da Russia os Leonardo de Vinci, mas sim os Caravaggio . .

Mencionaremos apenas de memoria e sem pretenção a enumeração completa alguns dos principaes quadros d'esta secção, existentes na galeria do Ermitage.

De Brulov a sua obra capital: *O ultimo dia de Pompéi*; de Alexéiev, a *Vista de Moscou*; de Venczianov, *Um camponez russo*; de Ivanov, *Marfa Possadnitsa*¹; de Sazonov, *Dmi-*

*try-Donskoi em Kulikovo*¹; de Stchedrin, *Uma paisagem*; de Aivazovsky, *O Mar Negro*; de Lossenko, *A Pesca Milagrosa*; de Ugriumov, *A tomada de Kazan*; etc. etc.

Alem d'este Ermitage, a que pertencem as obras de arte a que nos temos estado referindo, ha ainda dois outros Ermitage, — o «pequeno» ou o velho, e o «grande» ou o novo Ermitage de Catharina II. Qualquer d'elles encerra numerosas preciosidades artisticas, tanto em pintura como em antiguidades, sobretudo o primeiro.

Não nos referiremos a elles mais circumstanciadamente para não fatigar o leitor, sendo

o nosso proposito além d'isso, não dar uma descripção completa dos thesouros artisticos de S. Petersburgo, para o que nos faltaria competencia e auctoridade, mas apenas reproduzir a nossa impressão pessoal, fragmentaria e incompleta pela rapidez da visita, mesmo que não enfermasse de outras debilidades.

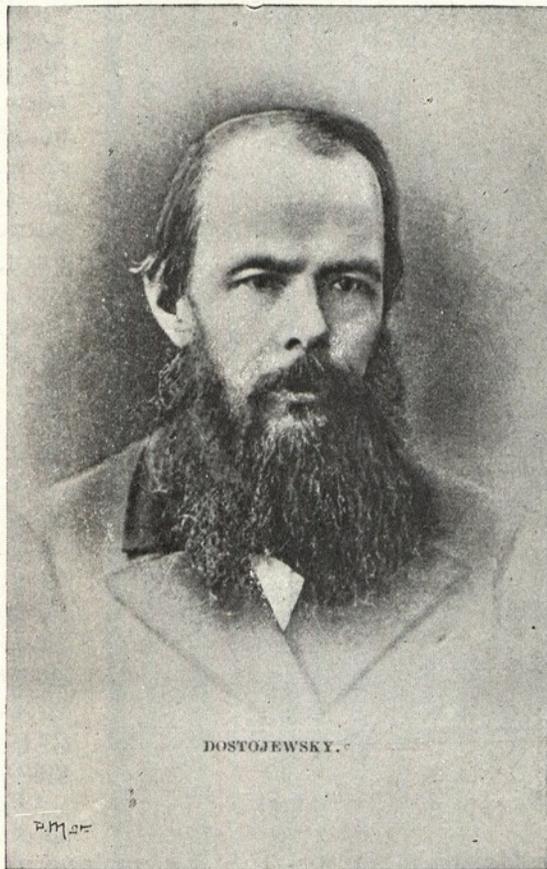
• • •

É a litteratura, conforme repetidas vezes se tem affirmado, o producto que melhor caracteriza a civilização de um povo. Podemos ter, com effeito, de uma nação a maior somma de dados necessarios para lhe reconstituir a intensidade da vida historica ou avaliar-lhe

as tendencias, que em germen n'ella se manifestam.

Se entre esses dados faltar o que se refere ao movimento litterario, espelho onde fielmente se reflectem as diversas phases e os diferentes cambiantes do progresso intellectual, o verdadeiro espirito d'esse povo escapar-nos-ha sempre como incomprehensivel mysterio.

Pelo contrario, o conhecimento da evolução litteraria realisada no seio de uma nacio-



¹ Marfa Possadnitsa ou antes Martha Boretska é a heroína da república de Novgorod, que lutou contra o tsar Ivan III, sendo afinal vencida e morrendo na prisão.

¹ Kulikovo é o celebre campo de batalha onde o Grão-duque Dmitrio Ivanovitch Donskoi desbaratou no anno de 1380 os mongóes capitaneados por Mamai.

nalidade qualquer, ainda mesmo quando desacompanhado da analyse dos demais elementos, que com essa evolução coexistem, é uma preciosa aquisição, que por si só nos permite suspeitar bastantes factos, advinhar bastantes enigmas, desvendar bastantes segredos, apenas denunciados pelo rasto ás vezes

afogou a segunda republica franceza n'um mar de sangue, ficaria sempre para a historia um acontecimento sem explicação cabal, se não fosse approximado do movimento das idéas socialistas e communistas, que o precedeu e acompanhou. Da mesma fórmula a fundação do novo imperio allemão, sobre os

escombros produzidos pela guerra franco-prussiana, parecerá prodigio quasi miraculoso, devido exclusivamente ao genio politico de um grande ministro, se a não estudarmos nos seus antecedentes, nas suas causas, i. e. nas obras d'essa litteratura que desde Iena e Leipzig, a partir do memoravel dia da «batalha das nações», não cessou um momento só de acalentar como um sonho iiado de mil esperanças de futura grandeza, como um anhelos de patriotismo, ancioso de desforra, o ideal querido da «patria allemã» de toda essa terra, onde, na vigorosa reivindicacão do poeta, *die deutsche Zunge klingt*, — resoa a lingua allemã. O mesmo deve afirmar-se da unidade da Italia preparada e póde dizer-se levada a cabo mais do que pela espada de Carlos Alberto e de Garibaldi, pela penna de Manzoni, de Silvio Pellico, e de toda a legião sagrada de escriptores, que pozeram o seu talento ao serviço da patria *irredenta*, esmagada pelo oppressor jugo estrangeiro.



A LEITORA — Quadro de Rembrandt

imperceptivel, mas sempre de capital importancia mesmo attenuado, que deixam no campo das idéas. Homero diz-nos mais, até da propria civilização material da Grecia primitiva, do que todos os vestigios reaes e effectivos, que essa civilização nos legou.

A condemnação de Socrates seria para nós absolutamente incomprehensivel sem as paginas de Aristophanes, que lhe servem de commentario. O estudo critico da litteratura hebraica tem-nos permittido pôr a claro um certo numero de factos na vida nacional de Israel (por exemplo a influencia das doutrinas religiosas e philosophicas estrangeiras sobre a elaboração do mosaismo) cuidadosamente omittidos pelos ultimos redactores do Velho Testamento.

O movimento revolucionario, que em 1848

Ora se semelhantes asserções são em geral verdadeiras applicadas a qualquer povo e a qualquer periodo historico, em nenhum caso o são tanto, como quando se trata do povo russo, sobretudo na epoca moderna.

Não fallando da litteratura moscovita (a palavra «moscovita» para nós é synonyma de «grande-russo» — *velikorusski*) anterior ao seculo actual, e deixando de parte portanto o movimento litterario, creado pela conversão dos slavcs ao christianismo, movimento a que andam ligados os dois grandes nomes de Cyrillo e Methodio, assim como a revolução litteraria promovida pela influencia das reformas de Pedro o Grande e Catharina II, é no presente seculo onde com mais facilidade nós podemos estudar os diversos conflictos da opinião no imperio dos tsars, tacs como foram ficando stenographados nas paginas dos

principaes escriptores, desde Griboïedov,— o fundador da comedia satyrica,— e Puchkin — o maior poeta que a Russia tem produzido — até aos modernos representantes da escola naturalista e realista, como Turguénev, Gontchárov, Uspénski, Pomialovski, Rechetnikov, Tchekov, Gorki, etc., etc.

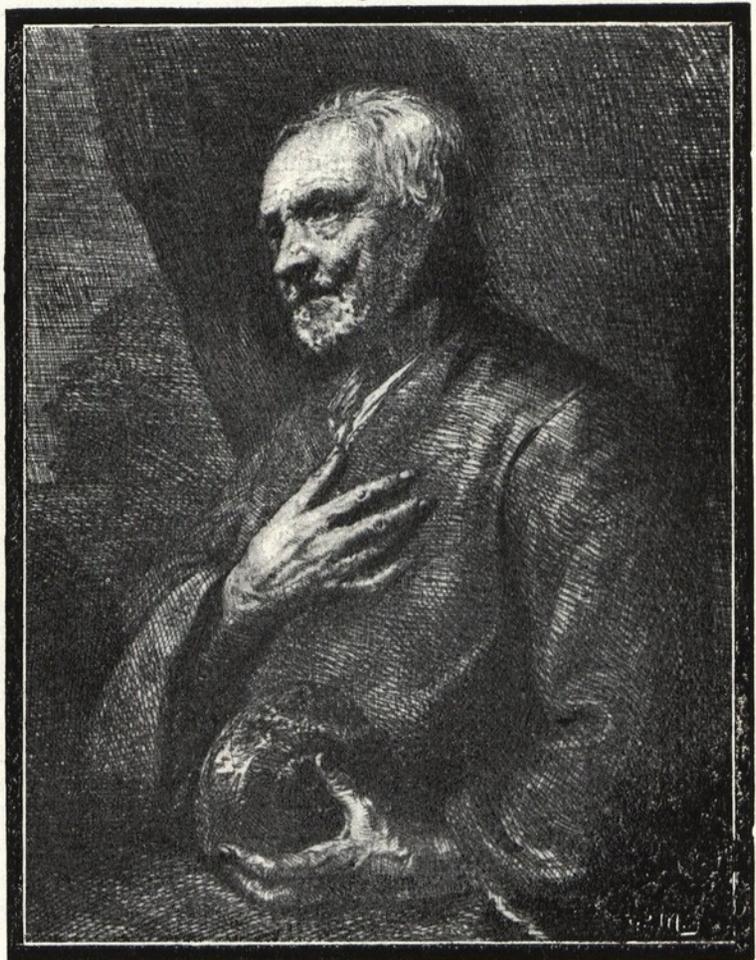
Verdade é que em poucos povos a elaboração litteraria foi mais sincera, seja-nos permittida a expressão, do que no povo russo. Ao contrario do que se deu entre as nações de origem latina, nas quaes a renascença do seculo XVI foi o signal da perda da originalidade creadora d'ellas durante mais de tres seculos, na Russia o classicismo, já de si planta exotica e quasi sem raizes n'aquelle sólo tão differente, começou a ser atacado em fórma e combatido sem quartel logo desde o tempo de Karamzin; e não obstante o talento dos seus principaes corypheos — Derjávín e Chichkóv — teve de ceder diante das arremetidas da escola contraria, capitaneada por Jukóvski, Dachkov e acima de todas pelo immortal Puchkin. Póde mesmo dizer-se que depois de Lermontov e de Gogol o classicismo desapareceu da arena, deixando de ter uma representação seria ao lado das diversas tendencias, que já começavam a agitar a escola vencedora.

Desde este momento a litteratura russa emancipando-se completamente do convencionalismo classico, que até ás longinquas regiões da Nevá chegára com as suas anachronicas formulas e preceitos, não cessou um unico instante de inspirarse no genio nacional e de reproduzir, mais ou menos fielmente, nas suas paginas as grandes palpitações da alma popular, agitada por vagos mas ardentissimos anseios de um destino, que principiava a sentir, mas que tão difficil lhe seria realisar.

Quem seguir os diversos movimentos da sociedade russa desde o começo d'este seculo; quem escutar a voz d'esse povo, triste e resignado, como um longo threno dolorido, mas ao mesmo tempo animada por infinitas esperanças de um mystico futuro de felicidade e predominio, não póde deixar de sympathisar profundamente com a nação¹, que em meio

das instantes preoccupações da vida pratica tem ensejo de encontrar um instante de recolhimento intimo, que lhe permittie lançar-se, avida de ideal, pelos espaços sem limites dos sublimes devaneios, dos quaes tantas vezes acordou para tomar melancolicamente o caminho do exilio, como esse pobre Dostoievski, um dos mais geniaes dos seus filhos!

N'esta evolução transformadora a nação é representada pelas classes illustradas no seio das quaes se teem elaborado todas as idéas que, na ordem politica, na ordem social, na ordem religiosa, e na ordem scientifica não cessaram ainda de agitar a Russia ha um seculo. Mas n'estas classes ou n'esta classe quantas revoluções intellectuaes se não teem passado, desde o tempo em que Puchkin escreveu o seu primeiro poema e em que Gogol



RETRATO D'UM VELHO — *Quadro de Danner*

colligiu as lendas nacionaes da Ukrania? E no entretanto Puchkin e Gogol são apenas de hontem, apesar de já sobre elles haverem passado umas poucas de gerações litterarias! Tão certo é que n'este paiz sulcado por tantas e tão poderosas correntes intellectuaes, não obstante a pressão do elemento official,

¹ Nação e não estado entenda-se bem.

a vida se gasta rapida e se evapora como o ephemero perfume da flôr nas suas estepas...

Até á guerra da Crimêa, em que uma crise profunda commove o mundo russo, a litteratura depois de abandonar o *byronismo* de Lermontov e até certo ponto o romantismo de Puchkin, e de ter-se lançado na nova direcção, que lhe indicava o grande critico Polevoi, começou a esboçar o novo genero em que tantos triumphos havia de alcançar no periodo seguinte. A «escóla natural» apresenta as suas primeiras producções e mostra os seus extraordinarios recursos nas afamadas *Memorias de um caçador* de Turguénev, e nos romances de Grigorovitch, de Dostoieoski e de Pisemski.

Ao mesmo tempo o theatro começa com Ostrovski a transportar para a scena os typos da sociedade real, embora com uma certa inferioridade, deve confessar-se.

Com a guerra da Crimêa a Russia, ferida por um grande desastre militar e humilhada pelo spectaculo da monstruosa desorganisação interna, que a corroia, entra n'um periodo de regeneração fecunda, que em parte inspira e em parte é inspirado por uma forte elaboração litteraria. Mas este periodo brilhante, que chegou até ao derradeiro quartel do seculo XIX, ainda atravessa por seu turno um novo momento de crise — a emancipação dos servos, que o divide em duas epochas distinctas pelo character e mais ainda pelas tendencias, se bem que haja entre ellas numerosos pontos de contacto. Para provar esta ultima asserção bastará notar-se, que grande numero de representantes da primeira epocha, alguns dos quaes já o eram mesmo da phase anterior á guerra da Crimêa, são ainda os vultos mais eminentes do periodo, que decorre desde a promulgação do *ukáze* de Alexandre II.

O meio social anterior á grande reforma levada a cabo pelo filho de Nicolau I não era evidentemente propicio para o florescimento de uma litteratura, que tivesse por base qualquer movimento da opinião. Opinião publica mesmo, — sentimento de intima solidariedade entre as differentes classes do povo russo — era cousa que não existia. O romantismo estava morto, e a inspiração, onde Puchkin e Gogol haviam ido buscar motivo para as suas creações, achava-se exhausta depois das obras primas que produzira. O estimulo da revolução litteraria ocasionada pela lei emancipadora, e que em parte tambem fôra causa d'ella, tornando-a inevitavel, devia pois procurar-se n'outra direcção, e em vez de se pedir ás tradições do passado o assumpto para as composições dos poetas e dos prosa-

dores iria de ahi em diante esse assumpto buscar-se á sociedade contemporanea, agitada ao principio por simples presentimentos de renovação, mas convulsionada a pouco trecho por revoluções successivas, não só no dominio theorico, mas tambem no campo pratico dos factos.

E' esta, com effeito, a tendencia da litteratura russa da segunda metade do seculo XIX. O romance historico embora nos ultimos annos d'esse periodo se ache brilhantemente representado no *Principe Serebrianny* do conde Alexis Tolstoï, na *Guerra e Paz* do conde Leão Tolstoï, e nos *Partidarios de Pugatchev* do conde Salhias, constitue uma excepção, como mais ou menos ainda hoje a constituem o genero dramatico e o lyrico.

Emquanto a este ultimo genero, e mesmo emquanto a poesia em geral, a moderna litteratura russa, ao contrario das outras litteraturas europeas, suas irmas, é relativamente muito pobre. Produziu, não ha duvida a Russia na primeira phase do seu romantismo um poeta tão grande como Byron, como Goethe ou como Oehlenslaeger — Puchkin —; mas se abstrairmos d'este nome e ainda de alguns poucos mais — Lermontov, Koltsov, Nekrasov Iazykóv — nada mais encontramos digno de verdadeira menção n'este dominio. Semelhante escassez contrasta de um modo frizante com o florescimento exuberante da poesia nas outras nações slavas, sobretudo entre os polacos, onde este genero litterario é representado com grande brilho por uma phalange numerosa de escriptores tão grandes como elle.

No que respeita ao genero dramatico tão pouco a Russia tem nomes para oppôr, por exemplo, ao de Fredro apesar de possuir as celebres tragedias historicas: *O falso Dimitri* de Ostrovski, e a *Morte de Ivan, o terrivel* do conde Alexis Tolstoï.

O genero predilecto da litteratura russa é o romance. Sob este ponto de vista nem a propria litteratura ingleza lhe póde disputar primazias. E a tal ponto o publico na Russia é exigente para com o romancista, em tudo quanto se refere ao assumpto propriamente dito da obra, que nem as mais emoventes qualidades de artista bastam para pôr o escriptor no abrigo da critica, se porventura elle não soube apresentar e discutir alguma das questões mais palpitantes da actualidade, ou se pela sua parte não concorreu para adiantar a solução de algum dos complicados problemas, que agitam a consciencia publica. O velho lemma da *arte pela arte* é divisa que todas as escólas litterarias russas repudiavam com equal desdem.

O caso succedido com Turguénev, algum

tempo antes da sua morte, mostra bem o nenhum valor relativo da «fórma» para o publico em geral, uma vez que a essa fórma não corresponda «fundo» adequado. Depois de se ter occupado nos seus livros com um talento superior de observador e de propagandista das mais momentosas questões que interessavam o seu paiz — entre outras a da emancipação dos servos — o celebre romancista, querendo repousar o espirito, afastando-o por um

momento dos assumptos que eram objecto da sua constante preocupação, publicou na revista de S. Petersburgo, — o *Viestnik Evropy* — um adoravel conto, que no dizer de juizes competentes é primorosa joia litteraria, adornada com todas as galas do mais admiravel dos estylos. Pois não valeram ao auctor nem a justa fama de uma longa e gloriosa carreira, nem as excellencias reaes da sua nova producção. Foi severamente increpado, foi censurado

acrememente por ter ousado, em meio das tristes preocupações dos seus compatriotas, deixar de parte, embora por um momento, os graves problemas da actualidade, para ir buscar o assumpto do livro a outra ordem de suggestões. A critica tornou-se mesmo de tal maneira acerba, que chegou a accusar o velho escriptor de mau cidadão, por assim se mostrar indifferente ás questões, que então concitavam a attenção de todo o russo, que pensava no futuro do seu paiz e se interessava pelas prosperidades da patria.

Semelhante facto é caracteristico, e define bem a orientação da litteratura moscovita da ultima metade do seculo XIX. E' em virtude

de tal tendencia que esta litteratura chegou antes das suas irmãs mais velhas ao realismo. A observação cuidadosa da sociedade, a attenção sollicita para todas as mudanças que n'ella se manifestam, e a convicção de que o escriptor tem por principal missão trabalhar pela realisação das aspirações nacionaes, dão um character especial, quasi unico, á litteratura contemporanea da Russia, a qual se por um lado perde talvez em perfeição artistica,

ganha porém pelo outro, como documento de estudo e como precioso instrumento de investigação da evolução historica d'aquelle grande povo. O cultivo da arte pela arte, a preocupação exclusiva e futil da jórma, qualquer que seja o assumpto a tratar, não existe, repetimol-o, na Russia. N'um paiz, onde a discussão livre não pôde ainda á vontade exercer o direito de critica, a litteratura converte-se n'um verdadeiro sacerdocio e é o unico expediente para trazer á tela do debate as ques-



A MAE DO PINTOR — *Quadro de Rembrandt*

tões, que sómente sob este disfarce pôdem ser apresentadas ao publico.

Por isso, no momento actual e emquanto a sociedade russa não conquista com a liberdade politica todos os direitos, que a esta liberdade andam inherentes, o romancista é e continuará a ser alli um elemento indispensavel de progresso, a que prestarão homenagem até os proprios tsares. E por isso tambem o estudo da litteratura russa, no periodo de transição, que a nação está atravessando, tem para nós um interesse muito superior ao estudo das outras litteraturas europeas, (sem excluir a escandinava tão rica e tão original) onde por via de regra se reflecte apenas parte

da vida das respectivas sociedades. O povo russo, pelo contrario, foi deixando nas paginas dos seus escriptores um echo fiel de todas as dores que o teem torturado, um vestigio de todas as lutas em que se tem envolvido, uma vibração, emfim, de todas as grandes esperanças, que ha um seculo o teem allucinado.

Duas grandes escólas, conforme o fizemos notar, dividem a litteratura russa contemporanea: a chamada «escóla natural» e a «escola nova», conforme os seus proprios adeptos a appellidam. A differença entre estas duas escólas, ou antes entre estes dois matizes do realismo, consiste mais na escolha do assumpto do que na diversidade de processos, que em ambas são sensivelmente os mesmos, apenas mais exaggerados na escóla nova.

Com effeito, emquanto a «escóla natural»

normal. O que as *Memorias de um caçador* representaram com relação á triste existencia do camponez russo ainda curvado sob o jugo da servidão, pretendem represental-o com relação ao mais infimo proletariado actual as obras de Uspenski e dos demais chefes da extrema esquerda do «realismo» até Gorki, o «amargo» dos *bossiaki* (descalços).¹

E' uma litteratura da escória, que á força de querer photographar a realidade em toda a sua nudez, acaba por se transformar n'um idealismo *sui generis*, falso e artificial, porque systematicamente deixa na sombra uma parte d'essa mesma realidade. Felizmente a «escóla nova», apesar de Gorki e de Tchekhov não conseguiu ainda apresentar um nome sequer, que possa pôr-se a par dos grandes nomes da escóla natural, — Turguénev, Gontchárov, Dostoievski, Pisemski, a qual até ao ultimo quartel do seculo XIX continuou produzindo obras importantes, não tendo deixado um momento só, desde a guerra da Crimêa, de acompanhar todos os grandes movimentos da oplnião publica, discutindo e interessando-se pelas questões mais importantes.

Assim, primeiramente teve a gloria de protestar contra a servidão. Depois, quando o *ukáze* da emancipação veio acabar com essa grande chaga do mundo russo, começou a apreciar o valor das duas gerações que se achavam em presença — a que continuava a mostrar as suas sympathias pelo antigo estado de cousas, e a que enthusiasmada pela conquista importante, que acabava de se realizar, não dissimulava as esperanças que nutria em futuras victorias. Mais tarde finalmente, quando o nihilismo fez a sua apparição, e entreveiu no combate das escólas com o seu programma negativo, hasteando ao mesmo tempo a bandeira das novas reivindicações, a escóla natural discutiu-o vigorosamente, empenhando-se



RETRATO D'UM ALMIRANTE — Quadro de Franz Hals

estuda hoje de preferencia as classes civilizadas, a classe média sobretudo, a «escola nova» dirige a sua attenção para as ultimas camadas sociaes, inspirando-se principalmente nos horrores e nas monstruosidades, que n'essas miseraveis classes são quasi o viver

em pôr-lhe a nu as utopias e as perigosas illusões.

E' esta luta que dá o assumpto ás obras de Turguénev: *Paes e filhos*, *Punin e Barbu-*

¹ Gorki em russo significa amargo.

rin, *Fumo*; ás de Pisemski: *Os homens de 1840, O mar agitado, No turbilhão*; á de Dostoievski: *Crime e punição*, etc.

Esta escola, pois, dadas as tendencias da litteratura russa, é a que mais fielmente traduz as aspirações e a que melhor corresponde ao ideal do povo moscovita. Ao lado, porém, d'este movimento litterario, propriamente dito, que apenas muito imperfeitamente aqui fica esboçado nos seus traços principaes, existe na Russia contemporanea um movimento scientifico importantissimo, que todos os dias vae adquirindo maior intensidade, e que ao mesmo tempo começa a exercer já acção muito notavel na orientação das classes cultas.

Apesar da Russia ser a recém-chegada ao banquete da civilização, nem por isso a importancia do seu labor scientifico é menor. Pelo contrario, o trabalho intellectual e o movimento das idéas avantajam-se ali ao que n'este sentido se realiza em algumas nações occidentaes, tendo-o em certos casos não só igualado mas até excedido.

Para este facto contribue em grande parte a tendencia innata ao espirito russo, que o tem libertado da preponderancia metaphysica, a qual por tanto tempo no nosso Occidente tornou impossivel com os seus absurdos systemas *à priori* o advento da sciencia positiva. O moscovita, não obstante a feição ás vezes mystica do seu devanear, é essencialmente claro e pratico em philosophia. Nas theorias scientificas assim como nas hypotheses philosophicas sempre se mostrou avesso ás grandes construcções syntheticas tão predilectas dos allemães. Inimigo declarado da metaphysica, pelo menos tal como a comprehenderam Fichte, Schelling, Hegel e tantos outros na patria de Goethe (o qual foi igualmente um metaphysico como o demonstrou no seu segundo Fausto) é o russo inclinado, pelo contrario, e naturalmente propenso a certo positivismo, que constitue a nota dominante de todos os seus trabalhos de especulação.

Eis aqui a razão, que explica os progressos scientificos, realizados pela Russia em

menos de meio seculo. ¹ Não tem este paiz tido a necessidade de gastar o vigor intellectual em combater o exclusivismo das escolas e a intolerancia dos systemas, que na Alemanha, por exemplo, tantos esforços desperdiçaram sem a menor utilidade para o adiantamento da nação.



LORD PHILIPPE II WARTON — *Quadro de Van Dyck*

Póde até dizer-se, que na Russia não existe uma philosophia propriamente dita, no sentido restricto em que semelhante expressão é tomada no occidente.

A Russia inaugurou o seu moderno movimento scientifico, sob a influencia da Europa, e portanto esta iniciação que representava um ponto de partida para o mundo slavo era realmente já para a maior parte dos iniciadores termo e bastante adiantado de chegada. Por isso de posse logo na primeira hora dos novos methodos de investigação e de critica, a sciencia russa, poupando para si as consequencias das indispensaveis tentativas e das

¹ E' quasi inutil fazer notar que, o que acima se lê foi escripto muito antes de estalar a actual guerra russo-japoneza

experiencias infructuosas, caminhou n'alguns dos seus ramos com passo seguro, evitando a aprendizagem, que ás outras tanto custou e tanto tempo precioso absorveu.

E senão vejamos. Quasi que sem escóla historica levanta desde logo com as obras de Karamzin e de Soloviev dois monumentos, que nada teem a invejar aos trabalhos identicos produzidos pela erudição do Occidente. Sem uma tradição de estudos orientaes, como a França, a Inglaterra e a Allemanha que de Burnouf, Colebrooke e Schlegel haviam recebido o poderoso impulso e o valioso estimulo das grandes investigações n'este dominio, a Russia com a publicação do grande «dicionario de S. Petersburgo» dá á philologia sanskrita a verdadeira base scientifica por que ella esperava levando a cabo ao mesmo tempo uma das mais collossaes emprezas concebidas pela largueza de vistas da erudição philologica contemporanea. E assim em muitos outros ramos da historiographia, da linguistica, da ethnographia e da archeologia. São, com effeito, estas sciencias, d'entre aschamadas sciencias moraes, as mais cultivadas na Russia, as que melhores e mais sazoados fructos teem produzido. A historia nas suas principaes divisões de— historia propriamente dita, historia da litteratura, historia do direito etc.— conta numerosas publicações, algumas d'ellas de um valor real. Da historia propriamente dita foi fundador o celebre Karamzin. O seu livro apesar de estar hoje antiquado e de na propria Russia ter sido excedido, distingue-se ainda pela pureza do estylo e sobretudo pela erudição de que dá prova e que mesmo actualmente o tornam fonte indispensavel de consulta.

A publicação d'esta obra constituiu no seu tempo um verdadeiro acontecimento, e póde d'ella datar-se o vigoroso impulso, que os estudos historicos receberam na Russia, impulso que se tornou effectivo e permanente pela criação das sociedades historicas de Vilna, de Odessa, de Kiev, e pela fundação das revistas especiaes como o *Russkii Arkhiv* (Arquivo russo), e a *Russkaia starina* (Antiguidade russa). Não menos contribuíram para este movimento a importante publicação emprehendida pela Academia das Sciencias de S. Petersburgo, conhecida pelo nome de *Russkaia istoricheskaia bibliographia* (Bibliographia historica russa) assim como a famosa descripção dos manuscriptos da opulenta bibliotheca synodal de Moscou.

Depois de Karamzin a historia é representada na Russia por: Pogodin, que escreveu entre outras obras os *Esboços critico-historicos* e a *Historia da Russia até á invasão mongolica*; Kostomarov auctor de diversos traba-

lhos, entre os quaes uns *Estudos sobre as nacionalidades do norte da Russia*; Soloviev, a quem se deve a mais completa e a mais auctorizada historia da Russia, infelizmente interrompida pela morte d'este illustre escriptor; Ustrialov, que deixa a *Historia do falso Dimitri* e a *Historia de Pedro o Grande*; Pekkarski redactor da *Historia da Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo* e da *A sciencia e a litteratura na Russia sob o reinado de Pedro I*; Brückner, morto recentemente, auctor das historias de Pedro o Grande e Catharina II que gozam de notoriedade europea; e muitos outros que seria fastidioso enumerar, mas cujas paginas consideradas no seu conjuncto são um vasto monumento de erudição e paciencia.

A historica juridica é representada pelas *Historias do direito russo* de Leontovitch e de Mikhailov, e pela *Historia do direito* de Kapustin. Á historia religiosa pertencem, entre outros, os celebres trabalhos do professor Kazanski e as obras dos arcebispos Philarete, Macario e Muraviev. A historia da civilização conta numerosos trabalhos dos quaes se destaca a afamada obra de Zabelin intitulada: *Vida intima dos tzares russos nos seculos XVI e XVII*. A historia militar apresenta nomes como os de Fadeiev, Obrutchev e principe Galitzin, auctor da importante *Historia universal militar*, traduzida não só em allemão, mas nas linguas escandinavas. Finalmente a historia litteraria, de todos os generos historicos o que mais cultivado tem sido na Russia, continua a produzir sobre a litteratura nacional, tal quantidade de livros que constituem já hoje uma verdadeira bibliotheca. Assim, sem fallar nas monographias especiaes sobre as diversas epochas e os diferentes escriptores, de nada menos de nove historias da litteratura russa (e não são todas) me recordo n'este momento; as de Galakhov, Porfiriev, Petrov, Sosnetski, Pypin, Orlov, Vodovozov, Polevoi, Skabitchevski, e Evstafiev; alem da grande *Historia das litteraturas slavas* de Pypin e Ipasovitch, e da *Historia universal das litteraturas* publicada em S. Petersburgo sob a direcção do professor Korch.

Se da historia passamos á philologia encontramos os mesmos progressos. A lingua russa, o velho slavão ecclesiastico e as demais linguas esclavonicas teem sido na Russia objecto de constantes estudos, e servido de pretexto a trabalhos de subido valor scientifico. Sem contar com os jornaes e revistas que actualmente, nas principaes cidades, se dedicam ao exame das questões concernentes á philologia slava, como por exemplo as *Filologiticheskaia zapiski* (Memorias philologi-

cas), as *Zapiski imperatorskoï akademii nauk* (Memorias da Academia imperial das sciencias); sem contar com as grandes revistas de um character mais geral — especie de *Revistas dos dois mundos* do norte — mas que ainda assim consagram de vez em quando algum artigo a esta especialidade, como o *Viestnik Evropy* (O mensageiro da Europa), o *Mir Bozhi* (O mundo de Deus), o *Russkii Viestnik* (O mensageiro russo), o *Russkoe Bogatstvo* (o Thesouro russo) a *Russkaia Mysl* (o Pensamento russo) e o *Jurnal ministerstva narodnago prosviechtcheniia* (O Jornal do ministerio da Instrucção publica); sem contar com o *Archiv für Slavische Philologie*, por ser escripto em allemão e publicado em Berlim, apesar de editado por um slavo, o doutor Iagic, e collaborado quasi que inteiramente por eruditos slavos tambem, grande numero de obras especiaes e independentes conta a sciencia russa sobre este ramo de estudos.

E' claro que n'esta brevisima noticia do movimento intellectual

da Russia contemporanea, não temos a pretensão nem o espaço nol-o permitiria, de fazer uma enumeração, não dizemos já completa, mas sequer satisfactoria das obras especialmente escriptas em S. Petersburgo, em Moscou e em Kugan a proposito de philologia e de linguistica. O nosso intento é apenas citar algumas das principaes. Por isso nos limitamos a apontar as seguintes, que a ninguem, que se ocupe d'estes assumptos, é licito ignorar: Tchudinov — *Otcherk istorii iazykoznanie* (Esboço de uma historia da linguisti-

ca); Perevliesskii — *Slavidenskaia grammatika* (Grammatica slava); Buslaev — *Istoritcheskaia grammatika russkago iazyka* (Grammatica historica da lingua russa); Kolosov — *Otcherk istorii zvu kov i form russkago iazyka s XI do XVI stolietie*; Chertal — *Sravnitelnaia grammatika slavianskikh i drugikh rodstvennykh iazykov* (Grammatica comparada das lingoas slavas e outras afins). As collecções de documentos originaes da velha litteratura russa acham-se representadas nas publicações de Jakovlev e de Buslaev, respectivamente intituladas: *Pamiatniki russkoi literatury XII i*

XIII viekov (Monumentos da litteratura russa dos seculos XII e XIII) e *Khristomatiia po drevnerusskoi literaturie i narodni slovesnosti* (Chrestomathia da antiga litteratura russa e da litteratura popular).

Resta-nos por ultimo fallar da litteratura ethnographica, propriamente dita, o ramo scientifico talvez mais largamente e com melhor exito cultivado na Russia.

Conforme é bem sabido foi a Alemanha, que no começo do presente se-

culo revelou ao mundo erudito a importancia da litteratura oral conservada tradicionalmente fóra de todos os moldes convencionaes, mas com um sabor proprio e originalissimo, na bocca do povo. A publicação das *Kinder und Hausmärchen* dos irmãos Grimm, foi o ponto de partida d'esta importante revolução, prenhe das mais extraordinarias e imprevisitas consequencias. De então para cá o movimento propagou-se a todos os povos da Europa e da America, e não ha nenhum, póde dizer-se, actualmente que mais ou menos



MAGDALENA ARREPENDIDA — Quadro de Ticiano

não tenha colligido esses thesouros inapreciáveis para o estudo da ethnographia e da demopsychologia, ao mesmo tempo que constituem interessantissimos documentos da vida historica da nação em cuja tradição viva elles foram surprehendidos.

Pela sua organização scientifica especial e por ter sido ella o ponto de onde o movimento irradiou para os demais povos, é a Allemanha ainda hoje, sem contestação alguma, o paiz que n'esta ordem de estudos a todos os outros leva a primazia. Os trabalhos dos Grimm, de Liebknecht, de Kuhn, de Köhler, de Mannhardt, de Laistner, de Hertz, de Wolf, de Wutke, de Grohmann, etc., serão sempre outros tantos marcos miliares na evolução da sciencia da novellistica popular e da mythographia.

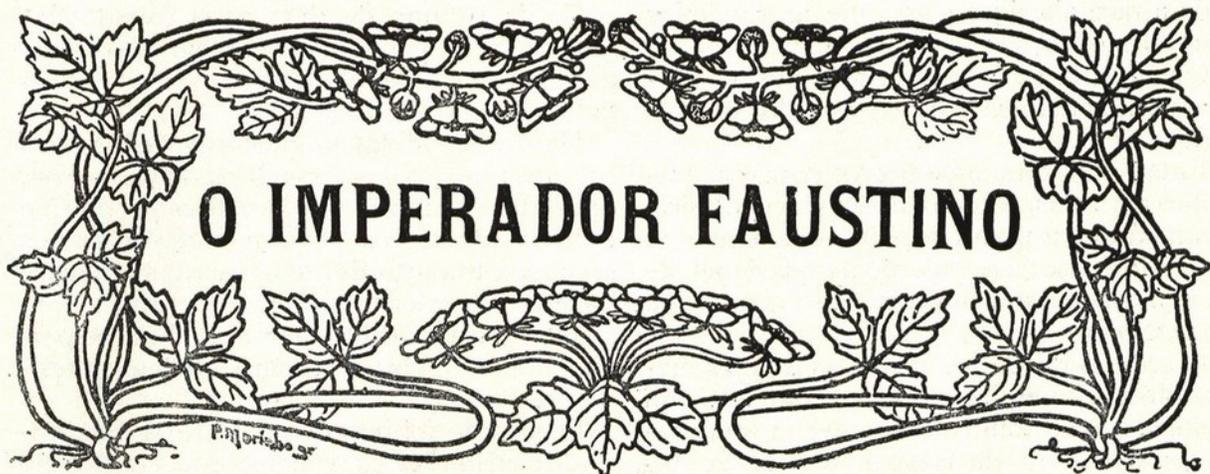
A Russia, porém, apesar de só mais tarde se ter entregado a estas indagações, de nada tem de que se envergonhar não só relativamente ao resto da Europa, á qual n'este ponto está muito superior, mas mesmo em comparação com a propria Allemanha, a quem quasi que eguala. E senão vejamos: a mythologia popular pôde mostrar com ufania a obra colossal de Afanasiev — *Poetichéskaia vozzriéniia slavian na priródu* (Idéas poéticas dos slavos sobre a natureza), além das de Kotliarevski — *O pogrebálnykh obytxaiakh iazytcheskikh slavian* (Sobre os usos funerarios dos slavos pagãos), de Vladimiro Dal — *O*

povieriiakh, suevieriiakh i predrazsudkakh ruskago naroda (Sobre as crenças, superstições e prejuizos do povo russo), de Zabylin — *Russkii narod, ego obytxai, obriady, predaniia, suevieria i poeziia* (O povo russo, seus usos, ceremonias, tradições, superstições e poesia) e de outros como Maikov, que escreveu sobre esconjuros; Chepping que se occupou dos mythos do paganismo slavo; Chepkin que publicou um importante livro sobre as fontes e as formas da mythologia russa; Snegirev, que colleccionou tudo quanto se referia ás festas e ceremonias supersticiosas do povo; Terechenko, que investigou os antigos usos populares etc. Os contos tradicionaes foram colligidos por Afanasiev, Khudiakov, Chudinski, Erlenvein, Hildebrandt, Rudtchenko e Dragomanov. Finalmente os cantos populares, as bellas e doces melodias russas de uma tonalidade tão original e encantadora, foram conservadas nas esplendidas collecções de Kirievski, Maikov, Miller, Rybnikov, Sakharov, Chein, Sobolsvskim e Olga Agrenev.

E para não alongar demasiado esta enumeração deixamos de mencionar os numerosos e importantissimos trabalhos da secção ethnographica da Sociedade Imperial de Geographia de S. Petersburgo, a qual n'uma publicação monumental acaba mesmo agora de apresentar o balanço da sua actividade n'este ultimo meio seculo.

(Continúa.)





O IMPERADOR FAUSTINO

A OBSESSÃO de Colombo déra á Hespanha um mundo que recusáram Genova, França e Portugal.

Ali, ao sol dos tropicos, contempláram os descendentes do Cid uma flora opulenta e gigantea; uma fauna estranha e rara; rios, tão grandes que similham mares; montanhas portentosas, erguendo-se acima da região das nuvens, de tão altos vértices que o raio os deixa immunes, parecendo sondar e prescrutar os arcanos do espaço infinito em que se vislumbra e espelha a magestade augusta, incomensuravel e mysteriosa do Omnipotente, d'esse ceu, que, na expressão biblica, por si só certifica a gloria de Deus — *Cæli enarrant gloriam dei*; imperios e civilisações singulares, como nunca previram: — Mayas, Aztecas, Scyris, Incas; — cidades, como o Mexico, Quito e Cuzco; ouro, prata e pedrarias, em tal copia que os olhos avidos dos aventureiros recusavam admittir como realidade, porque em Cuzco — o *umbigo do mundo* — traducção litteral do nome d'esta cidade —, o jardim do Imperador, do Inca, do *Filho do Sol*, ostentava arbustos, flôres e fructos de ouro, como de ouro maciço eram as estatuas do Templo do Sol e o enorme disco d'este astro, a que os quichuaymarás prestavam culto divino, e do mesmo metal era o andor-throno, a cadeira gestatoria em que o Inca se fazia conduzir; o soberano azteca, coroado de pennas, envolto em riquezas que valiam provincias europeas, tendo o seu povo attingido o maximo grau de cultura; o *Filho do Sol* que realisára o desi-

deratum de reunir sob o seu sceptro, as nações rivaes: Cuzco e Quito, ostentando no gorro de seda a borla purpurea do Inca e a grande esmeralda dos Scyris, emblemas das duas monarchias.

O autor das *Mil e uma noites* entrevira a America e os companheiros e successores de Colombo deveriam ter deslumbramentos estonteadores ao pisar essas novas terras.

Talvez se julgassem delirando.

Mas cousa estranha!

As virtudes cavalheirescas dos filhos da nobre Hespanha, ao passar a linha equinoxial, transformavam-se em ruindades, em latrocinios, em chacinas.

Anniquilláram os imperios, arrasáram as cidades, immoláram reis e sacerdotes, e o fogo por elles atichado consumiu os livros e os monumentos escriptos das civilisações que encontravam. O indigena foi reduzido á condição de cousa, a escravatura imperava desforadamente, apesar dos protestos de Las Casas e das ordens do rei, e até os cães foram amestrados na caça ao pobre autoctono, porque de carne de indio se alimentavam os lebreus!

Em uma das grandes Antilhas, Santo Domingo, Hispaniola ou Haiti, estabeleceu-se a primeira séde do governo hespanhol, para os paizes que Colombo acabára de patentear á Europa absorta e estupefacta, e em Santo Domingo devia o grande almirante, victima de inveja e de calumnias, ser preso e carregado de ferros, como criminoso da ultima especie!

Na *primada* antilhana fôra tambem extermi-



FAUSTINO I

Imperador do Haiti

nada a raça aborigene, em que as mulheres eram formosíssimas.

Quem sabe se ella descendia dos povoadores da lendaria Atlantida, crusados com os caraibas?

Então importáram-se negros para os trabalhos agricolas, pilhados nas costas da Africa. Proliferáram, a ponto de só elles constituirem a grande massa da população de quasi metade da ilha, sendo actualmente uns 900:000 a a 1.200:000.

O sceptro de Carlos V passou a mãos ineptas de principes degenerados, confiantes em validos, que raramente se revelavam estadistas. O poderio da Hespanha desafiára invejas, e combatido pela França de Richelieu e de Mazarin, pela Inglaterra e Hollanda, enfraquecido pela revolta da Catalunha e pela independencia de Portugal, cairia como caíu, porque estava na logica dos factos.

Os piratas ingleses que, a principio, iam para os mares açoreanos esperar os navios hespanhoes e apresal-os, arrojáram-se a avançar mais alem: foram até á America Central e as ilhas de Santo Domingo, Jamaica, Roatán serviram-lhes de base de operações. Tomam então o nome de *bucaniers* e são celebres pelas suas aventuras e roubos.

Santo Domingo é como que o seu quartel general, principalmente na parte em que os negros são mais numerosos.

Sendo alli muito precario o dominio hespanhol, essa parte da ilha é cedida á França.

Com a revolução, decretados os direitos do homem, os negros tivéram inteira liberdade.

Um anno antes (1789), nascera de uma escrava, Faustino Soulouque, negro como a mãe, mas de feições finas, caucasicas: labios delgados, nariz regular, olhos meigos, aveludados.

Quando os negros se subleváram contra a França, tinha Soulouque 14 annos, e era creado do general Lamarre, que morreu defendendo Mole contra Christovam, futuro rei d'Haiti, sendo encarregado de levar o coração de Lamarre a Pétion, que foi Presidente da Republica. Recebeu d'este, como premio, a nomeação de tenente da sua guarda a cavallo, e quando Boyer succedeu a Pétion, Soulouque continuou no palacio presidencial como um movel, uma cousa inoffensiva.

Boyer promove-o a capitão ao serviço de uma sua amasia, Mademoiselle Joute.

Ficou esquecido até 1833, mas d'esta data em diante avança rapidamente em promoções: coronel, general de brigada, general de divisão, commandante superior do palacio, no tempo de Riché. Ficando sempre no Palacio Nacional, obtinha uma promoção de cada novo presidente.

Corria o anno de 1847 e as camaras legislativas de Haiti, reunidas em assembléa nacional, tratavam de eleger o chefe d'estado.

Ha dois candidatos, generaes velhissimos e tontos: um é o dos deputados, dos *communs*, outro dos senadores, do *grande corpo*, porque é de saber que os parlamentares haitianos seguem a tradição de escolher valetudinarios para as funcções presidenciaes, com o fim prudente e innocente de serem elles, os parlamentares, quem governem e tutellem o presidente.

O accordo foi impossivel entre os dois grupos de eleitores e alguém lembrou, como meio conciliatorio, eleger Soulouque.

Não tinha elle quasi 60 annos?

Sabia apenas assignar o nome?

Era o bastante: reunia todas as circumstancias desejadas pelos parlamentares.

Depois, não tinha inimigos.

Seria o presidente ideal.

Foi eleito.

Algum tempo depois o presidente dá que fallar de si: manda massacrar os mulatos, os inimigos dos negros, da sua raça.

Observáram-lhe que era pouco humano tal procedimento, mas Soulouque replicou que assim seria, mas que não pedira para ser presidente, e agora que o aturassem.

Disséram-lhe que em França houve um imperador, chamado Napoleão, que antes de cingir a coroa fôra general, ganhára muitas batalhas e occupára, como primeiro consul, a chefatura da Republica, e Soulouque quiz copiar tal figurino.

Como lhe era preciso uma Arcole, Pyramides ou Marengo, declara a guerra á vizinha Republica Dominicana, mas é vencido.

Entrando em Port-du-Prince, manda celebrar um *Te-Deum* pela victoria... que não alcançou.

Creaturas suas fazem propaganda para a mudança de instituições e as representações populares chegam ao recinto das camaras

O assumpto é tomado em consideração: discute-se muito e vota-se—que a Republica é abolida, que Soulouque é proclamado Imperador e que a dignidade imperial é hereditaria na sua familia.

Logo que se vota, os senadores, esquecem-se que são tropegos e achacosos, montam a cavallo e levam a Soulouque a lei que o declara Imperador d'Haiti, e com a lei uma coroa... de papelão dourado, por não haver tempo de confeccionar uma de ouro, a valer.

E' sagrado solemnemente em 1852, com Adelina, sua mulher, negra como elle.

Cria uma aristocracia: principes, duques,

marquezes, condes, viscondes e barões, uns 400 titulares e ha então titulos como de La Limonade, des Trois Troues, etc.

Eram duques os ministros, mas apesar de tanta grandeza, fez passar pelas armas alguns d'estes secretarios d'estado.

Estabeleceu ordens: Legião d'Honra d'Haiti, S. Faustino, Sant'Anna, e Santa Maria Magdalena, sendo curioso que cada uma d'estas ordens correspondia a alguma derrota infligida ás suas tropas pelos dominicanos, sempre em guerra com o imperio.

Mas isto é pouco: as cidades haitianas são contempladas com brasões e decreta uniformes de cores phantasticas para aristocratas e militares.

Os menos berrantes eram verdes bordados a ouro.

Este reinado, mixto de zarzuela, de opera bufa e de tragedia, não podia acabar pacificamente: ao ridiculo e ao burlesco associaram-se as hecatombes—massacres dos mulatos,—incendios de cidades e povoações suspeitas de deslealdade para com o Imperador, fusilamentos sem processo, suspensão de todos os direitos, leis e garantias, funcionando ape-

nas os conselhos de guerra, cujas sentenças o Imperador alterava, emfim uma orgia e loucura similares á de Caligula.

Veiu a reacção. Parte do exercito proclama a republica e o Imperador, á frente das suas tropas, sae a combater o inimigo.

Logo que o avista, retira-se do exercito, que deixa sem commando e entra na capital, Port-du-Prince.

As forças imperiaes entregam-se sem combate e os republicanos marcham sobre Port-au-Prince, desguarnecida.

O Imperador ou inconsciente ou cheio de bom humor, escreve a Geffrard, commandante em chefe do exercito republicano e futuro presidente, pedindo que lhe mandasse uma escolta para o proteger, porque estava só! Embarca então em um navio de guerra inglez, com a mulher e duas filhas, para o exilio, Jamaica, o desterro de todos os politicos haitianos.

Não poudes levar consigo as riquezas que accumulára, e em 1867, contando 78 annos, e na maior miseria, fallece em terra estranha Faustino 1.º, Imperador d'Haiti.

Sic transit gloria mundi.

ANTONIO FERREIRA DE SERPA,





PIANO

A ORIENTAL

por Furtado Coelho

Introdução

tr. m

tr. mmm

Mazurka

NTAFJ 005114-085

tr.

elegante

p

f

8^{va}

8^{va}

D.C.:8.

Este trecho de musica simples, dolente, expressivo, romantico, define uma das multipas feições do espirito do grande artista que foi Furtado Coelho. Quando elle a compoz, a sua alma vibrava no pleno entusiasmo da juventude, em unisson com o poetico romanticismo da epocha, repassando de suaves e indefinidas tristezas os sentimentos e as idéas. Havia n'aquelle tempo, na convenção litteraria e artistica, o exaggero das paixões, tocadas de dolencias sensuaes, que puzeram n'esta musica a macieza de saudades, como mais tarde houve, em semelhante formula convencional, o exaggero de rudezas, amimadas apenas pela ironia sorridente, e que desnudam na expressão de arte a cruel dominação dos instinctos.



O Mosteiro de Argis

BALADA DA VALAQUIA

I

POR uma linda encosta das margens do Argis, segue seu caminho o principe Voda com seus companheiros: nove mestres pedreiros, e Manol, o decimo, superior aos mais.

Vão escolher juntos, no fundo do vale, terreno apropriado para um mosteiro. Eis que no caminho com elles se cruza um moço pastor, tocador de flauta, cantor de solaus, e ao avistál-o o principe lhe diz:

— «Gentil pastorsinho, cantor de solaus, tu já tens subido com o teu rebanho as margens do Argis; tu já tens descido as margens do Argis com os teus carneiros. Não terás tu visto por onde has passado algum muro em ruínas, muro abandonado, entre a verde rama das aveleiras?» —

— «Sim, principe, vi por onde hei passado um muro em ruínas, muro abandonado. Os meus cães, ao vê-lo, investiram logo, n'um ladrar de morte, como n'um deserto.»

Quando tal ouviu, o principe Voda exultou de alegre, e logo partiu em direito ao muro com os seus pedreiros, seus nove pedreiros, e Manol, o decimo, superior aos mais.

— «Eis o velho muro. E' este o local em que ha de em breve erguer-se o mosteiro. Vós, meus pedreiros, meus mestres pedreiros, durante dia e noite metei mãos á obra para construir, para erguer aqui, um bello mosteiro sem igual no mundo. Dar-vos-ei riquezas, e altas posições, ou, se não, por Deus, far-vos-ei murar, emparedar vivos, nos seus alicerces!»

II

Sem perda de tempo, os mestres pedreiros tomam as medidas, escavam o solo. Em

breve levantam, levantam um muro. Mas o trabalho do dia esmorona-se de noite, e isto se repete no segundo dia, no terceiro dia, e tambem no quarto.

Baldados esforços. O trabalho do dia esmorona-se de noite.

O principe, surprêso, dá-lhes reprimendas, e, depois, colerico, de novo os ameaça de os emparedar vivos nos alicerces.

Os pobres pedreiros de novo recomeçam, trabalhando a tremer, e a tremer trabalhando, por um longo dia de estio, desde o amanhecer até noite cerrada.

Mas n'isto, Manol, largando as ferramentas, deita-se e adormece, e sonha um estranho sonho. De repente, levanta-se, e estas palavras diz:

«Vós, meus companheiros, nove mestres pedreiros, quereis saber que sonho eu sonhei a dormir?! Uma voz celeste, que ouvi claramente, veio avisar-me de que o nosso trabalho se irá derrocando até que nós todos juremos aqui emparedar viva a primeira mulher, esposa ou irman, que amanhã vier ao romper do dia trazer a comida para algum de nós. Por isso, querendo levar a cabo este santo mosteiro, paúção glorioso, juremos aqui guardar o segredo; juremos tambem emparedar no muro a primeira mulher, esposa ou irman, que amanhã avistemos ao romper do dia.»

III

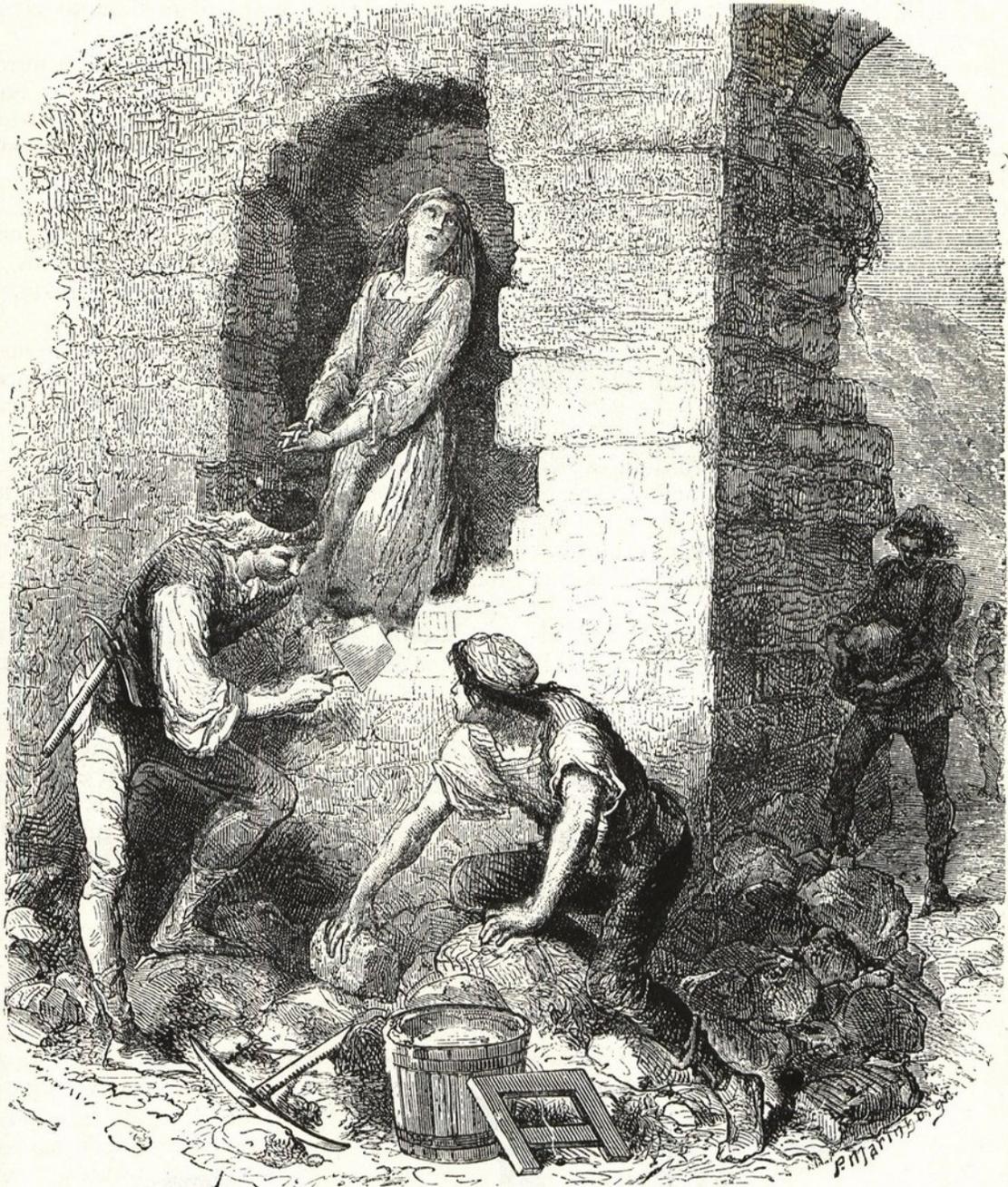
Ao raiar da aurora, eis Manol desperto. E logo se levanta, subindo aos andaimes, para ver ao longe os campos e a estrada. — Mas que avista elle?! Quem vê elle ao longe?

E' a sua esposa, a sua linda Aninhas, vindó-lhe trazer a comida e o vinho para o seu almoço. Turba-se a vista de Manol, ao vê-la; e cheio de terror de joelhos cae, er-

gue as mãos e diz: «O' senhor meu Deus! Soltae sobre a terra uma grande chuva, uma chuva tal que as aguas do rio saiam do seu leito e alaguem os caminhos, forçando minha esposa a voltar para traz.»

Deus tem compaixão da maguada suplica, e lança sobre a terra as nuvens do Ceu,

Deus tem compaixão da maguada suplica, e lança sobre a terra uma ventania de uma força tal que torce os platanos, despoja os pinheiros, derruba as montanhas, mas que não consegue impedir que a esposa se aproxime sempre, sempre a mais e mais, do termo fatal!



n'uma grande chuva que alaga os caminhos, mas que não consegue fazer com que a esposa volte para traz. Atravessando as aguas, ella avança sempre, e já perto vem... E Manol, ao vê-la, geme angustiado, de joelhos cae, e ergue as mãos, e diz:

— «O' senhor meu Deus! Lançae sobre a terra ventania tal que torça os platanos, despoje os pinheiros, derrube as montanhas, forçando minha esposa a voltar para traz.»

IV

Os outros pedreiros, os nove pedreiros, experimentam, vendo-a, uma grande alegria, ao passo que Manol. o desespero na alma, a toma em seus braços, e subindo ao muro ali a deposita, falando-lhe assim:

— «Não tenhas receio, minha boa amiga. Queremos divertir-nos, fingindo emparedarte, sem te fazer mal.»

Aninhas, confiante nas suas palavras, ri da brincadeira, enquanto Manol, fiel ao sonho tido, suspira, e começa a levantar o muro.

O muro vae subindo, e cobrindo a esposa até aos tornozelos, até aos joelhos, mas a pobresinha deixou de sorrir, e, cheia de susto, se lamenta assim :

— «Manoli, Manol, ó mestre Manol, basta de brincar, que essa brincadeira póde ser fatal! Manoli, Manol, ó mestre Manol, o muro vae subindo, vae-se cimentando, e o meu pobre corpo sinto comprimir!»

Manoli não ouve os lamentos da esposa, e o muro vae subindo, cobrindo a esposa até aos tornozelos, até aos joelhos, até ás ancas, até aos seios, e a desgraçadinha chora amargamente, e, chorando, diz :

— «Manoli, Manol, ó mestre Manol, basta de brincar, porque vou ser mãe. Manoli, Manol, ó mestre Manol, o muro pouco a pouco mata-me a creança, e o meu peito chora lagrimas de leite!»

Manoli não ouve os lamentos de Aninhas, e o muro vae subindo, e cobrindo a esposa até aos tornozelos, até aos joelhos, até ás ancas, até aos seios, e até aos olhos, e á cabeça . . . Até que em breve a pobre Aninhas deixa de ser vista, e apenas se ouve a sua voz no muro :

— «Manoli, Manol, ó mestre Manol, cimenta-se o muro, e extingue-se-me a vida!»

V

Por uma linda encosta das margens do Argis, segue seu caminho o principe Voda para ir rezar ao Santo mosteiro, padrão glorioso, sem igual no mundo.

Ao ver o mosteiro sumptuoso e bello, exulta de alegria, e aos pedreiros diz :

— «Vós, os architectos, os mestres pedreiros, declarae aqui, sob juramento, se o vosso engenho poderá construir um outro mosteiro, padrão glorioso, maior e mais bello?»

Os mestres pedreiros, os dez architectos, trabalhando na abobada do edificio, quando ouvem tal, ficam muito ufanos, muito satisfeitos, e respondem assim :

— «Não existem, não, sobre toda a terra, eguaes a nós dez, dez mestres pedreiros. Sabei que o nosso engenho poderá construir um outro mosteiro, padrão glorioso, ainda mais bello!»

O principe, ao ouvil-os, ficou pensativo . . . Depois, com um mau riso, ordenou que quebrassem as escadas e os altos andaimes, e que despenhassem do alto da abobada os mestres pedreiros.

Mas elles, n'um pronto, sem perderem a cabeça, com taboado constroem voadoras asas . . . Por momentos conseguem esvoaçar no espaço; mas, ai d'elles! caem no sólo, e em pedras se transformam . . .

Quanto a Manoli, ao mestre Manoli, no proprio momento em que desfere o vôo, eis que ouve sair das muralhas uma voz querida, debil e apagada, que geme e chora, e se lamenta assim :

«Manoli, Manol, ó mestre Manol! O muro esmaga-me; lacera-me o corpo . . . Esgotam-se-me os seios, extingue-se-me a vida!»

Ao ouvir taes lamentos, Manol empalidece; turba-se-lhe o espirito, a vista lhe foge . . . Vê tudo andar á roda: ceu, terra e nuvens, e da alta abobada sobre o solo cae.

No logar da queda, nasceu uma fonte, fonte de agua clara, amarga e salgada, — agua misturada com lagrimas, com lagrimas amarguradas !

Versão de DELFIM GUIMARÃES.



A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHT HAUPT



MONUMENTOS DE CINTRA E DE COLLARES

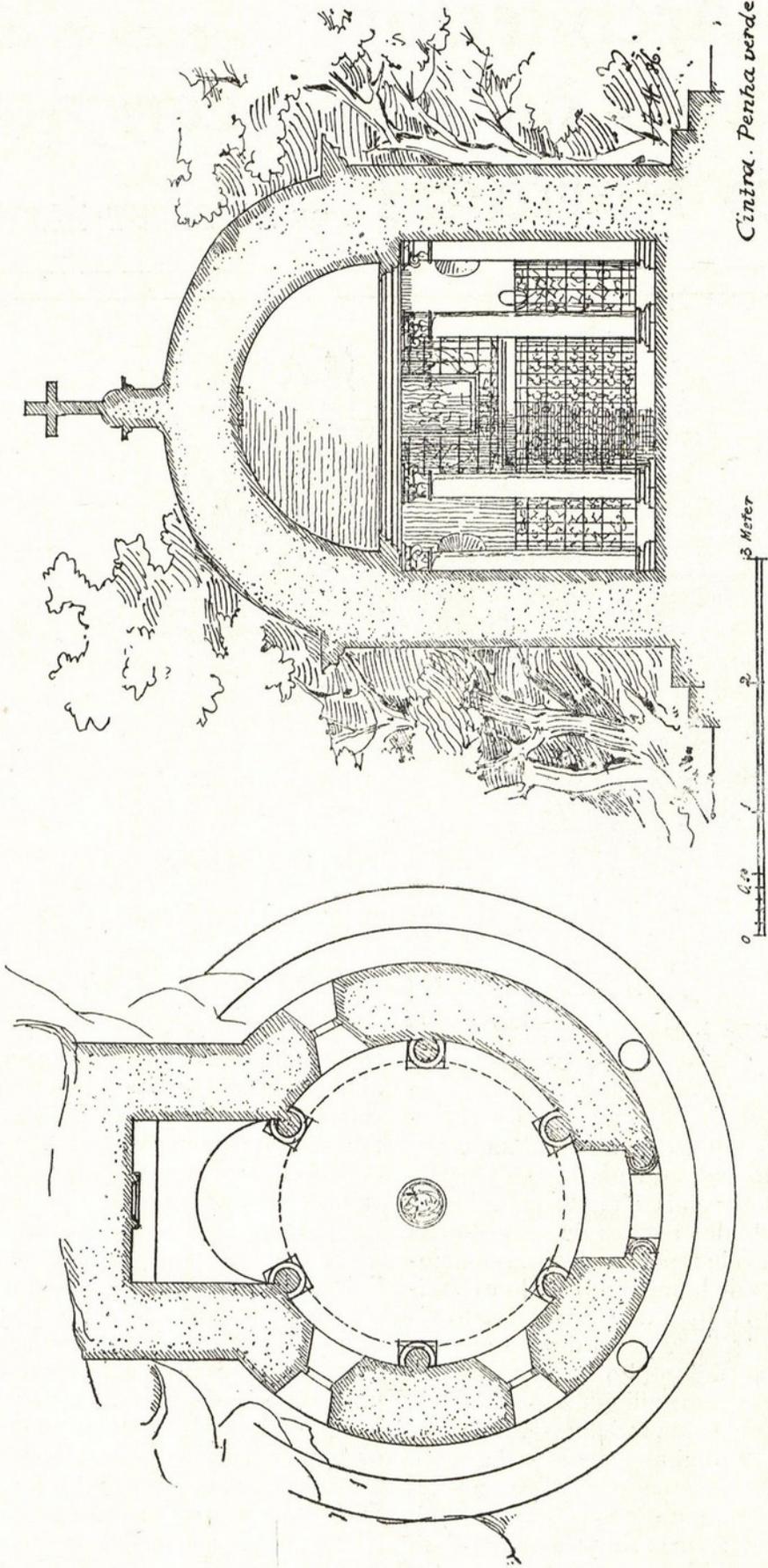
*A Penha Verde—O Castello da Pena—A Penha Longa—Em Collares
—As Caldas da Rainha—Egrejas de Torres Vedras.*

QUEM segue a estrada que vai a Collares encontra o portão de uma quinta, a Penha Verde, ao lado de um arco que passa sobre a parte mais alta da estrada. E' um dos mais lindos lugares de toda aquella região, e n'ella veio repousar dos seus memoráveis trabalhos de homem de estado e de militar o grande D. João de Castro, quarto vice-rei da India. E' por assim dizer a modesta quinta de um philosopho de gosto apurado que quizesse gosar allí em paz dos resultados de toda uma vida trabalhosa. Estende-se a quinta pela admiravel encosta da serra, ora descendo, ora subindo. A casa baixa, a qual é talvez do anno de 1535 como todo o annexo, contem apenas simples divisões em parte abobadadas. Uma decoração de bustos antigos, de esplendidas armas da India e ou-

tros semelhantes objectos de recordação, que ainda hoje allí existem, revela-nos o conhecedor e o amator. Detráz d'esta casa, partindo de um terraço ajardinado e adornado com fontes de repuxo, a quinta sobe em socalcos, occultando no parque grutas e capellas da renascença,

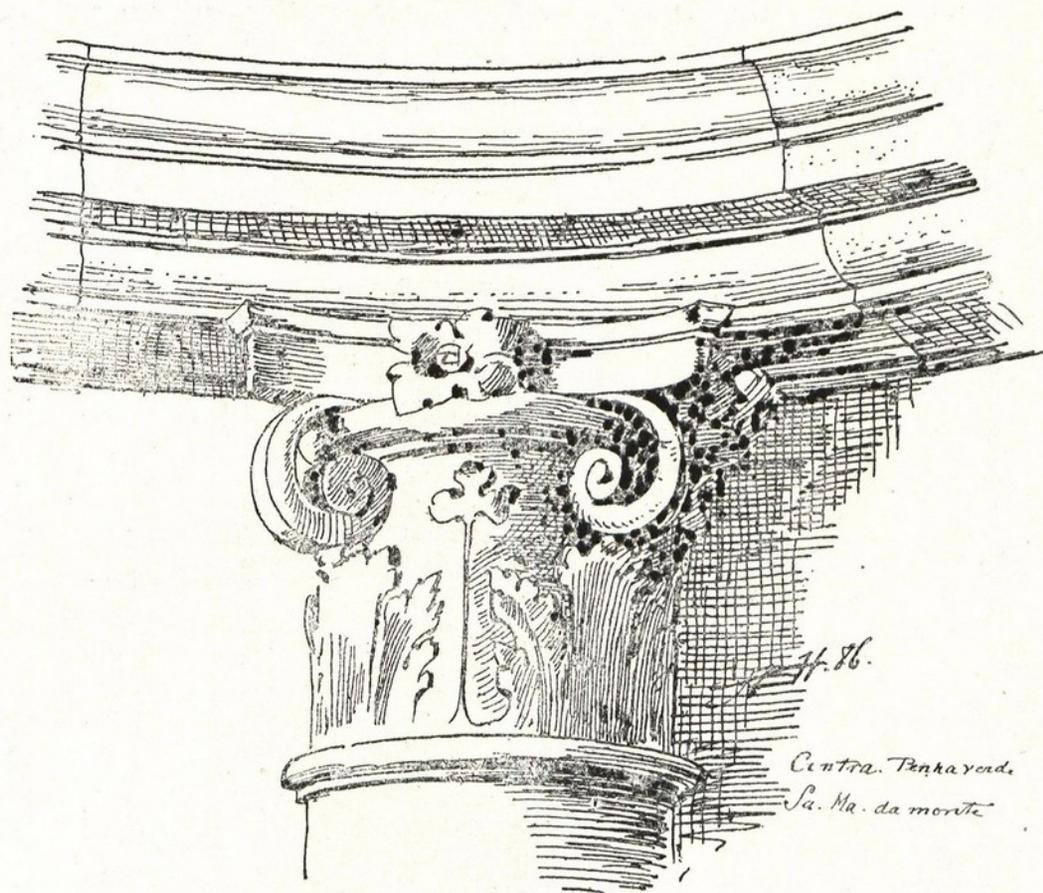
No extremo ponto mais alto, o qual semelhante a um promontorio domina rochedos cobertos de matto n'este esplendido lugar, está a capella de Nossa senhora do Monte. Chega-se lá caminhando entre bosques até uma especie de porta, cujos pilares se nos mostram, quando observados de perto, recobertos de inscripções sanskritas, uma ostentação scientifica da primitiva residencia de D. João de Castro na India.

Alguns passos mais adiante e vê-se á esquerda, occulta a meio nos rochedos, a pequena cupula da ermida; em frente, uma ar-



*Cintra. Penha verde
S.ª. Maria da Monte*

A Penha Verde (Capella)

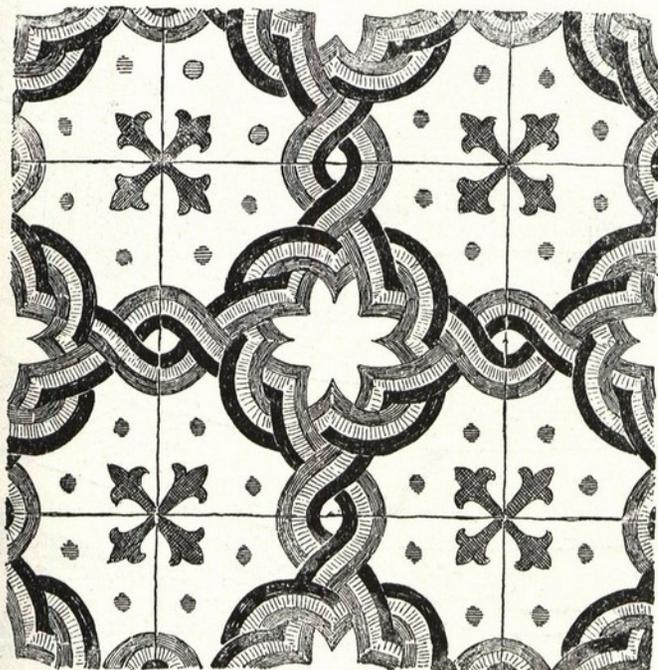


Capitel da Capella

caria em ruínas ao longo da serra, ao centro sob frondosas arvores um tumulo turco cuja inscripção diz que alli descança o coração de D. João, no sitio que elle amára mais em sua vida. A capella de tão simples apparen-

cia é principalmente no interior de um grande valor artistico. O madeiramento da cupula semi-espherica, cujo vertice é marcado por uma cabeça de anjo, repousa sobre seis columnas com finos capiteis; entre aquellas e até meia altura levanta-se um revestimento de azulêjos de riquissima pintura. O nicho do altar, fronteiro á entrada, é rectangular e tem por cima da meza do altar um alto relevo encantador em marmore branco seprentando a Santa Familia, n'uma moldura preta, sustentada por anjos pintados nos azulêjos. A luz entra principalmente pela porta, sustida por duas meias columnas. O todo tem uma graciosidade tão simplesmente apurada que do seu magnifico ambito recahe sobre o visitador uma impressão inolvidavel. ¹

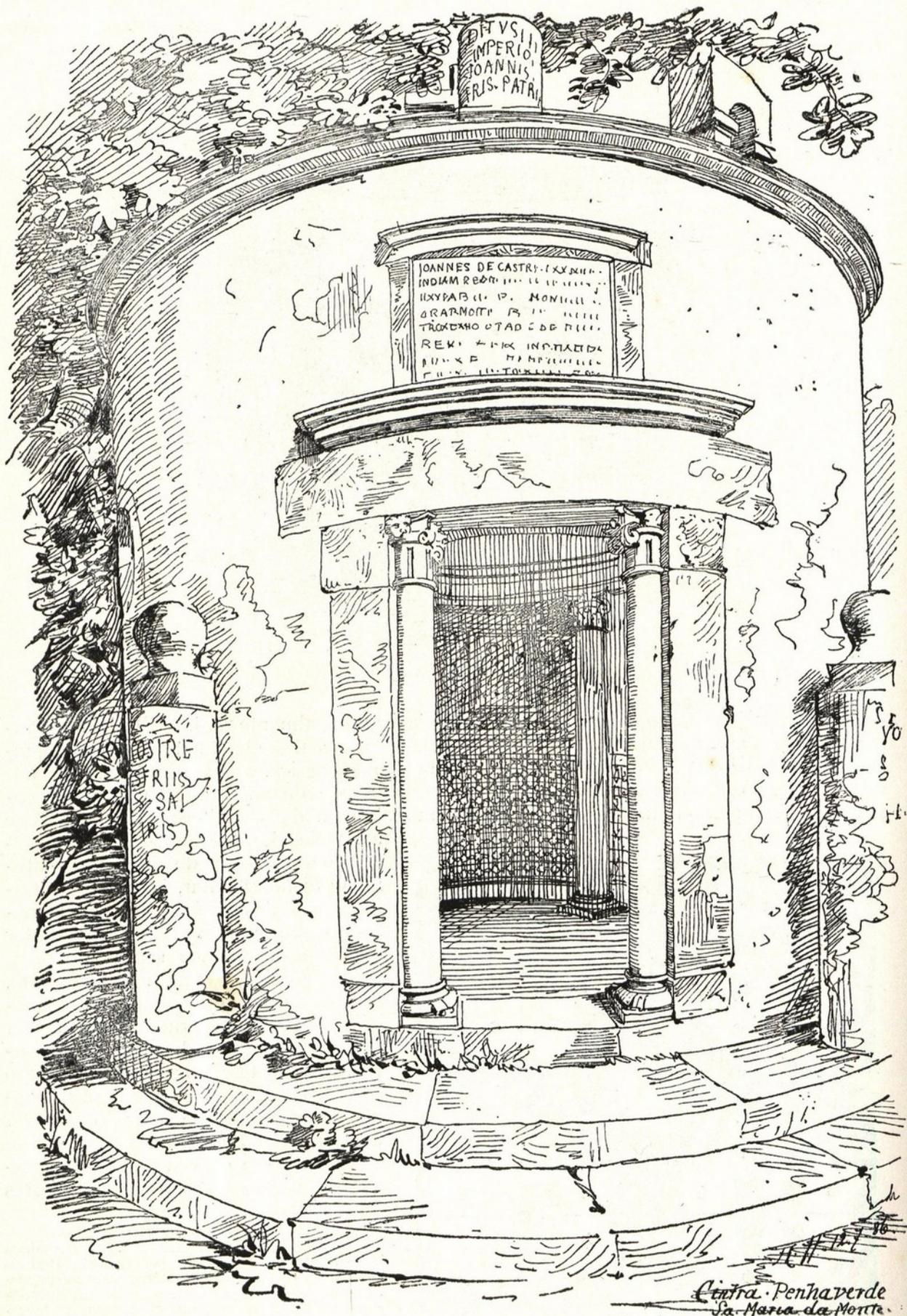
Voltando da capella e subindo á esquerda váe-se entre soberbas arvores



Azulejos de Capella

¹ A inscripção sobre a porta diz:

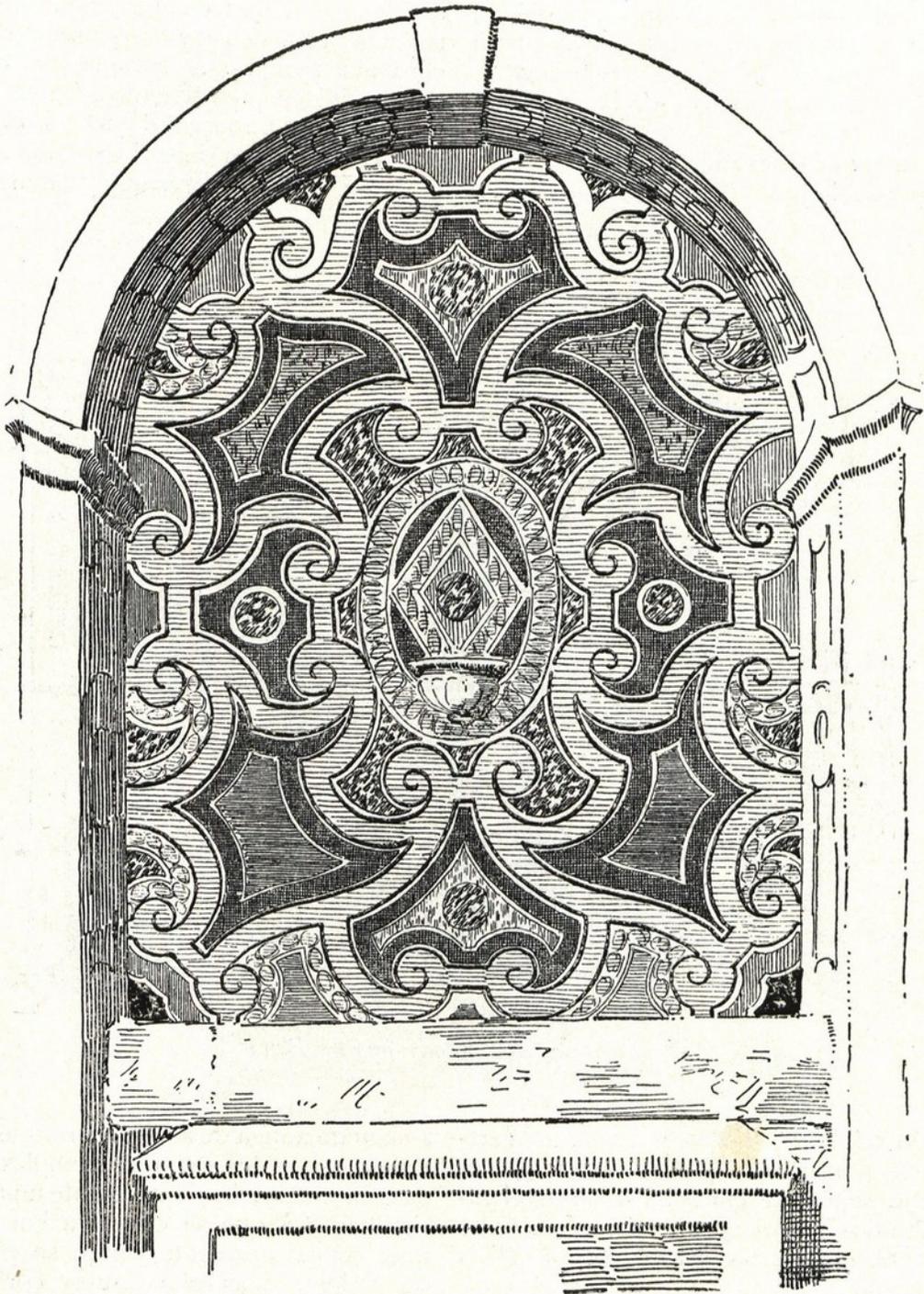
Joannes Castrensis cum XX annos in durissimis bellis in utraque Mauritania por Christi Religione consumpsisset et in illa clarissima Functis expugnatione interfuisset atque tandem sinus arabici litora et omnis Indiae oras non modo lustrasset sed literarum etiam monumentis mundavisset et Christi numine salvos domum rediens virgini matri fanum ex voto dedicavit.



Portal da Capella

e terraços de feitios differentes até uma serie de capellas redondas que não possuem, porém, as mesmas formas nem a mesma arte d'esta. São em parte de uma época mais re-

chida por desenhos em mosaico feito pela fixação na argamassa de pequenas pedras e de cacos azues de porcelana chinesa e outras louças, ¹



Embrexatos na Penha Verde

cente, por que diversas inscripções affirmam o interesse que os descendentes de D. João de Castro sempre tiveram por esta linda propriedade de seu illustre antepassado. Algumas tem grandiosas estatuas de santos em marmore as quaes se destacam bem sobre um fundo curioso. E' este constituido por uma superficie encerrada n'um arco e preen-

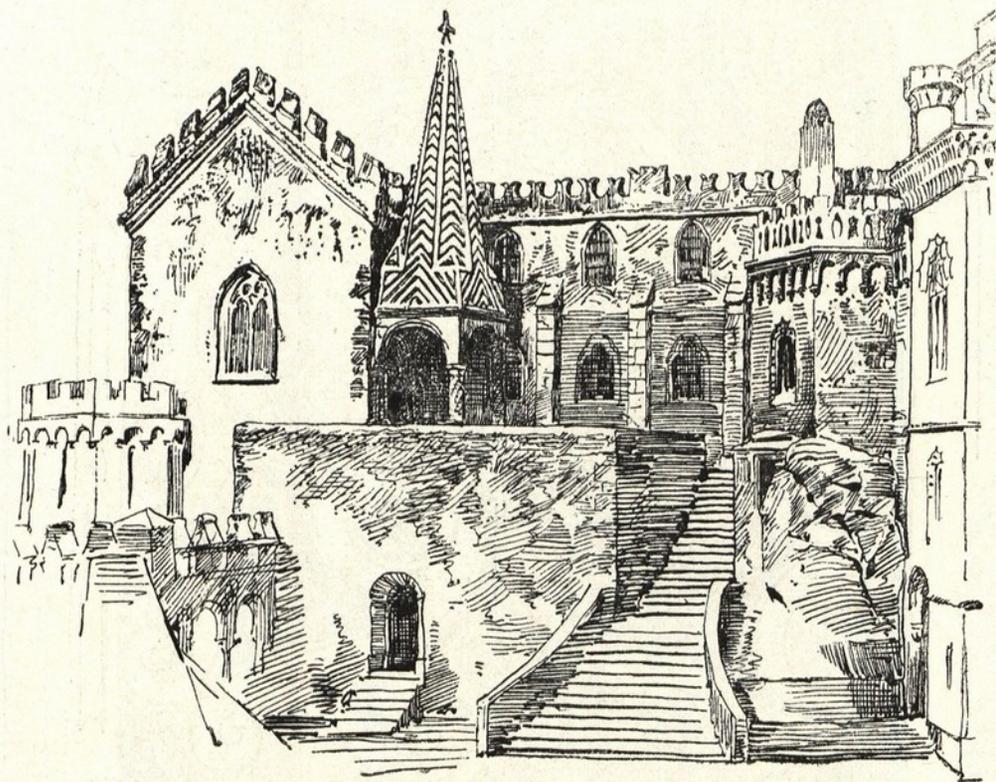
Os jardins teem além d'isto uma maravilhosa vegetação que vem ainda do tempo de D. João de Castro, e a qual foi muito admirada de seus contemporaneos como sendo alguma cousa de verdadeiramente extraordinario.

¹ Este mosaico de louça partida tem o nome de *embrexado*.

Este notavel varão, como tivesse dedicado de graça toda a sua vida ao serviço da sua patria, tinha o caracteristico gosto de fazer substituir as arvores fructiferas e as plantas rendosas de seu jardim por bellas plantas ornamentaes e arvores magnificas, que em parte trouxera das suas viagens, afim de que não podessem dizer que elle pretendia aproveitar-se com lucro da sua propriedade.¹

No cume mais elevado da serra (de Cintra) ergue-se hoje o magnifico castello do

tem ainda na nova construcção a pequena igreja e o gracioso e simples claustro. E' duvidoso, posto que o affirmam, ser a torre da primitiva. Em todo o caso a sua fórma actual tem muito de moderno. A igreja do convento divide-se em trez compartimentos ou vãos rectangulares, dos quaes o ultimo servia de côro aos monges. A entrada, no eixo dos outros dois compartimentos, faz-se por um pequeno portal, ao qual dá accesso um alpendre sustentado por duas ricas columnas. Este portico é corôado por uma pyramide coberta



Mosteiro dos Jeronymos da Pena

fallecido rei D. Fernando, a Pena, a Wartburg dos portuguezes². A poderosa estrutura que se agrupa em volta do antigo conventinho dos Jeronymos, no ponto mais alto do monte, occulta na sua massa as velhas construcções.

O pequeno convento do monte fôra alli fundado em 1503 por D. Manuel e concedido como refugio aos monges de S. Jeronymo de Belem; o rei teve por elle particular predilecção e alli esteve muitas vezes; e com razão. E' um dos lugares mais formosos do mundo; os aspectos dos seus rochedos sobre a serra, do campo esplendido e do mar são sem rivaes. D'esse modesto e velho mosteiro exis-

á maneira antiga de azulêjos pretos e brancos; todas as paredes são muito simples, terminadas em ameias de argamassa de uma maneira semelhante á que se encontra em Evora. A torre actual apresenta, como se vê na torre de Belem, duas plataformas corôadas de ameias e um profil pitoresco.

No interior a igreja tem uma linda abobada reticulada cujas nervuras fórmam grinaldas douradas em parte, e cujos barretes como as paredes, são revestidos de bonitos azulêjos em azul e amarello. Os altares pertencem ao tempo de D. João III, e talvez se deva considerar o revestimento de escaiola de um d'elles, ante o arco principal esquerdo, como um velho trabalho italiano.

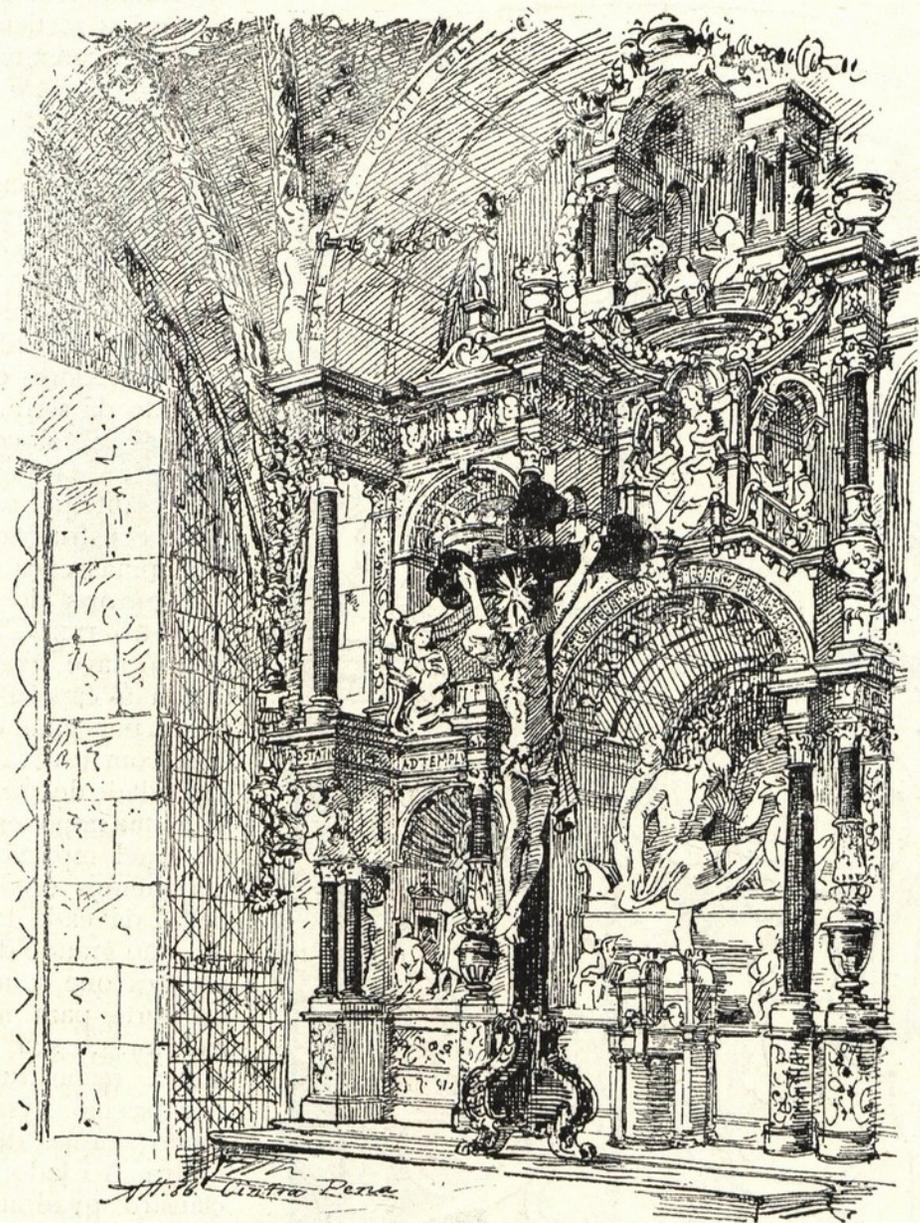
Na parede trazeira do segundo comparti-

¹ Vide Andrade, *Vida de D. João de Castro* pag. 10.

² Castello celebre perto de Eisenach na Thuringia.

mento, debaixo da abobada mestra, levanta-se o altar-mór em alabastro e marmore preto, uma das mais finas obras da florescente renascença em Portugal. Este altar foi mandado erigir, segundo se deprehe de da inscripção,

no anno de 1532. Toda a obra é repartida por columnas e pilastras, e encimada por uma Santa Familia em corôamento; as restantes superficies encerram entre finas divisões architectonicas uma profusão de altos relevos



Altar na Igreja da Pena

por D. João III no anno de 1532 em commemoração do feliz parto da rainha D. Catharina que lhe dera um filho ¹.

O altar é dedicado a Santa Maria e na parte inferior de uma columna tem a inscripção de que foi feito por Nicolau Chatranéz

¹ Johannes III Emanuelis filius, Ferdinandi nep. Eduardi pronep. Johannis I abnep. Portugal et Alg. rex. affric. æthiop. arabic. persic. Indi. ob felicem partem Catharinæ reginæ conjugis incomparabilis suscepto Emmanuele filio principe aram cum signis pos. dedicavitque anno MDXXXII.

Divæ Mariæ virgini et Matri sac.

e de estatuetas representando episodios da historia sagrada.

A principal divisão inferior é preenchida por um Santo Sepulcro e em volta uma successão de scenas em menores dimensões: nascimento de Christo, a annunciação de Nossa Senhora, a adoração dos reis magos, a adoração dos pastores, etc., todas as figuras d'uma grande graciosidade e de uma grande delicadeza.

Todo o altar é architectonicamente bem dividido e ricamente executado, em parte

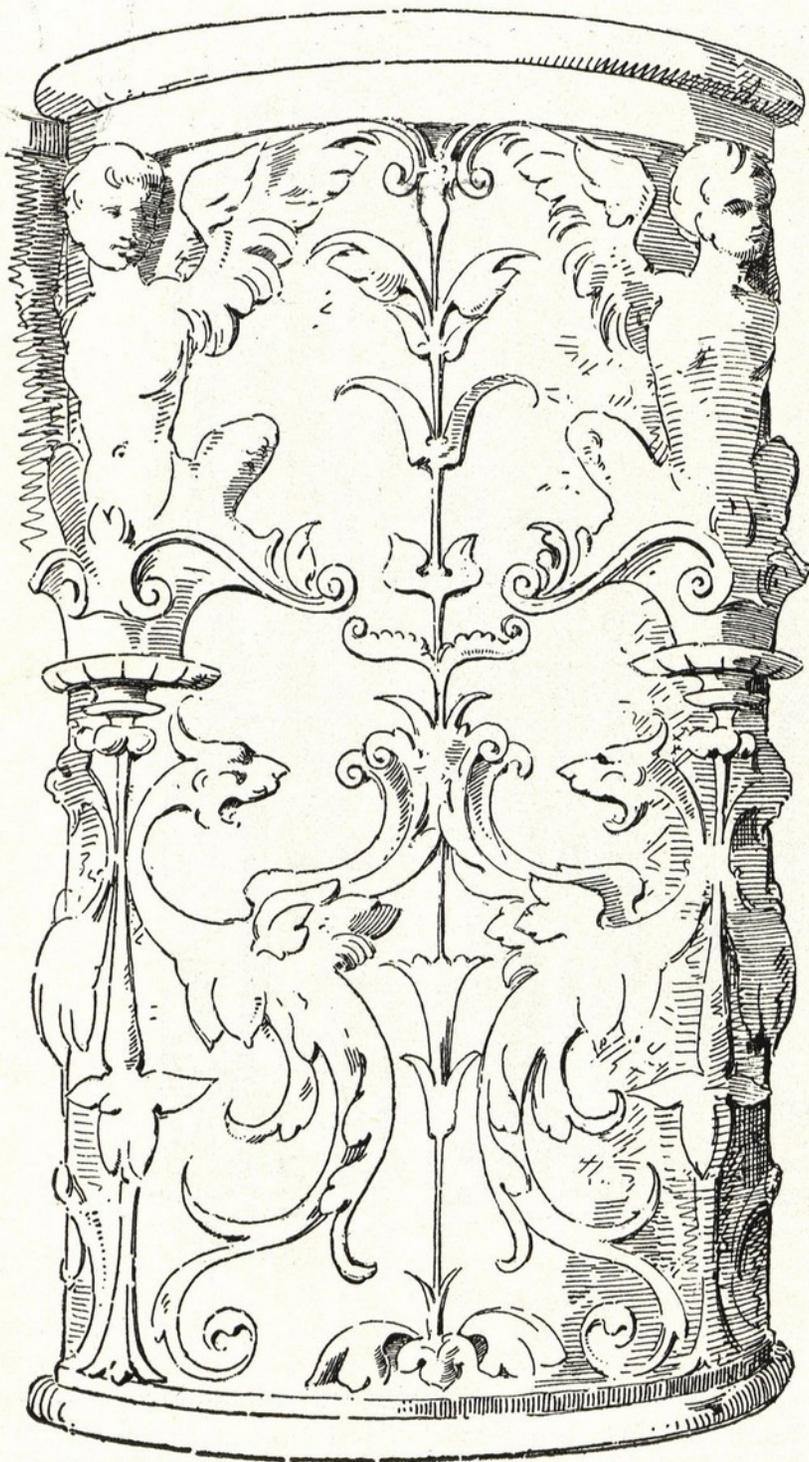
com uma grande liberdade de tratamento decorativo, como por exemplo nas grinaldas soltas em alabastro sustentadas por anjos isolados e ainda em outras graciosas decorações, de

A igreja tinha provavelmente em antigos tempos pinturas sobre vidro do mestre Francisco Henriques por 1510. Esta data marca o acabamento dos trabalhos aqui.

Todo o rez-do-chão do conventinho tem as habituaes abobadas reticuladas. Ao centro da construcção fica o pequeno claustro quadrado. Ha de cada lado d'este, nos dois pavimentos, duas divisões com trez aberturas sobre finos columnelos, e, entre aquellas divisões, arcobotantes com agulhas torças de remate e grossas molduras em fôrma de corda.

Nos arredores e para o outro lado da serra, n'um valle pitoresco foi construido o mosteiro da Penha Longa, interessante por ser uma elegante construcção da transitoria renascença dos primeiros tempos do reinado de D. João III. Tem a igreja uma só nave cuja parte destinada á capella-mór é corôada por uma cupula e é feita com muita pureza e severidade de fôrmas. A nave com uma imponente abobada de tonel repartida em compartimentos e com duas capellas de cada lado fôrma um vão grande de bôas proporções que se abre do lado do norte para um portico exterior. A sua architectura indica reconstrucção posterior (seculo XVII?); a torre muito simples deve ser primitiva. Ao lado sul segue o claustro quadrangular com trez alas de dois pavimentos de uma architectura que corresponde á que se encontra em Coimbra pelos annos proximos de 1540, de uma grande delicadeza de fôrmas e de uma graciosia distincção no sobrio ornamento.

Em volta do claustro agrupam-se as diversas dependencias do convento, a sacristia, o refeitório, e uma parte agora utilizada como habitação e que antigamente fôra a do abbade. Esta parte, com a sua pequena entrada alpendrada sobre columnas e toda coberta de rica abobada reticulada, deve ser dos ultimos tempos do reinado de D. Manuel.



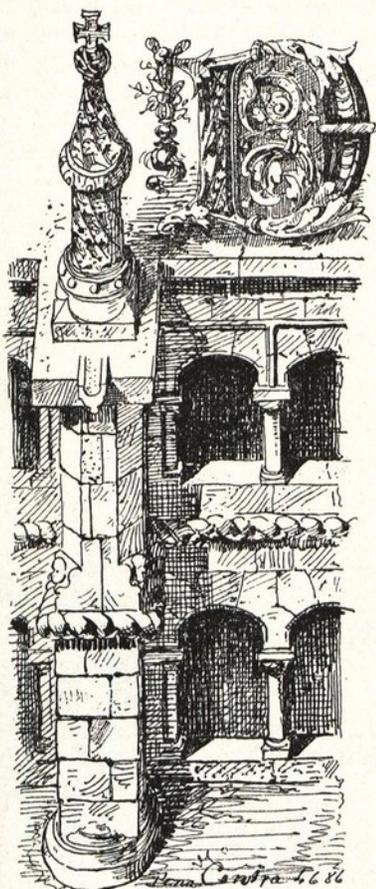
Ornato de columna do altar da Pena

maneira que não se pôde fazer d'elle uma descripção bastante clara para dar perfeita idéa. Os detalhes architectonicos, sobretudo o ornamento, são de uma grande perfeição, como em Coimbra sómente d'elle se encontra exemplo. Ao de Coimbra excede em muito aqui a execução, assim como o nome do mestre.

Os jardins contiguos ao edificio encerram tambem ainda hoje toda a especie de cousas primitivas, grutas com azulêjos e semelhantes, e mostram um exemplo de regular

Esta notavel e intelligente senhora fundou alli em 1485 este grande hospital de thermas onde ainda hoje se faculta aos pobres o uso dos banhos e que no tempo de D. João v foi substituido por uma nova construcção.

Da antiga e extensa construcção que parece ter sido acabada pelos annos de 1502, existe ainda hoje a pequena igreja com a sua fina torre; é aquella muito modesta com simples janellas de arco de volta inteira e uma galeria sobre a cornija principal, lindas abobadas no interior; pelo contrario a torre exhibe rico e requintado acabamento no seu campanario, unico exemplo por mim co-

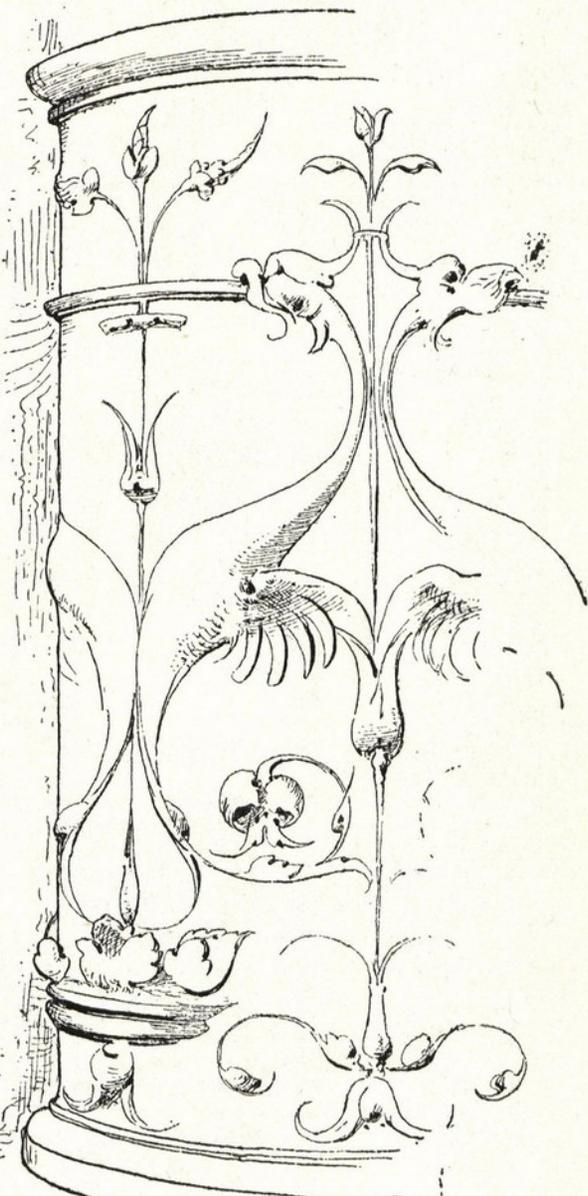


Claustro da Pena

conservação de ajardinagem de um mosteiro opulento.

A igreja de Collares, villa celebre pelo seu vinho, situada no sopé da serra de Cintra merece menção, posto que seja apenas uma igreja de aldêa de bôa apparencia. É um edificio comprido com abobada em fórmula de tonel com capellas dos dois lados e cuja decoração é de talha ricamente dourada. As pilastras teem bons azulêjos do seculo XVI e as paredes do côro são tambem revestidas de azulêjos em estylo do seculo XVIII. Na praça ha ainda hoje e bem conservado o pelourinho: uma cruz sobre uma esbelta columna doricã, plantada sobre um pedestal de trez degraus.

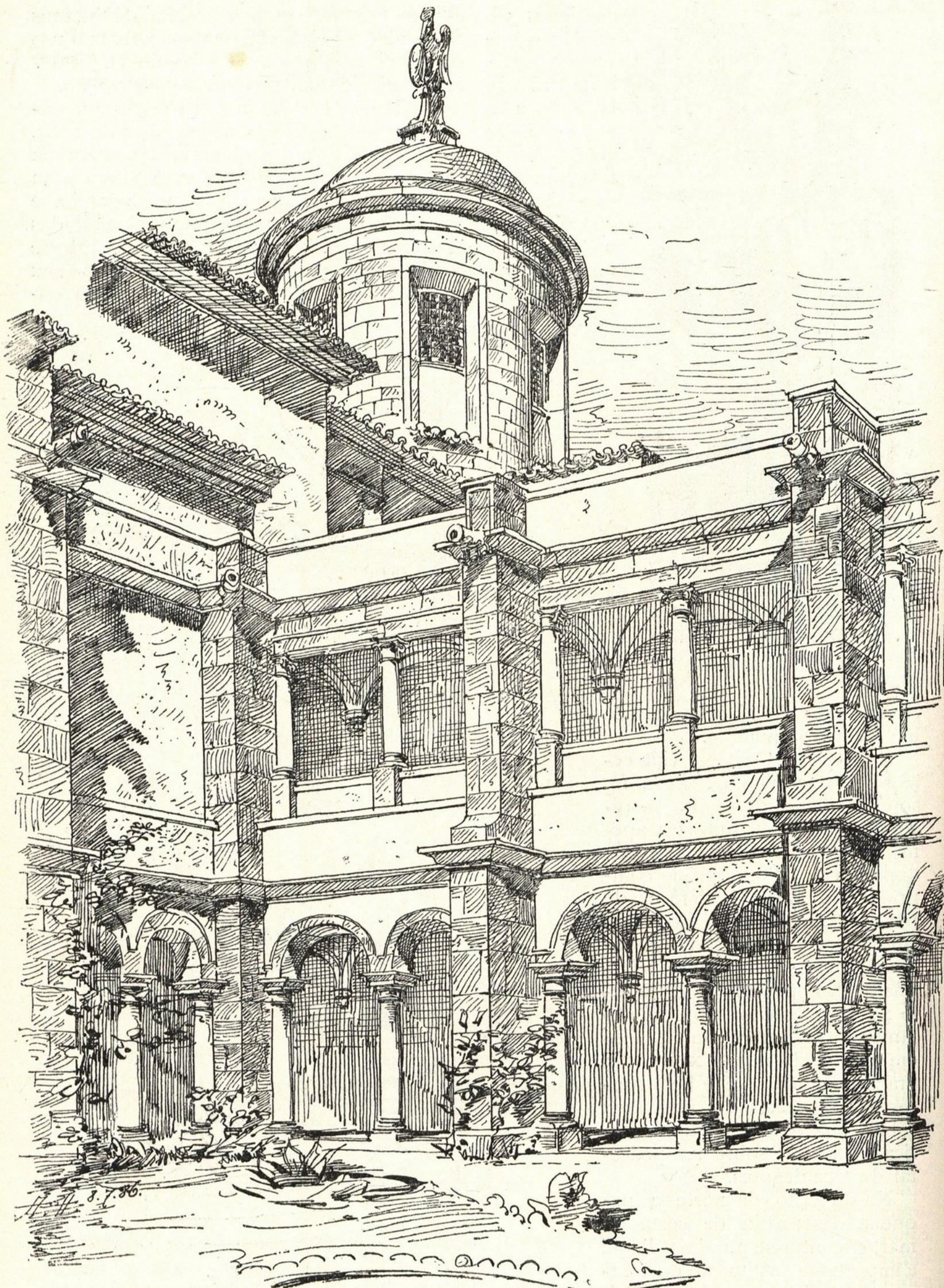
Na direcção do norte a pequena distancia da costa do mar, encontra-se proximo d'aqui a importante instituição do tempo manuelino na villa de Caldas — o estabelecimento dos banhos denominado Caldas da Rainha, do nome de sua fundadora a rainha D. Leonor.



Cintra Vom Altar der Pena

Outro ornato do altar

nhecido de uma torre de igreja isolada n'este estylo. As janellas d'esta são esplendidamente

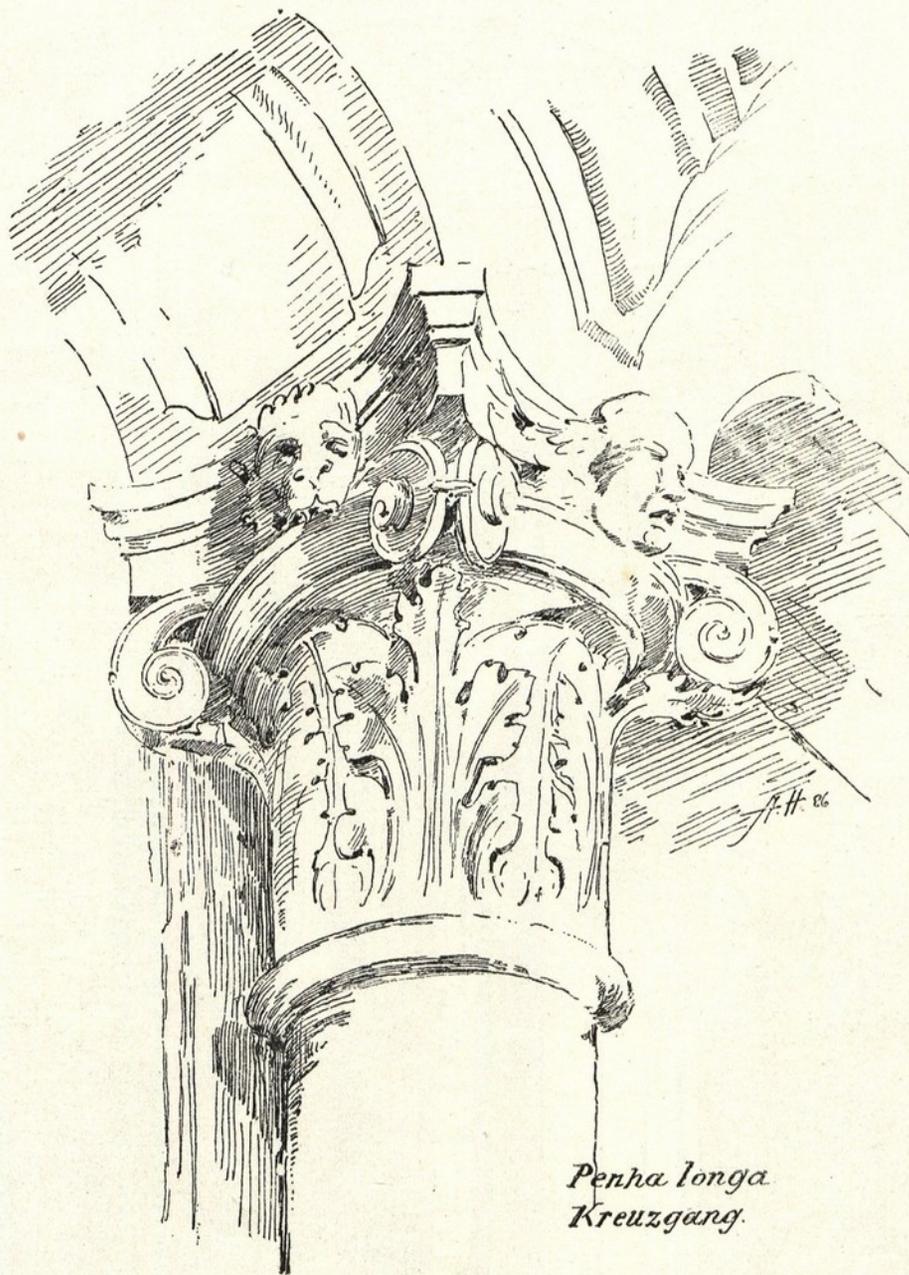


Penha longa.

Claustro da Penha Longa

emmolduradas e fecham-se em arco trevado e mostram uma execução muito original assim como o principio da arruinada pyramide (vide gravura). Todo este fragmento, como todas as construcções mandadas fazer por D. Leonor, indica que a rainha era zelosa

pequenas egrejas indicam o começo do seculo XVI; S. Pedro em especial possui um rico portal ogival de fórmulas rudes no gothico dos ultimos tempos; no interior tem absida, esómente o espaço da nave lateral, bem como o da transversal, possui ricas abobadas re-



*Penha longa
Kreuzgang.*

Capitel de columna da Penha Longa

protectora do novo estylo; a egreja da Conceição em Beja, tendo estas mesmas fórmulas vivas e pitorescas, póde ser retrotrahida ao tempo de D. Fernando, pae de D. Manuel e de D. Leonor, de maneira que póde dizer-se ter este ramo da familia real uma tendencia consciente e seguida n'aquella orientação architectonica, em contraste com a de D. João II.

Em Torres Vedras que fica proximo, duas

cticuladas; de mais é um edificio pouco systematicamente planejado.

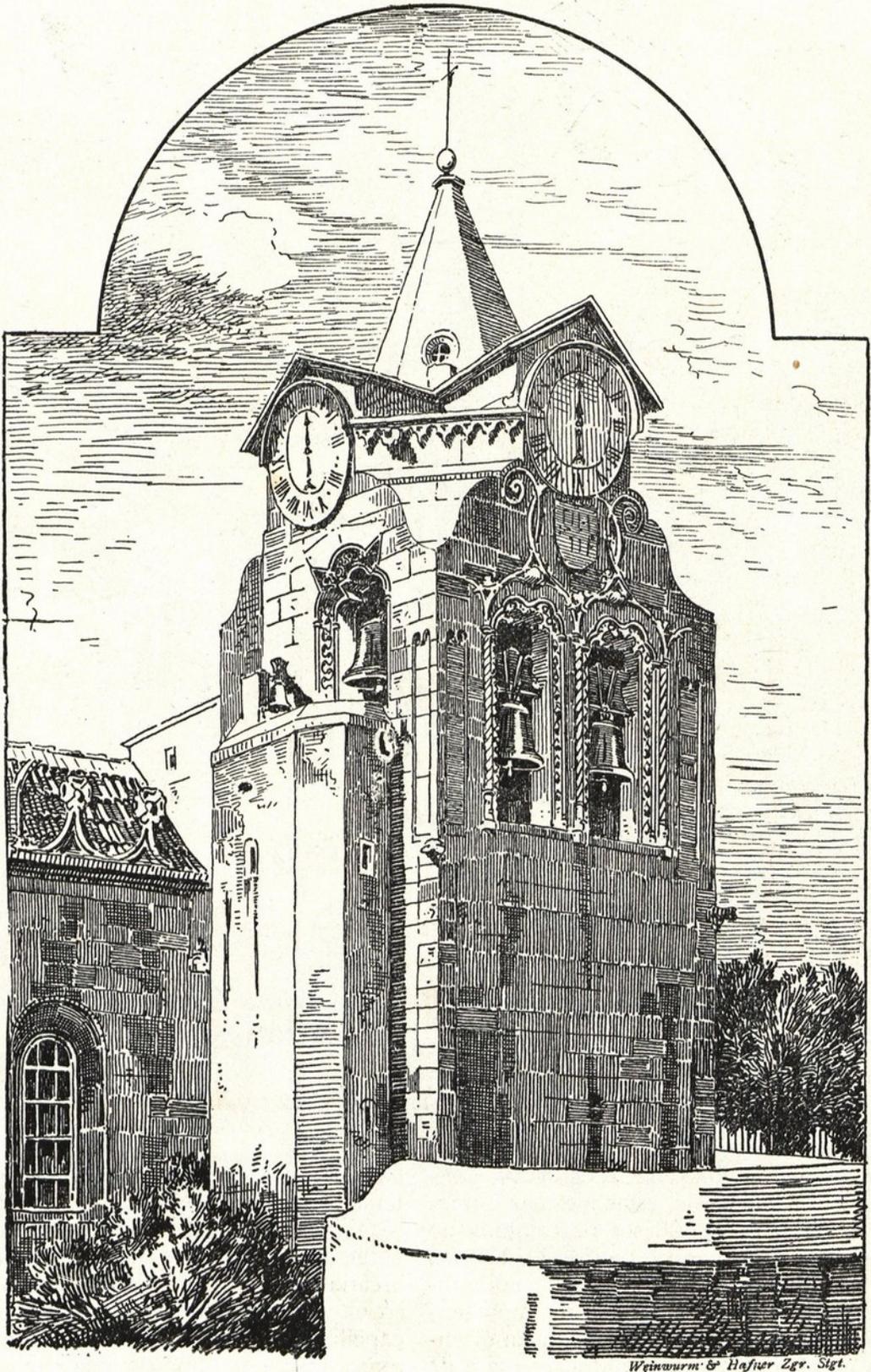
O mosteiro de S. Gonçalo é um singelo edificio da época hespanhola com pateo em arcaria um tanto grosseira e egreja de uma só nave abobadada em fórmula de tonel cujas capellas em parte encerram altares da boa renascença em obra de madeira em talha dourada da época proxima de 1640; o sarcophago de S. Gonçalo na egreja provem do

principio do seculo XVI e exhibe fórmulas pouco finas do estylo gothico manuelino dos ultimos tempos no paiz.

O velho castello mourisco recebeu de D. Manuel uma vistosa construcção no seu por-

tão, corôado de ameias com o desenho dos escudos do rei sobre a porta.

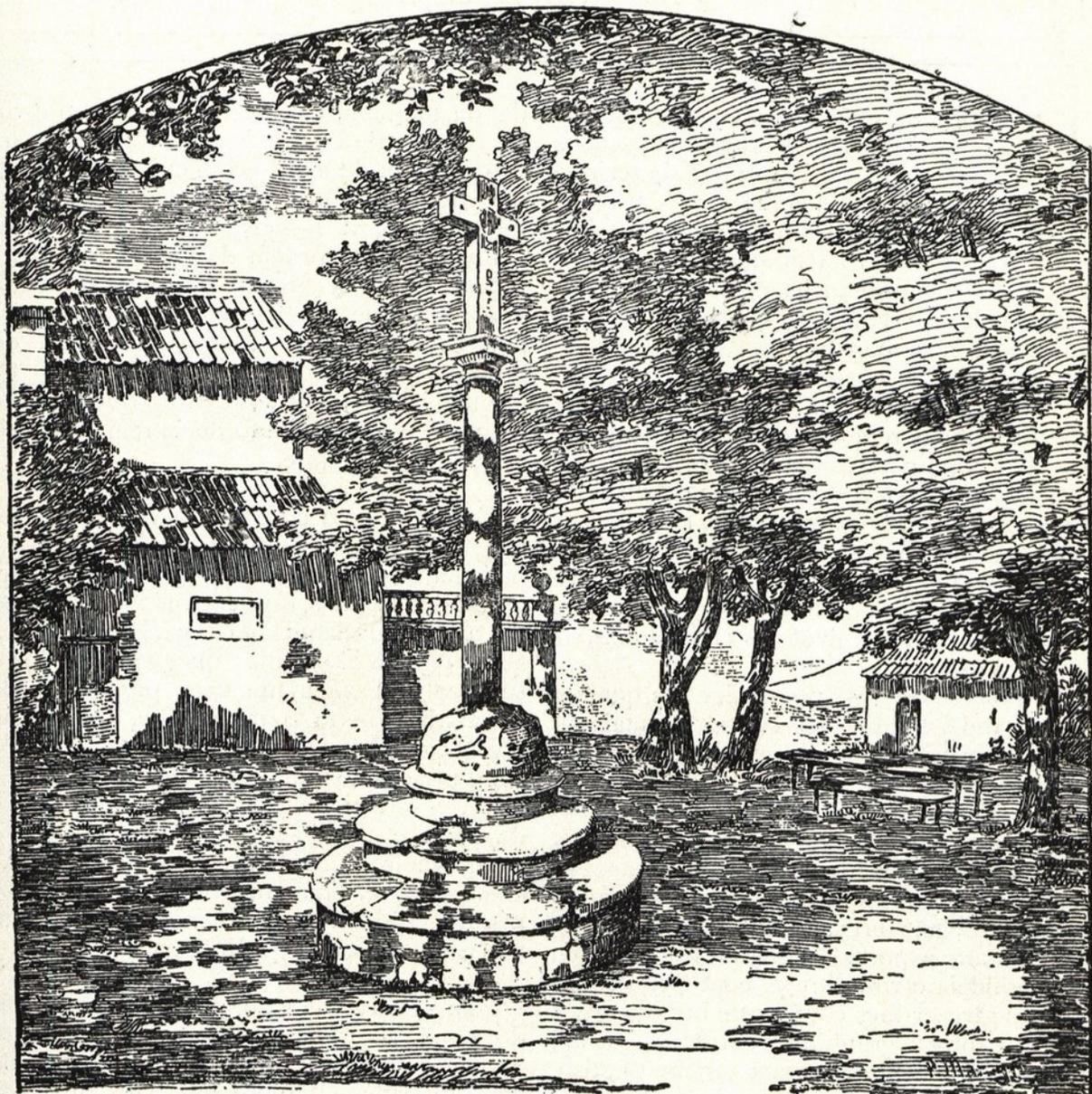
Caminhando das Caldas da Rainha para o norte e pelo leste, encontram-se proximos os mais grandiosos monumentos da archite-



Torre da Igreja das Caldas da Rainha

ctura de todo o paiz — exceptuando Be-
lem — todos agrupados n'um pequeno tre-
cho de terra: os soberbos pantheons dos

primeiros reis em Alcobaça e Coimbra, dos
mais modernos na Batalha e mais para su-
deste em Thomar a immensa e magnifica



Pelourinho de Collares

residencia da ordem de Christo. A estas
obras poderosas, que proveem de uma épo-
ca mais remota, deu-lhes o tempo de D. Ma-

nuel a mais esplendida ornamentação, o en-
canto phantastico e artistico que as faz ainda
hoje tão curiosas e unicas no seu genero

(Continúa)



UMA CABRA E OS SEUS CABRITOS

NARRATIVA JAPONEZA

HOUVE uma epocha remota, em que os bichos fallavam e andavam vestidos como a gente. Passou. Póde ser que outra venha, em que a gente se ponha a berrar como hoje os brutos e se cubra de pellos como elles; sabios ha mesmo que suppõem ter descoberto prenuncios certos d'esta farça dos seculos vindouros, a qual deve ser mui divertida. Mas isto não vem nada agora para o caso.

Vou contar-lhes a historia de uma cabra d'esses tempos remotos, de nome Yagui-san, que vivia em companhia de oito filhos seus. Escusado seria acrescentar que mãe e filhos muito se queriam mutuamente, coisa vulgar nas cabras, e mais de esperar-se no Japão, aonde as mães japonezas (fallo da especie humana) são as primeiras a dar o exemplo de um affecto entranhado ás creancinhas.

A familia vivia na montanha. De quando em quando a cabra descia á aldeia mais visinha a provêr-se de viveres necessarios para algum tempo.

Um dia pois, em que Yagui-san teve, como de costume, de ausentar-se do seu lar, reuniu a pequenada e a todos fez a recommendação do estylo: — «Vocês fiquem aqui muito quietinhos, não briguem uns com os outros, não abram a porta a nenhum estranho; eu vou á aldeia e volto breve, e não me esquecerei de trazer-lhes confeitos e brinquêdos.» — Os cabritos grunhiram em côro — «Sim, senhora!» — e prometteram ter muito juizo.

Lá vae Yagui-san, cesto no braço, descendo muito lepida pela serra, desejava de concluir cedo os seus arranjos e regressar a casa. Os pequenos fecharam a porta no ferrolho e para se entreterem começaram jogando a cabra-cega.

Ora, um lobo dos sitios viu sair a matrona e dirigir-se á aldeia. Por fome e maus instinctos, pensou a principio em atirar-se a ella; mas raciocinou depois, e com criterio (faça-se-lhe esta justiça), que, banquete por banquete, mais valia ir abarcar os pequerruchos, que eram muitos e de febras mais tenras do que a mãe.

Assim fez. Eil-o abeirando-se da modesta choupana dos cabritos. Porta fechada; não contava com este contratempo. Por uma fen-

da da madeira, espreitou para dentro e viu os garotos rindo e folgando, como bons irmãos. Bateu de manso com os nós dos dedos na parede. — «Quem é?» — disse o mais velho dos cabritos — «Não se abre a porta a ninguem, por ordem da mamã!» — grita o mais novo. — «Sou eu, murmura o lobo, a vossa tia, que vos traz confeitos e bonitos; abri depressa, meus amores . . .» — Um do grupo obtemperou então que a voz da tia era mais doce e harmoniosa do que aquella, o que deu em resultado decidirem não abrir a porta ao visitante.

Corre o lobo a uma pharmacia, e pede um gargarejo que lhe torne a voz mais doce e mais harmoniosa. Usa a droga. Depois volta á casa dos cabritos, espreita e encontra a chusma a jogar ainda a cabra-cega. Bate de manso. — «Quem é?» — diz o mais velho. — «Não se abre a porta a ninguem, por ordem da mamã!» — berra o mais novo. — «Sou eu, objecta o lobo, a avósinha, que vos traz bolos e brinquedos; abri depressa, meus meninos . . .» — Um do grupo, approximando-se da porta e espreitando para fóra, notou aos companheiros que, tendo a avó os pés alvos como a neve, eram negros como carvão os pés do visitante; o que fez que resolvessem não abrir a porta a quem batia.

Safa-se o lobo a galope, já muito despeitado, e pede ao primeiro pintor com que depara que lhe pinte os pés de branco, por causa de uma brincadeira que projecta. Satisfeito o seu desejo, volve lesto ao poiso dos cabritos, que ainda se entretêm no mesmo jogo. Bate á porta, de leve. — «Quem é?» — diz o mais velho. — «Não se abre a porta a ninguem, por ordem da mamã!» — guincha o mais novo. — «Pois sou eu mesma, tontinho! a tua mamansinha, que volta já da aldeia e traz o cesto cheio a transbordar de fructaa, de salada, de bolos e brinquedos! abri depressa, meus encantos . . .» — Consideram no caso, consultam-se, espreitam pela fenda; agora não ha duvida; a voz é da mamã, doce e harmoniosa, tal e qual como a da tia, e os pés são brancos como os d'ella, que n'isto sae á avó. Abre-se a porta. O lobo entra de um pulo, esfoineado, iracundo, ardendo em odio. Não precisa fallar, — para o caso dispensam-se

discursos —; escancara a enorme bocca e cae sobre os tristes indefesos. O mais novo, por ser tão pequenino, poudes esquivar-se ás vistas do carnívoro e esconder-se dentro de uma arca que alli estava, d'onde então presenciou a scena horrivel que descrevo. O monstro enguliu um por um todos os sete irmãos, inteirinhos, sem mesmo tomar o gosto ás tenras carnes; tal era a fome que o alanceava e a raiva de que se achava possuido. . . Depois, julgando não restar mais coisa em que podesse exercer a sua voracidade insaciavel, lançou um olhar perverso ao aposento, arrotou, lambeu os beiços, fez meia-volta e retirou-se.

Passado pouco tempo, voltou Yagui-san, tendo concluido as suas mercas. Vinha offegante, escorrendo em suor, pela azafama com que andára de um lado ao outro, do vendilhão de alface ao dos bonecos, ao do arroz, ao dos confeitos, e pela ancia com que trepou pela serra arriba, na pressa de chegar.

A porta aberta, o desarranjo interno e o silencio em torno, tudo lhe annunciou uma grande catastrophe consummada. — «Meus filhos, clama a misera, meus filhos onde estão? Ai de mim, e ai d'elles! que por certo abriram a porta por engano, o lobo deu fé d'isso, veio aqui, comeu-m'os, devorou-m'os! . . .» — As lagrimas corriam-lhe dos olhos, a fio, manifestando a dôr immensa que lhe ia no bestunto. Então o cabrito mais pequeno, unico salvo, entreabriu a tampa da arca e lá de dentro, tremulo ainda de susto e de pezar, contou á mãe como tudo succedera.

A boa Yagui-san escuta attentamente a narrativa. A dôr, a colera, a sede de vingar-se, animam de tons differentes o olhar e o gesto do desolado bruto. Por fim, como se uma idéa genial de subito lhe occorresse e com um rasgo de coragem bem pouco em harmonia com a indole dos animaes da sua especie, — mas de que não serão capazes as mães em transes taes! — gritou ao pequenito — «Acompanha-me! vamos salvar teus manos e conferir o justo premio ao seu algoz! . . .»

Seguem os dois. Embrenham-se no matto, alcançam as mais ermas clareiras da floresta, em procura do lobo. Oh! elle além está, estirado, fazendo fôfo leito das folhas seccas do arvoredado caídas pelo chão. Dorme e resona, n'uma doce postura de paz de consciencia e de appetite satisfeito, o canalha! . . . Convém não accordal-o; pois não será com tal patife, em guerra a descóberto, que a cabra terá probabilidades de victoria. Chega-se pois a elle mui de manso, mui de manso,

com pés de lâ que avançam sem ruido, contendo a respiração, o arfar do peito. Eil-a ao lado da fera. Depressa, saca de uma tesoura que trouxera, e rasga-lhe a barriga tão delicadamente, que o lobo continúa dormindo e resonando. Eis os filhos, todos sete, são e salvos, surdindo do bandulho sem uma só beliscadura e saltando ao pescoço e abraçando-se aos chavelhos da jubilosa mãe. — «Calem-se! absoluto silencio! . . .» — murmura-lhes a cabra.

Os filhos, tem-n'os ella. E' muito bom, mas ainda não é tudo. Urge agora mandar para os infernos aquelle troca-tintas, já porque a sede de vingança (que é uma virtude no Japão) assim o determina, já porque aconselham todos os codigos da prudencia que a gente — e os brutos porque não? — nos livremos para sempre, se podermos, de repetir encontros com os nossos inimigos.

— «Cada um de vocês, segreda a cabra aos sete filhos, vae agora trazer-me um pedregulho, comprehendem?» — Dito e feito. Yagui-san arruma as sete pedras na barriga do bicho, escancarada; depois começa de juntar de novo a pelle, cosendo-a a leves pontos de fio de seda com que vinha prevenida. Ah! impagaveis mãos das japonezas, mesmo quando seja de cabras que se trate. . . tanto mimo, tanta arte e quasi se diria — tal carinho — empregou no seu trabalho, como se estivesse cosendo um vestido de setim para um dos filhos, que ao cabo de uns minutos a ferida estava reparada sem que restassem vestigios do rasgão, composto e lisado o pello; e o lobo — comprazendo-se com os afagos d'aquelles dedos, parecia! — mais regaladamente continuava dormindo e resonando. . .

Bem. Agora é safar ligeiro para longe e escolher poiso entre a maranha dos arbustos, ao abrigo das vistas do patife, que ha-de acordar, quando se fartar de dormir tanto.

E accordou, passadas umas horas. Ergueu-se, espreguiçou-se, esfregou os olhos com as mãos, deu alguns passos ao acaso, mal seguros. Sem duvida, sentia-se pesado. — «Difficil digestão, exclama; eram mais duros do que eu julgava, os cabritinhos. . .» — A agua corre-lhe proxima, n'uma profunda ribeira que serpea na montanha. Devora-o a sede; acerca-se, inclina o corpo sobre as mãos, para beber. Então, por um phenomeno de facil comprehensão, mesmo para os pouco versados nas leis da gravidade, as pedras rolam-lhe nas entranhas para a frente, o corpo perde o equilibrio, o lobo cae na agua e logo vae para o fundo. . . logo? não

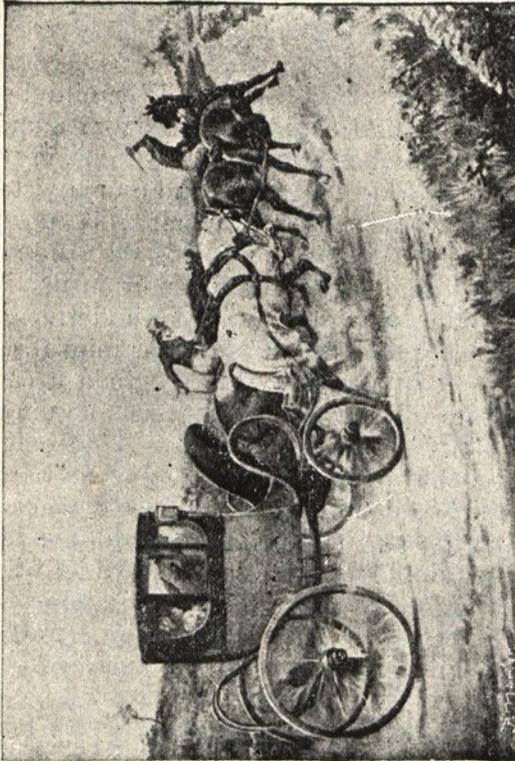
tão rapidamente que não lhe chegassem às orelhas as gargalhadas da cabra e dos cabritos, que vinham em rebanho, a mãe e os

oito filhos, abeirar-se da ribeira e assistir aos últimos esgares e ao turvo arregalar dos olhos de sua excellência o lobo...

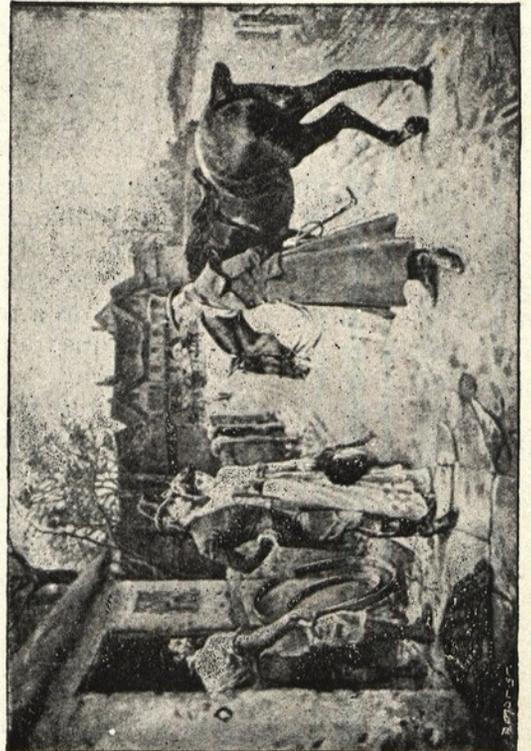
Kobe, outubro de 1902,

WENCESLAU DE MORAES.

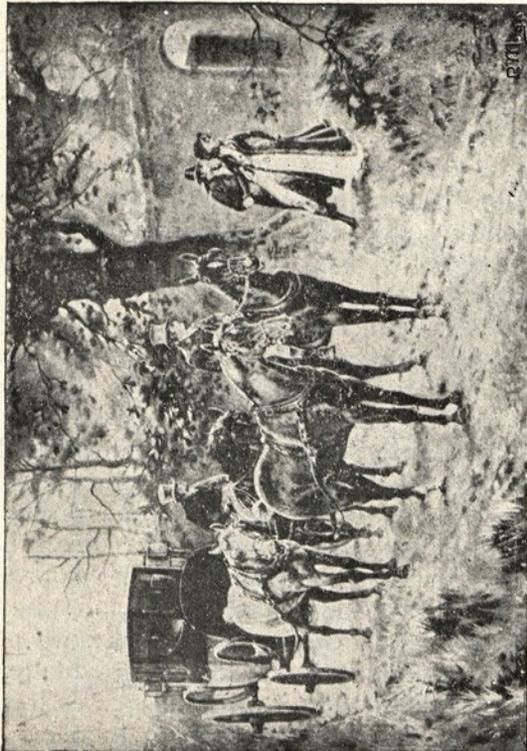
VELHA HISTORIA



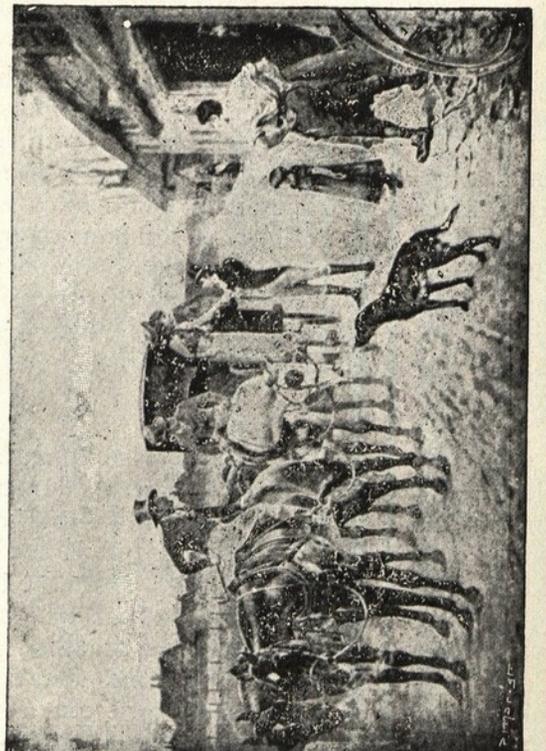
A todo o galope



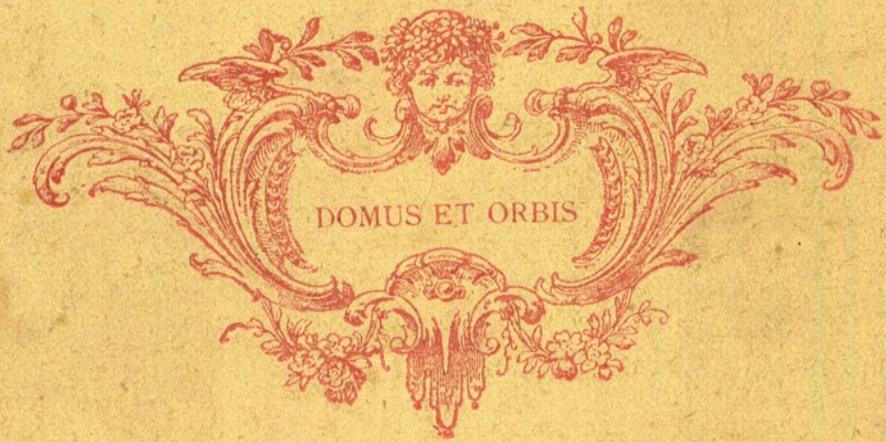
Pilhados!



No momento da fuga



O primeiro descanso



VARIÉDADES

MEMENTO ENCYCLOPÉDICO

Acontecimentos políticos e sociais

DEZEMBRO 17 de 1903 — *Hespanha* — No senado em Madrid o sr. Montero Rios diz sentir grande satisfação pelo bizarro acolhimento feito em Portugal a Affonso XIII, e prevê a aliança de Hespanha com Portugal, preconizada pelo partido democratico. Em seguida propõe que se envie á nação portugueza um publico testemunho de gratidão. A proposta de Montero Rios foi approvada por unanimidade. — *Grecia* — O sr. Theotokis acceta o encargo de formar novo gabinete pela demissão do sr. Rhalis. — *Japão* — Dizem de Tokio que a resposta da Russia ao Japão foi examinada pelo conselho de ministros, parecendo que as propostas russas não foram consideradas aceitaveis.

19 *França* — Em Lyon os operarios preparadores e tintureiros votam a continuação da greve por grande maioria.

20 *Hespanha* — Em Valencia fecham-se os estabelecimentos para protestar contra os agravamentos das contribuições.

22 *Inglaterra* — Em Londres as companhias de seguros estão já segurando navios contra os riscos de guerra. — *Hespanha* — Diz-se que Alexandre Pydal voltará novamente á politica activa em virtude de indicações d'altas influencias. — *Argentina* — Estão completamente páralysadas as operações no porto de Buenos Ayres em consequencia da greve. — *Santiago do Chile* — Dá a sua demissão o gabinete chileno.

24 *França* — A commissão da revisão pronuncia-se unanimemente pela reeceptibilidade do requerimento do ex-capitão Dreyfus para a revisão do seu processo em Paris.

25 *França* — O sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros e o conde Tormelli, embaixador da Italia, assignam uma convenção de arbitragem, cujos termos são absolutamente identicos á convenção franco-ingleza assignada em 14 de outubro ultimo.

26 *Hespanha* — Salmeron está disposto a entrar n'uma activa propaganda republicana, realizando para esse fim varios «meetings».

Brazil — O numeroso pessoal da marinha mercante no Rio de Janeiro constitue-se em greve por causa dos cidadãos ultimamente naturalizados brasileiros serem excluidos da recente lei do sorteio para o serviço da marinha de guerra.

29 — *Hespanha* — Pablo Iglezias chefe do partido socialista vae retirar se á vida privada, afim de restabelecer a sua saude — *Somalilandia* — De Hoewit annunciam que os somalis inflingiram um pequeno revés a uma columna militar ingleza.

JANEIRO 2 de 1904 — *Inglaterra* — «O Daily Telegraph e o «Daily Graphic», publicam informações assegurando que as ultimas noticias do Extremo Oriente dão como inevitavel o rompimento da Russia com o Japão.

3 — *Uruguay* — É declarado o estado de sitio em toda a republica.

5 — *Brazil* — A colonia portugueza do Ceará reclama do ministro portuguez, conselheiro Camillo Lampreia, providencias contra o assassinato do nosso compatriota Marques Dias.

6 — *Marrocos* — O governo marroquino paga os juros em atraso de todos os emprestimos.

9 — *China* — O principe Tching informa o ministro do Japão em Pekim de que a China conservará a neutralidade no caso de se declarar a guerra russo-japoneza.

10 — *Hespanha* — A greve dos trabalhadores maritimos estende-se a Huelva Villagarcia a Bilbao e Gijon — Celebram-se dez comicios em Madrid contra o bispo de Nozaleda sendo presos varios oradores.

11 — *Santiago do Chile* — Resolve-se a crise ministerial.

12 — *França* — A camara dos deputados elege para seu presidente o sr. Brisson republicano radical e candidato da maioria, por 257 votos contra 219 dados ao sr. Bertrand, republicano.

14 — *Italia* — Granito Belmonte é nomeado nuncio em Vienna, e Caputo para egual missão em Munich.

15 — *Hespanha* — Ha um levantamento em Valencia contra os impostos de consumo.

19 — *Inglaterra* — O sr. Chamberlain vae a Guild Hall, onde tem um acolhimento entusiastico. Pronuncia um discurso em que explana o seu programma aduaneiro. Diz que se não forem adoptadas as reformas que elle propõe, a Inglaterra participará da sorte de Veneza, e da Hollanda, cuja prosperidade está extincta.

20 — *Allemanha* — O «Reichstag» approva sem debate os creditos supplementares pedidos pelo governo para reprimir a rebelião na Damaraland.

22 — *França* — Em Paris na praça da Concordia dá-se uma manifestação aos gritos de viva a Alsacia. A policia evacua a praça e effectua umas sessenta prisões.

26 — *Hespanha* — No senado o sr. Navarro Lenester combate energicamente o tratado de commercio entre a Hespanha e a Noruega.

29 — *França* — O senado approva as convenções assignadas em Haya entre a França e varias potencias para regularização dos conflictos de leis e jurisdicção no tocante a tutela de menores, casamento e divorcio com separação de bens.

30 — *Hespanha* — No senado Montero de los Rios pede a lista das reclamações feitas por hespanhoes depois da perda das Philipinas, e que se relacionem com o tratado feito em Paris, segundo o qual o governo americano se obriga a recommendar a Cuba o cumprimento dos compromissos.

FEVEREIRO 1 — *Montevideu* — Um bando de 1:500 homens pertencentes ao partido governamental soffre um revez em San Ramon.

2 — *Hespanha* — O «Heraldo» publica varios documentos officiaes relativos á defeza de Manilla. Um d'elles prova que Nozaleda presidiu á junta de defeza de Cuba. — *Grecia* — O sr. Theotokis, presidente do conselho e ministro do reino, apresenta na camara dos deputados o programma da reorganização do exercito. — *Inglaterra* — Abre o parlamento com a assistencia do rei Eduardo VII. No discurso da corôa mostra-se grande satisfação por se ter concluido com a França a convenção de arbitragem.

3 — *Servia* — Em Belgrado o ministerio servio dá a sua demissão collectiva.

4 — *Japão* — O governo japonéz é informado de que todos os navios de guerra russos surtos em Porto Arthur, menos um que está em concerto, partiram com destino desconhecido, e que as tropas russas se dirigem para o lalú.

7 — *Japão* — Aguarda se a todo o momento a declaração de guerra. A legação russa prepara-se para partir de Tokio.

8 *Japão* — O governo japonéz declara officialmente que toma a decisão do rompimento das relações por causa da demora da resposta russa, e affirma não a ter recebido.

9 *Japão* — A esquadra japoneza composta de 15 couraçados, bombardea Porto Arthur. *Servia* — Granitch Rerco constitue gabinete.

10 *Hespanha* — A autoridade suspende em Madrid o «meeting» da União Escolar Republicana, sendo preso um dos oradores. — *Estados Unidos* — O governo americano decide

enviar os cruzadores da esquadra das Philipinas ás aguas chinezas para seguirem as operações. — *Russia* — O almirante Alexieeff é nomeado commandante de todas as forças de terra e mar no Extremo Oriente. — *Inglaterra* — O rei Eduardo assigna a declaração da neutralidade da Gran Bretanha.

13 *Allemanha* — O «Monitor do imperio» annuncia a proclamação da neutralidade da Allemanha. — *China* — O governo chinez proclama a neutralidade da China.

14 *França* — O governo francez adhire á nota dos Estados Unidos sobre a integridade e entidade administrativa da China. — O jornal official publica a declaração da neutralidade da França no conflicto russo-japonéz.

15 *Hespanha* — O governo põe á disposição do deputado Nocedal, os documentos referentes aos processos instruidos, relativos á perda das colonias.

18 *Portugal* — Pela presidencia do conselho de ministros é levada á assignatura regia, depois de ouvido o conselho de Estado, o decreto pelo qual Portugal manterá a mais estricte e absoluta neutralidade a respeito das potencias belligerantes no Extremo Oriente. — *Japão* — Os japonezes no combate do dia 14 em Porto Arthur metteram a pique 2 navios russos.

19 *Portugal* — Realizam-se comicios como protesto ás propostas de fazenda.

21 *Hespanha* — Marcham de Madrid e de Barcelona mais tropas para os Baleares. — *Brazil* — E' sancionado no Rio de Janeiro o tratado do Acre com a Bolivia.

23 *Hespanha* — O sr. Salmeron, rodeado por todos os deputados republicanos abandona a sala das sessões do Congresso em Madrid e assim sahe do edificio sendo aclamado por enorme multidão que o applaude. — *Russia* — A nota da Russia ás potencias accusa o Japão de ter violado o direito das gentes em Porto Arthur. — *França* — O grupo da direita e o grupo da União Republicana affirmam por unanimidade a sua fidelidade e sympathia para com a Russia e votam 500:000 francos para os feridos russos.

24 *Japão* — A subscrição aberta para o emprestimo destinado ás despezas da guerra foi coberta com grande entusiasmo; a população ainda a mais pobre concorreu com o seu obulo para o emprestimo. — *Russia* — O Mensageiro do Governo publica o «ukase» que nomeia o almirante Makaroff commandante da esquadra do Pacifico.

26 *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt assigna uma proclamação que torna o tratado do canal de Panamá executavel. — *França* — O sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, assigna com o embaixador da Hespanha, uma convenção de arbitragem analoga á celebrada com a Inglaterra e a Italia.

28 *Japão* — O almirante Togo continúa a bombardear Porto Arthur. — *Colombia* — E' eleito o general Reyes para presidente.

29 *Portugal* — Fundêa no Tejo a esquadra ingleza do Canal, sob o commando do vice-almirante Carlos Beresford.

MARÇO 1 — *Portugal* — E' recebido em primeira audiencia por sua majestade el-rei D. Carlos I no paço d'Ajuda monsenhor Guiseppe Macchi, arcebispo de Thessalonica, novo nuncio de sua santidade em Lisboa.

3 *Egypto* — O conselho de ministros do Egypto decide que nenhum navio belligerante será autorizado a escoltar presos no canal de Suez nem nas aguas egypcias.

6 *Hespanha* — As forças militares que guardam Vigo recebem ordem para se mobilisarem na fronteira portugueza

9 *Portugal* — Dá-se uma revolta do gentio da Guiné. O governador envia de Bissau um telegramma noticiando que sahirá de Cacheu depois de completamente batido o Churo.

12 *Japão* — Os preparativos militares proseguem methodicamente. A esquadra japoneza tenta conseguir de novo obstruir o canal da enseada de Porto Arthur.

14 — *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a manifestação do commercio de Lisboa, Porto e outras terras do paiz contra as propostas de fazenda — *Bulgaria* — O governo bulgaro denuncia todos os tratados de commercio.

15 — *Hespanha* — Fundea no porto de Vigo o «Koenig Albert», escoltado pelo couraçado allemão «Friedrich-Karl» e trazendo a bordo o imperador Guilherme. Duas horas depois chega o rei Affonso XIII tendo uma entrevista com o imperador a bordo. Á tarde do mesmo dia o imperador Guilherme parte para Gibraltar, nomeando antes de partir Affonso XIII almirante da esquadra allemã, e concedendo as grã-cruzes da «Águia Negra» aos commandantes dos navios de guerra hespanhoes «Pelayo», «Giralda», Vasco Nunez, e «Balboa».

19 — *Russia* — O estado maior general calcula em mais de 550:000 homens, comprehendida a cavallaria, que até 25 de maio estarão concentrados na Mandchuria. Só em agosto poderá dar-se uma batalha decisiva.

21 — *Italia* — Na sua encyclica «Jucunda sane» por occasião do centenario de S. Gregorio, o papa exprime a resolução de defender, a todo o transe, os direitos do papado e diz: «Estamos n'uma época de negação universal, que é o resultado da sciencia mal applicada, revelando as consequencias moraes d'esta incredulidade.»

24 — *Japão* — No combate naval que se seguiu ao bombardeamento de Porto Arthur, foi mettido a pique um couraçado russo — *Hespanha* — O senado approva o projecto supprimindo o imposto sobre o carvão mineral. — *Italia* — O imperador Guilherme chega a Napoles.

25 — *Italia* — O embaixador da França entrega a Merry del Val, secretario de Estado do Vaticano, conforme as instrucções do sr. Combes, presidente do conselho, e Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, um energico protesto contra os ataques dirigidos pelo Papa ao governo francez na sua recente allocução aos cardeaes.

26 *Italia* — Chega a Napoles o rei Victor Manuel que vae visitar o imperador Guilherme. — *Russia*. — Os russos começam a transpor o rio Ia-Lu.

27 *Hespanha* — Em Junrilla, Murcia, da-se um importante levantamento popular contra o arrendamento dos impostos. — *Russia* — Resolve-se formar um exercito de reserva com as tropas mobilizadas no centro da Russia europea. O seu effectivo será de 200:000 homens, que partirão para o Extremo Oriente no principio de maio. — *França* — A camara dos deputados approva por 116 votos contra 269 a generalidade do projecto de lei que suprime o ensino congregacionista.

29 *Japão* — Em Tokio o ministro da marinha lê á camara dos representantes o relatório do almirante Togo sobre o sexto ataque a Porto Arthur. A camara vota uma moção de incitamento ao governo e obriga se a não lhe recusar nenhum meio de defesa para a continuação da guerra.

30 *Dinamarca* — Chegam a Copenhague o rei Eduardo e a rainha Alexandra de Inglaterra.

31 *Macedonia* — São enviados trez batalhões turcos a Hedjas, onde os beduinos massacraram perto de mil peregrinos.

5 *Hespanha* — O rei Affonso XIII assigna o decreto, promulgando a lei das responsabilidades dos funcionarios civis. — *França* — O sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros assigna com o ministro plenipotenciario dos Paizes Baixos uma convenção de arbitragem analoga as que assignou com a Inglaterra, Italia e Hespanha. — *Chile* — O ministerio chileno dá a sua demissão collectiva.

9 *Turquia* — E' assignado o accordo turco-bulgaro.

12 *Portugal* — A columna expedicionaria ao Binde e Bailundo na Africa, sustenta renhido combate em 31 de março, durante 2 horas e trez quartos terminando por um assalto á bayoneta, e obtendo victoria decisiva sobre o gentio, que offerece grande resistencia. — *Hespanha* — Ao sahir do palacio da deputação provincial em Barcelona, o sr. Maura, presidente do conselho de ministros é ferido com uma punhalada, que felizmente não é mortal.

13 *Russia* — Tendo a esquadra japoneza apparecido em frente de Porto Arthur a esquadra russa commandada pelo almirante Makaroff sahe a persegui-la, travando se combate. A esquadra russa retira para o porto. Afunde se o couraçado «Petropavlovsk» por explosão de tropedo, morrendo o almirante Makaroff. — *India Ingleza* — A missão ingleza de Tibet que marchava sobre Giangtse, derrota 2:000 tibetanos.

15 *Japão* — Quatorze navios de guerra japonezes bombardeiam Porto Arthur.

24 *França* — O presidente Loubet chega a Roma, sendo recebido com a maior effusão pelo rei Victor Manuel e aclamado com grande enthusiasmo, por enorme multidão.

26 *Brazil* — A imprensa brazileira é unanime em criticar o decreto reduzindo os direitos aduaneiros em favor dos Estados Unidos.

28 *Italia* — O rei Victor Manuel respondendo ao brinde do presidente Loubet, diz que a Italia e a França harmonizando os seus inte-

ressés no Mediterraneo, contribuem effizamente para a paz da Europa. — *Allemanha* — Chêga a Carlsruhe o imperador Guilherme.

MAIO 1 — Regressa a Paris da sua viagem á Italia o presidente Loubet.

2 Turquia — A Sublime Porta queixa-se aos gabinetes de Londres e Paris de não ter sido consultada para o convenio anglo-francez a respeito do Egypto.

3 Russia — O almirante Alexieeff telegrapha confirmando officialmente o insuccesso da nova tentativa dos japonezes para obstruir o canal de Porto Arthur.

4 Japão — O general Kuroki toma na batalha do Ialú, contra os russos, vinte e oito pequenos canhões de tiro rapido e vinte peças de campanha.

5 Venezuela — O congresso venezuelano erigido em constituinte, confere ao general Castro com o titulo de presidente provisório o poder de dictadura absoluta por um anno.

6 França — O sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, encarrega o sr. Nisard, embaixador da republica franceza junto da Santa Sé, de notificar ao cardeal Merry del Val, secretario de Estado do Vaticano, que a França considera nullo e não recebido o protesto pontificio contra a viagem do presidente Loubet a Roma.

8 Japão — O general Kouropatkine confirma a noticia da occupação de Feng-Hoang-Cheng pelos japonezes.

11 Japão — O governo decide levantar um novo emprestimo de 5 % no paiz, na importancia de dez milhões de libras sterlinas reembolsaveis em cinco annos, ao preço de 95 %.

12 Peru — Rebenta uma grêve em Callao entre os operarios e empregados da navegação, dos ministerios e dos caminhos de ferro.

14 Japão — A terceira esquadra japoneza bombardeia as fortificações de Danly e depois desembarcam as tropas.

15 Hespanha — Regressa a Madrid o rei Affonso XIII, tendo uma entusiastica recepção. — *Perú* — E' acceita a demissão do gabinete peruano. Forma o novo gabinete o dr. Elmore.

19 Japão — O cruzador «Kasagui» abalrôa com o cruzador «Yochino», indo este ultimo a pique em poucos minutos, salvando-se apenas 90 homens da sua tripulação; no mesmo dia o couraçado «Hatsuse» bate contra uma mina explosiva russa, e afunda-se, conseguindo os barcos torpedeiros salvar 300 homens. — *Marrocos* — Quatrocentos salteadores, capitaneados pelo celebre Raisouli, aprisionam dois americanos, Perdicario e Varley, com o fim de haverem d'elles um forte resgate.

21 Hespanha — Inaugura-se em Madrid o congresso naval sob a presidencia do rei Affonso XIII. — *Italia* — Dá se uma entrevista em Roma entre Nizard e Merry del Val, pedindo explicações relativas ao protesto do Papa.

22 Portugal — Realiza-se em Lisboa, na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia a inauguração do Congresso Maritimo Internacional com a assistencia de suas magestades el-rei D. Carlos I, e D. Amelia e sua mages-

tade a rainha D. Maria Pia, comparecendo todos os delegados estrangeiros e innumeradas pessoas da nossa sociedade, inaugurando-se em seguida a Exposição Oceanographica d'El-Rei.

26 Japão — Os japonezes expulsam os russos de Nan Kia-Ling e tomam de assalto Kin-Cheo depois de encarnicado combate.

27 França — O sr. Combes, presidente do conselho, diz na camara dos deputados em Paris que, «a retirada do sr. Nisard da embaixada junto do Vaticano significa que queremos acabar com os protestos da Santa Sé, a respeito do poder temporal» e pede á camara que addie para janeiro toda e qualquer moção relativa á separação da Igreja e do Estado.

30 Brazil — O sr. barão de Rio Branco proíbe o transporte pelo rio Amazonas de armas e munições destinadas ao Perú.

31 Portugal — E' assignado em Lisboa, entre o ministro dos negocios estrangeiros, sr. Wenceslau de Lima e o representante de Hespanha n'esta côrte o sr. Luis Polo de Bernabé o tratado de arbitragem. Pelo convenio agora celebrado, Portugal e Hespanha comprometem-se a submeter as questões, que a diplomacia não resolva pelas vias ordinarias, a uma commissão nomeada pelo dois governos. E, só quando esta commissão não puder vir a accordo sobre a solução do conflicto, é que elegerá, de entre os membros do tribunal da Haya, um arbitro de desempate.

JUNHO 1 — *Portugal* — Chega a Lisboa a primeira divisão da esquadra americana do commando do contra-almirante Alberto S. Barker.

2 Hespanha — No conselho de ministros é approvada a proposta do governo portuguez para a constituição de uma commissão de limites do Guadiana, tornando-a extensiva a todas as questões referentes ao uso do dito rio. — *França* — Na camara dos deputados termina a discussão geral do projecto de lei que estabelece o serviço militar de dois annos.

6 Japão — O exercito japonez avança ao longo da costa para Porto Arthur.

8 Tanger — E' lida na mesquita uma ordem do sultão destituindo o pachá de Tanger. E' a primeira satisfação dada na questão do Raisouli. — *Hespanha* — O duque de Almodovar, ex-ministro dos negocios estrangeiros, explica no congresso o estado das negociações do governo liberal para manter se o «statu quo» em Marrocos.

10 Hespanha — Dá entrada no Carcere Modelo o ex-presidente da deputação de Madrid Francisco Romero, por ter deixado extraviar o expediente sobre as eleições municipaes em Carabanchel.

12 Perú — A assembléa peruana proclama o sr. Fardo candidato á presidencia da republica. — *Argentina* — São eleitos presidente da republica o sr. Quintana e vice-presidente o sr. Alcosta.

13 Argentina — Rebenta uma revolução na provincia de S. Luis, achando-se prisioneiro o governador.

14 França — As secções da camara dos deputados nomeiam uma commissão de inque-

rito composta de 33 membros para averiguar o caso do milhão de francos offerecido pelos frades cartuxos afim de evitarem a expulsão.

15 *Russia* — Zukaroff, filho do director da Universidade de Moscow, presentêa o seu paiz com 8 torpedeiro, cujo valor total é de 22 milhões de francos.

16 *Japão* — Os japonezes derrotaram 7:000 russos perto de Fu-Cheu, tomando-lhe muitas peças de artilharia e munições.

17 *Hespanha* — Começa em Barcelona a greve dos operarios da viação. O grupo grévista intenta fazer parar as carreiras, a policia não deixa porém levar a effeito o seu intento.

18 — *Portugal* — Parte de Lisboa para Angola um troço de soldados do exercito da metropole que vae reforçar a guarnição d'aquella nossa provincia ultramarina e tomar parte na campanha que brevemente se vae encetar contra os «cunhamas», povos que se revoltaram contra a nossa soberania — *Servia* — O rei Pedro I da Servia tem na estação do caminho de ferro uma conferencia com o principe Fernando I da Bulgaria que passa incognito por ali.

19 — *Hespanha* — Uma commissão de representantes dos mais importantes jornaes visita o sr. Moret, presidente das reformas sociais, pedindo-lhe o seu apoio contra a approvação do projecto do regulamento do repouso dominical — *Japão* — O general Sachelburg retira para o norte depois de ter perdido cerca de 3:000 homens.

20 — *Hespanha* — O rei Affonso assigna o convenio com o Vaticano relativo á situação futura das ordens monasticas.

22 — *Russia* — As recentes desordens da Finlandia, os tumultos da Polonia e a agitação de alguns districtos do Caucaso, reunidos aos desastres da campanha contra os japonezes preocupam fundamente a opinião em Petersburgo.

22 — *Hespanha* — Iniciam-se as grèves em varios pontos da provincia de Castella.

23 — *Belgica* — É assignado em Bruxellas o novo tratado de commercio com a Alemanha — *Japão* — Os japonezes occupam a villa de San-Yu-Chan.

24 — *Inglaterra* — O rei Eduardo parte para Kiel — *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt acceta a demissão pedida pelo sr. Cortelyon de ministro do commercio e industria — *Chicago* — A convenção republicana designa por unanimidade Roosevelt candidato á nova presidencia da republica. — *Uruguay* — O coronel Galirza derrota os insurrectos em Cerro Largo.

26 — *Allemanha* — Em consequencia do accordo anglo-allemao á respeito dos interesses allemaes no Egypto, a Allemanha approva o projecto khedival relativo ás finanças egypcias.

30 — *Haiti* — O presidente da republica do Haiti dá satisfações publicas ao ministro plenipotenciario da França — *Japão* — A esquadra japoneza bombardêa o littoral e a bahia ao sul de Dalny, e desembarca um corpo de exercito, o qual vae em seguida atacar as col-

linas occupadas pelos russos. Os japonezes conseguem occupar Guin-San.

6 — *Japão* — Os japonezes repelliram os russos ao norte de Sae matse — *Colombia* — É eleito presidente da republica de Colombia o general Reyes.

8 — *França* — A lei que suprime o ensino congregacionista será immediatamente posta em execução nas communas onde as escolas leigas podem desde já substituir as escolas catholicas. — *Brazil* — Está acordado um «modus vivendi» entre o Brazil e o Perú — *Estados Unidos* — A convenção democratica escolhe o juiz Parker candida o á presidencia da Republica.

10 — *Marrocos* — O bey de Tunis parte em viagem á França.

10 — *Russia* — Os russos evacuum Hai-Chan devido á pressão dos japonezes e retiram-se para o norte.

11 — *Hespanha* — No congresso em Madrid é approvada a ractificação do tratado da Hespanha com a Grecia. — *Mexico* — O general Profirio Dias é reeleito presidente da republica. — *Inglaterra* — A convenção de arbitragem anglo allemã, analoga as convenções já celebradas, é assignada em Londres.

17 *Russia* — O general Andrew vice-governador de Elisabethpol, é morto á traição em Adjihent.

18 *Russia* — Trava-se um grande combate na região de Iauzelin entre uma columna do general conde de Keller e os japonezes, vendo-se os russos obrigados a retirar. — *Inglaterra* — O embaixador da Gran-Bretanha dirige á Russia um energico protesto contra o aprisionamento do «Malacca», cujas munições pertencem á Inglaterra e são destinadas á esquadra ingleza nos mares da China.

24 *Japão* — Os japonezes alcançam uma nova victoria em Taksonitung.

25 *Inglaterra* — O sr. Arthur Balfour, primeiro ministro, respondendo a diversas perguntas na camara dos Communs, diz que a convenção do canal de Suez estipula expressamente que os navios de guerra tem o direito de passar pelo canal. Toda a liberdade do canal está sob a fiscalisação internacional e nenhuma potencia tem o direito de dizer individualmente ao governo egypcio que procedimento deve seguir.

28 *Allemanha* — Os srs. Bulow e Whitte assignam o tratado de commercio russo allemão. — *Russia* — O ministro Plehwe é assassinado perto da estação chamada Varsovia, tendo-lhe um individuo arremessado uma bomba explosiva.

Agosto 1 — *Russia* — O general Keller é morto na guerra por uma granada.

5 *Brazil* — O governo brasileiro compra em hasta publica a empreza dos caminhos de ferro de Sorocabana que serve uma importantissima região productora de café.

6 *Estados Unidos* — Tendo os patrões de diversas industrias de construcção despedido 17:000 operarios em consequencia de desacordo, os respectivos syndicatos e outras corporações de construcção proclamam por soli-

dariedade a grève, suspendendo o trabalho 50:000 operarios.

7 Hespanha — Em varias provincias realizam-se comicios socialistas em defeza da liberdade.

13 Inglaterra — A camara dos lords approva por unanimidade, em segunda leitura, a convenção anglo-franceza. — **Russia** — O contra-almirante Withoeft, chefe de estado maior da esquadra, é morto a bordo do «Cesarewitch» por uma bala de artilharia durante o combate.

15 Russia — Um manifesto do tzar proclama assim a ordem da successão ao throno: 1.º no caso do fallecimento do soberano antes da maioridade do principe herdeiro o chefe do Estado será o gran-duque Miguel Alexandrowitch: 2.º n'este caso a tutela do tzarewitch será confiada á tsarina Alexandra Feodorowna.

18 Japão — A legação do Japão annuncia que o general russo Stoessel rejeita as propostas do Japão concernentes á sahida dos individuos não combatentes e á rendição de Porto Arthur.

19 Hollanda — Depois da refutação das idéas do sr. Jaurés, feita pelo sr. Bébel, o congresso socialista approva a moção do socialista italiano Ferri a favor da unidade do partido rejeitando a moção do sr. Vandevelde e vota a resolução de Dresde.

20 Russia — E' publicado um «ukase» que ordena a convocação dos officiaes da reserva de todas as partes do imperio e tambem dos reservistas de 71 districtos de diversos governos. — **Japão** — Os japonezes occupam An-Chan Chuang. Os russos retiram para Mukden.

23 França — Começa a grève geral no porto de Marselha.

26 Japão — Os japonezes tomam os fortes orientaes de Porto Arthur.

30 Marrocos — Em Sidibbelabes uma columna franceza é atacada proximo de Berguent pelos mouros, tendo estes soffrido grandes perdas.

31 Japão — Trava-se a memoravel batalha perto de Liao-Yang, empenhando-se na acção, dos dois lados mais de 500:000 homens e 1:300 canhões. Os japonezes vencem, obrigando a retirar os russos

SETEMBRO 1 — **França** — Começa em Cette a grève geral dos operarios e trabalhadores das docas.

2 Austria — O rei Eduardo VII regressa de Marienbad a Inglaterra.

7 Turquia — O chefe armenio apodera-se da cidade de Van, o que occasiona um grande panico na população. — **Thibet** — E' assignado o tratado de paz entre a Gran Bretanha e o Thibet.

8 Portugal — Realiza-se em Vianna do Castello o congresso nacional de pescarias.

11 Vienna d'Austria — Realiza-se a abertura do Congresso Internacional da Imprensa em Vienna d'Austria.

14 Brazil — O Congresso approva a convenção maritima internacional estabelecida entre os delegados do Brazil, da Republica Argentina, de Uruguay, de Paraguay, reunidos no Rio de Janeiro, a qual supprime as quarentenas.

17 Italia — O movimento da grève propaga-se parcialmente a Roma, Bolonha e Turim.

20 Italia — Ao Congresso dos livres pensadores, reunido no Collegio Romano, assistem 3:000 delegados. O dr. Haeckel é saudado com aclamações. O delegado portuguez, dr. Magalhães Lima, é muito comprimentado.

21 Servia — Celebra-se em Belgrado a cerimonia da coroação do rei Pedro.

25 Perú — Assume a presidencia da Republica o sr. José Pardo. Está constituido o novo gabinete com o sr. Leguva na presidencia do conselho. — **Uruguay** — Assigna-se a paz entre os revolucionarios e a gente do governo.

29 Portugal — As forças portuguezas no Ultramar soffrem um desastre horroroso de que não ha memoria de outro igual desde a chamada campanha do Bonga; foi o massacre de um destacamento de cerca de 500 homens e officiaes, que partindo do Humbe atravessára o Cunene.

OUTUBRO 3 — **Estados Unidos** — Abre-se em Boston o 13.º congresso internacional da paz.

9 Hespanha — Realiza-se a peregrinação a Begona, a que concorrem 10:000 peregrinos, os bispos de Palencia, Santander e Zamora, a deputação provincial, numerosos nacionalistas e a maioria das camoras municipaes de Biscaia.

12 Russia — A esquadra russa do Baltico composta de 42 navios, parte de Reval com destino a Libau.

15 Japão — O general Oku toma mais 10 canhões russos. Estes soffrem uma nova derrota, retirando e perdendo cerca de 20:000 homens.

17 Santiago do Chile — E' assignado o tratado de paz entre as Republicas do Chile e da Bolivia.

18 Portugal — O presidente do conselho, sr. conselheiro Hintze Ribeiro, apresenta a El-Rei a demissão de todo o gabinete, que é aceite.

20 Portugal — Constitue-se o novo gabinete, sendo presidente o sr. conselheiro José Luciano de Castro. São ministros os srs. conselheiros Antonio Augusto Pereira de Miranda, no reino; José Maria d'Alpoim, na justiça; Manuel Affonso Espregueira, na fazenda; Sebastião Custodio de Sousa Telles, na guerra; dr. Manuel Moreira Junior, na marinha e ultramar; Antonio Eduardo Villaça, nos estrangeiros; Eduardo José Coelho, nas obras publicas.

23 — **Inglaterra** — A esquadilha de vapores de pesca de Hull é que alli chegou esta tarde relata que a esquadra russa do Baltico atacou na noite de sabbado a referida esquadra, afundando-lhe dois vapores, matando dois homens e ferindo muitos outros.

27 Russia — O czar exonera o almirante Alexeieff, a seu pedido, de commandante em chefe das tropas no Extremo Oriente; e nomeia o general Kuropatkine commandante em chefe de todas as forças de combate de terra e mar no theatro da guerra.

NOVEMBRO 1 — **Estados Unidos** — E' assignado o tratado de arbitragem entre os Es-

tados Unidos e a França. — *França* — Emquanto o sr. Lories falla na camara sobre a ordem do dia, Syveton, nacionalista, agride o ministro da guerra, e refugia se atraz da direita. A esquerda e extrema esquerda gritam: — Covarde! e precipitam se no hemicycle. A direita fecha o caminho. A camara dos deputados pronuncia a exclusão temporaria de Syveton.

5 *Estados Unidos* — Estão entaboladas negociações para um tratado de arbitragem com a Allemanha.

12 *Portugal* — Suas magestades el-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia, acompanhados dos dignitarios ao seu serviço partem de Lisboa, e seguem através da Hespanha e da França, na sua viagem para Inglaterra. *Suissa* — E' assignado o tratado de commercio entre a Suissa e a Allemanha. — *França* — A camara dos deputados approva a convenção com a Terra Nova, e sem debate a convenção celebra com Siam.

14 *Italia* — O Papa celebra consistorio secreto em que falla principalmente da situação da França; repelle a accusação de ter violado a Concordata; proclama o direito do Papa de não nomear todos os candidatos ao episcopado apresentados pelo governo; e termina affirmando a sua inabalavel affeição pela França.

15 *Brazil* — O general Travassos e Dr. Lauro Sodré sublevam os alumnos das escolas militares — *China* — O ministro plenipotenciario de Portugal em Pekin assigna um novo tratado com a China pelo qual Portugal concede á China em Macau todas as facilidades para evitar o contrabando do opio, e obtem em troca o reconhecimento dos seus direitos commerciaes na colonia nomeadamente a respeito da navegação no Si Kiang; é tambem assignado o contracto para a construcção do caminho de ferro de Macau e Sin Ching por um syndicato sino portuguez. — *França* — O general André, ministro da guerra, apresenta a sua demissão.

18 *Inglaterra* — O ministerio inglez reúne no Foreign Office para tomar conhecimento do tratado luso britannico de arbitragem. Os jornaes são unanimes em considerar de grande importancia o tratado de arbitragem.

19 *Brazil* — O alferes Ramos de Queiroz partidario da projectada dictadura militar Sodré, subleva os inferiores e soldados do nono de infantaria, mata o tenente coronel Fabricio de Mattos, que cahe combatendo, prende os outros officiaes, sahindo do quartel com os sublevados para tentar atrahir o resto da guarnição. Repellidos no quartel do quinto de artilharia pelo coronel Ribeiro da Costa, são os sublevados atacados e submettidos pelo coronel Sotero de Menezes á frente do dezeseis de infantaria. O alferes Queiroz unico official sublevado é mortalmente ferido.

22 *França* — Os operarios do arsenal em Brest votam grève geral. — *Estados Unidos* — E' assignado o tratado de arbitragem entre os Estados-Unidos da America e o imperio da Allemanha.

23 *Portugal* — Parte para Paris seguindo

depois para Roma, sua alteza o sr. infante D. Affonso, que vae representar sua majestade el-rei, no baptisado do principe do Piemonte, herdeiro do throno de Italia.

24 *Italia* — E' assignado o tratado de arbitragem entre a Italia e a Suissa.

26 *Hespanha* — E' encerrado solememente o congresso das congregações Mariannas hispano-americanas.

28 *Hespanha* — O Senado approva a concordata com o Vaticano.

29 *Estados Unidos* — Os Estados Unidos e a Russia decidem celebrar um tratado de arbitragem.

30 *Estados Unidos* — O cont-a-almirante Davis acceta a nomeação de delegado da commissão internacional do inquerito ao incidente de Hull.

• • •

Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

DEZEMBRO 15 DE 1903 — *Montevideo* — Chega a Buenos Ayres a expedição escossezza Bruce, de regresso do polo antarctico, tendo attingido a latitude de 70°, 25'. O navio «Scotia» partirá na proxima semana para o polo onde deixou seis pessoas para continuarem os estudos.

20 *Allemanha* — Realiza-se o casamento do gran-duque Meklembourg Schwerin com a princeza Alexandra de Cumberland.

22 *França* — A junta do Syndicato da imprensa parisiense repartiu assim o premio de 100:000 francos fundado pelo sr. Osiris: 60:000 francos a madame Currie pela descoberta do radium, e 40:000 ao sr. Branly pelo aperfeicoamento da telegraphia sem fio.

27 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a cerimonia da entrega da canhoneira «Patria»; pelo Arsenal de Marinha ao representante da commissão patriótica portugueza, e por este, em nome da mesma commissão, ao governo.

28 *Hespanha* — Chegam a Madrid os principes da Baviera, hospedando se no palacio real. Estão acompanhados de seus filhos D. Fernando, D. Maria, D. Adalberto e D. Pilar. Falla-se na probabilidade do primeiro que conta apenas vinte annos, ser o futuro esposo da infanta D. Maria Thereza e da segunda que tem desoito annos completos, diz se que será a futura rainha de Hespanha.

JANEIRO 4 DE 1904 — *Portugal* — Realiza-se em Moncorvo a inauguração do hospital D. Amelia cujos principaes iniciadores foram os srs. dr. Antonio Lopes Navarro, dr. Antonio Joaquim Ferreira Margarido e Cesar Augusto Macedo Ribeiro.

5 *Hespanha* — Chegam a Madrid o duque e a duqueza da Calabria.

9 *Portugal* — Effectua-se a inauguração da exposição Columbano em Lisboa, no salão do «Diario de Noticias» onde está reunida toda a sua obra, revelando toda a fertilidade da sua palheta, e todos os reflexos do seu raro talento.

Realiza-se a inauguração do monumento em bronze do sr. visconde de Valmôr no largo da Bibliotheca em Lisboa.

11 Portugal — Realiza-se em Lisboa com a assistencia de suas magestades El-rei o Senhor D. Carlos e a rainha D. Amelia a cerimonia do lançamento da primeira pedra para a construção do Instituto Central da Assistencia e do Hospital do Repouso — *Suecia* — Chega a Stockolmo a expedição polar dirigida pelo dr. Nordenskjold.

MARÇO 6 — *França* — Os mestres de armas italianos Pini e San Malato batem-se durante duras horas e 25 minutos; as testemunhas são obrigadas a interromper o combate. Pini fica ferido na frente, ao terceiro assalto, e San Malato na palma da mão. — *Portugal*. — E' inaugurada em Lisboa, á meia noite, a nova estatua de Sousa Martins.

14 Portugal — Realiza-se com a maior solemnidade a inauguração da linha ferrea de Vendas Novas ao Setil, com a assistencia de sua magestade el-rei D. Carlos.

26 Portugal — Chega a Lisboa, monsenhor Macchi o novo nuncio de Sua Santidade n'esta côrte.

30 Portugal — Realiza-se em Lisboa a inauguração da lapide affixada na casa onde nasceu o valente almirante brasileiro Barroso.

FEVEREIRO 4 — *Portugal* — Realiza-se na sala Algarve da Sociedade de Geographia de Lisboa a sessão solemne commemorativa do 105.º anniversario do nascimento de Almeida Garrett e do 2.º anniversario da Sociedade Literaria que tem por titulo o nome do distincto escriptor e que foi a promotora d'aquella comemoração.

10 Inglaterra — Realiza-se em Londres na capella de S. Jorge, em Windsor, o casamento da princeza Alice de Albany com o principe Alexandre de Teck.

ABRIL 3 — *Hespanha* — Celebra-se no hippodromo de Madrid, a imposição pelo rei do cordão de S. Fernando, ao batalhão de Porto Rico. O acto é solemnisimo. Assistem os sobreviventes do batalhão, uns cem homens, que são saudados com enthusiasmo. Ao acto assiste toda a familia real, governo, corpo diplomatico, generaes, aristocracia, representantes de todos os centros civis e militares, operarios, estudantes, etc.

4 Montevideu — O presidente general Roca inaugura em Buenos Ayres o congresso de medicina, estando n'elle representadas todas as republicas latino-americanas.

5 Hespanha — O rei Affonso XIII inaugura a Exposição de Arte Ornamental.

6 Hespanha — Inaugura-se em Madrid o Congresso dos architectos. O delegado portuguez Pedro d'Avila pronuncia um discurso, que é muito applaudido.

8 Portugal — Sua magestade a rainha D. Amelia parte para Villamanrique, de visita a sua mãe e irmã, a sr.ª condessa de Paris e a princeza Luiza de França.

10 Hespanha — O rei Affonso XIII colloca a primeira pedra do monumento aos heroes Bruch no mosteiro do Monserrate, perto de Barcelona.

12 Hollanda — Viaja pelo Mediterraneo a rainha Guilhermina, da Hollanda.

16 Hespanha — Celebram-se em Madrid, na igreja de S. Francisco, as exequias solemnes da rainha Isabel.

25 Hespanha — Inaugura-se em Ibiza, com a assistencia do rei Affonso, presidente da commissão promotora, e ministro da guerra, o monumento á memoria de Vara, defensor de Caney. — *Africa* — Nas propriedades da Companhia do Cazengo descobriu-se um importante jazigo de linhite.

MAIO 8 Portugal — Realiza-se com a costumada solemnidade e com a assistencia de sua magestade el-rei sr. D. Carlos, na Academia Real das Sciencias em Lisboa, a sessão para a leitura do relatorio dos trabalhos academicos e do elogio historico de Pinheiro Chagas, orador eloquente, poeta, estadista e parlamentar distincto. O elogio é devido á penna do distincto academico sr. Lopes de Mendonça.

10 Portugal — Realiza-se em Lisboa a abertura da exposição das Bellas Artes.

14 Portugal — Fundea no porto de Lisboa o hiate «Marroussia», conduzindo suas altezas os duques de Orleans, irmão e cunhada de sua magestade a rainha D. Amelia.

17 Portugal — E' collocada no salão de entrada do theatro do Gymnasio em Lisboa, uma lapide em homenagem ao grande vulto da scena portugueza Francisco Alves da Silva Tabora, commemorando a estreia do glorioso actor n'este theatro ha mais de meio seculo.

26 Dinamarca — Abre-se em Copenhague a conferencia dos membros da Associação Internacional para a lucta contra a tuberculose, estando representado Portugal.

29 França — E' inaugurado na praça d'Orleans, em Paris, o monumento levantado por subscrição publica ao poeta Colardeau, que foi membro da Academia franceza.

JUNHO 1 Portugal — Realiza-se com imponente e extraordinaria solemnidade a cerimonia do alistamento de sua alteza o sr. infante D. Manuel na Escola Naval, com o posto de aspirante de marinha, na sala do Risco do Arsenal, assistindo suas magestades el rei D. Carlos, a rainha D. Amelia, a rainha D. Maria Pia, sua alteza o principe real, o infante sr. D. Affonso, dignitarios da côrte, etc.

5 Portugal — Realiza-se em Lisboa, na Tapada da Ajuda, com a assistencia de suas magestades, a inauguração da exposição hippica.

8 Portugal — Parte para Paris sua alteza o sr. infante D. Affonso.

10 Portugal — Realizam-se em Braga as festas em honra da Virgem da Conceição, para commemorar o 50.º anniversario da proclamação do dogma.

12 França — Na corrida do «Grand Steeple-Chase» d'Auteuil, é vencedor «Dandalo», verdadeiro cavallo de raza, vivo, secco e nervoso, pertencente a Mr. Fischhoff. Na corrida do «Grand Prix de Longchamp» chega 1.º «Ajax», 2.º «Turenne», e 3.º «Macdonall», tendo corrido 13 cavallos.

13 Portugal — Com a assistencia de sua magestade el-rei o sr. D. Carlos, realiza-se na carreira de tiro dos corpos da guarnição, em

Pedrouços, o segundo e ultimo torneio do grande certamen nacional.

26 Hespanha — Os federaes em Barcelona collocam solemnemente a lapide commemorativa na casa onde nasceu Pi y Margall.

JULHO 5 — Portugal — Procede-se, com a assistencia de sua majestade el-rei sr. D. Carlos á cerimonia do lançamento da pedra fundamental do monumento que se vae erigir á memoria do duque de Saldanha.

9 Portugal — E' inaugurada em Coimbra na Escola Nacional d'Agricultura a exposição agricola e pecuaria.

16 França — E' inaugurado na praça de Breteuil em Paris o monumento erigido ao sabio Pasteur sob a presidencia do presidente Loubet.

20 Portugal — Chega a bordo do seu «yacht» a Lisboa sua alteza o principe de Monaco. — *Italia* — Centenario do grande poeta Petrarcha. Em Arezzo ha o descerramento d'uma lapide na casa solarenga do immortal cantor de Laura.

27 Portugal — Realiza-se na Bibliotheca de Lisboa a abertura da exposição em honra do grande poeta italiano Petrarcha.

31 Portugal — Inaugura-se oficialmente o sanatorio de Parede, mandado construir pela sr.^a D. Claudina de Freitas Chamiço, obra piedosa e altamente benemerita.

Agosto 7 — Hespanha — Batem-se em duello em Madrid o jornalista Cadenas e o actor Ciquelme. Este recebe trez ferimentos e aquelle varias contusões. O duello foi a sabre.

12 Russia — A tzarina Alexandra dá á luz um gran-duque, herdeiro da corôa da Russia.

15 Portugal — São mandados executar com urgencia os trabalhos preliminares para a construcção das obras de fortificação destinadas á defeza do porto artificial de Leixões e da barra do Douro.

18 Portugal — Effectua-se em Alhandra na praça 7 de Março, a cerimonia do lançamento da primeira pedra de um modesto monumento que vae ser erigido em memoria de Sousa Martins, a expensas dos seus conterraneos.

24 Russia — Effectua-se com grande solemnidade na egreja de Peterhof o baptisado do tzarewitch.

SETEMBRO 4 — Sua magestade el-rei D. Carlos passa revista ás tropas em manobras no Bussaco, levando á sua esquerda sua magestade a rainha D. Amelia, seguidos pela casa militar e officiaes montados do estado maior da direcção dos exercicios. — *Hespanha* — Inaugura-se em S. Sebastiom a exposição ethnographica.

6 Portugal — Chega a Lisboa Mr. Charles Millot de passagem no seu passeio pelo mundo que se propõe percorrer a pé. Tendo partido de Paris em 22 de Abril de 1900, isto é, ha quatro annos, tem percorrido, a França meridional, a Itaha e a Hespanha.

9 Allemanha — E' oficialmente ratificado o casamento do principe imperial da Allemanha Guilherme de Hohenzolern com a princeza Cecilia de Mecklemburgo Schwerin, irmã do gran-duque reinante Frederico Francisco.

15 Inglaterra — Chega a Londres o capitão Scott e os seus officiaes a bordo do vapor «Discovery» de regresso da sua viagem de exploração ao polo Sul. — *Italia* — A rainha Helena dá á luz um filho varão, o qual se chamará Humberto e terá o titulo de Principe do Piemonte.

16 Hespanha — Abre-se ao serviço publico a navegação pelo canal de Castilha.

OUTUBRO 16 — A princeza das Asturias dá á luz uma infanta, fallecendo em consequencia.

24 Hespanha — Inaugura-se em Barcelona a exposição mineira sob a presidencia de Mlende, que no seu discurso mostra a necessidade de se estabelecerem os portos francos para o desenvolvimento das industrias.

25 França — Realiza-se em Paris a abertura dos cursos da Sociedade dos Estudos Portuguezes.

30 Portugal — Celebra-se no Porto a inauguração do monumento levantado á memoria do insigne escultor Soares dos Reis.

NOVEMBRO 6 — Na carreira de tiro dos corpos da guarnição em Pedrouços (Lisboa), realiza-se o primeiro campeonato da taça D. Carlos I, premio patrioticamente instituido pelo «Tiro Sport».

15 Inglaterra — O «yacht» real «Victoria and Albert» rodeado pela esquadra que o acompanha entra em Portsmouth, conduzindo suas magestades os reis de Portugal.

19 Chile — A republica do Chile é favoravel a ajudar a da Colombia para abrir o canal interoceanico através do isthmo de Darien, aproveitando os rios navegaveis Utrato e S. Juan.

22 Portugal — E' assignado pelo conselho da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o contracto de exploração do caminho de ferro de Coimbra a Louzã.

27 Hespanha — Na Academia de Historia celebra-se a sessão commemorativa do centenario de Isabel a Catholica. — *Italia* — Inaugura-se no palacio de S. João de Latrão em Roma, a exposição internacional Marianna.



NECROLOGIA

DEZEMBRO 16 — 1903 — O ACTOR GAMA, em Lisboa, um velho artista que por muito tempo trabalhara no theatro de D. Maria II.

20 — CONSELHEIRO LUIZ CARLOS GARCIA DE MIRANDA, em Lisboa, juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

22 — CONSELHEIRO GENERAL DE DIVISÃO ELY-

SEU XAVIER DE SOUSA E SERPA, em Lisboa, 65 annos, administrador geral das alfandegas; foi tambem deputado, commandante da Escola Pratica de Artilharia, e era ajudante de campo honorario de sua magestade el-rei D. Carlos.

26 — JOSÈ ZANARDELLI, em Roma, brilhante

orador parlamentar ministro em diversas situações e por ultimo, como chefe de partido, presidente do conselho.

JANEIRO 2 — DR. ANTONIO FAUSTO NAMORADO, em Lisboa, 82 annos de idade; foi cirurgião em chefe do exercito e em 1881 reformara-se com a graduação de general de brigada.

3 — PRINCEZA MATHILDE, em Paris, casada com o principe russo Demidoff. Com a sua morte desaparece uma das ultimas grandes figuras femininas do segundo imperio.

7 — VISCONDE DE CLAVERIE, em Lisboa, 75 annos. Exercia o cargo de correspondente do jornal francez «Le Figaro».

8 — ALBERTO BOTELHO, em Lisboa. Era deputado da nação, professor do lyceu, lente da Escola do Exercito e capitão de artilharia.

11 — VISCONDESSA DE MACEDO DE CAVALLEIROS em Ponte de Lima, esposa do sr. dr. José Manuel de Brito Cicio, juiz de direito.

14 — CONSELHEIRO JOSÉ SILVERIO DE AMORIM DA GUERRA QUARESMA, em Lisboa, 83 annos juiz conselheiro do Tribunal de Contas.

20 — MANNLICHER, em Vienna, inventor da arma que tem o seu nome.

22 — BARONEZA DE S. PEDRO, em Lisboa.

26 — D. LUIZ DA CAMARA LEME, em Lisboa, general de divisão reformado, ministro de Estado honorario, par do reino e do conselho de sua magestade.

31 — MARQUEZA DE TANCOS, em Bemfica arredores de Lisboa, venerada pelas suas virtudes e bondade de coração.

FEVEREIRO 6 — DESEMBARGADOR LUIZ FIGUEIRAS, em Lisboa 78 annos.

10 — GENERAL DAVOUST, em Paris, duque de Auerstadt e ex-chancellor da Legião de Honra.

13 — CONDE DA AZARUJINHA, ANTONIO AUGUSTO DIAS DE FREITAS em Lisboa, 74 annos de idade. Abastado capitalista, foi deputado em diversas legislaturas, e era par do reino.

15 — CASIMIRO AUGUSTO VANEZ DANTAS, em Lisboa, 53 annos, general de brigada reformado, antigo escriptor e jornalista, inspirado poeta e militar distincto.

20 — O ACTOR SIMÕES, em Lisboa, pae da actriz Lucinda Simões e avô de Lucilia Simões.

22 — BARONEZA DA POVOA DE SANTO ADRIÃO, em Lisboa, 80 annos de idade. Era bisneta do marquez de Pombal, neta de José de Seabra e filha dos condes da Bahia.

MARÇO 2 — EDUARDO JOSÉ PEREIRA em Lisboa, antigo vice-consul de Portugal em Yokohama no Japão, cargo que desempenhou gratuitamente e durante o qual teve ensejo de prestar optimos serviços aos portuguezes residentes e aos que em viagem por ali passaram. O extincto era um caracter nobilissimo e uma intelligencia pouco vulgar e cultivada.

5 — MARECHAL CONDE DE WALDERSEE em Hannover. Foi um dos generaes mais considerados do exercito allemão e era chefe do estado-maior general.

7 — VISCONDE DE MALANZA em Lisboa, possuidor d'uma grande fortuna.

8 — CELSO HERMINIO DE FREITAS CARNEIRO, em Lisboa, distincto caricaturista.

17 — DUQUE DE CAMBRIDGE, em Londres, 85 annos de idade, tio-avô do rei Eduardo VII. Era feld-marechal do exercito britannico, e membro da camara dos pares.

17 — D. ISABEL MARIA DE LACERDA CASTELLO BRANCO, commendadeira do Real Mosteiro da Encarnação, da Ordem d'Aviz, em Lisboa, 68 annos de idade. Em 1888 foi condecorada por Sua Santidade Leão XIII com a commenda «Pro ecclesia et Pontifice», sendo a primeira pessoa agraciada com a commenda d'esta ordem pontificia.

19 — AUGUSTO CESAR DE ALMEIDA, em Lisboa, actor muito conhecido das platéas dos theatros portuguezes.

ABRIL 9 — D. MARIA LUIZA IZABEL, era rainha de Hespanha, em Paris, filha de Fernando VII e de D. Maria Christina, de Napoles. Nascera em Madrid em 1830. A conspiração militar de setembro de 1868, obrigára Isabel II a sahir de Hespanha e a abdicar em seu filho Affonso XII em 1870. Desde esse tempo vivera completamente alheia á politica.

13 — SILVA PEREIRA, em Lisboa, 65 annos de idade, um dos mais populares e estimados actores portuguezes.

14 — CONSELHEIRO JACINTHO SIMÕES FERREIRA DA CUNHA em Lisboa, form: do em direito e antigo deputado.

14 — CONSELHEIRO JOAQUIM PEDRO DE SEABRA, em Lisboa, 69 annos de idade, filho do visconde de Botelho Seabra.

24 — BISPO DE ANGRA DO HEROISMO, D. JOSÉ MANUEL DE CARVALHO, em Angra, 59 annos de idade.

MAIO 4 — CONDE VALENCIA DE DON JUAN, em Madrid, archeologo notavel e director da Real Armeria.

— GABRIEL MERINO, em Madrid, escriptor dramatico, auctor de «Los Africanistas» «El rey de Lydia» e outras.

10 — HENRY MORETON STANLEY, em Londres, 64 annos, celebre explorador africano, um dos mais audazes aventureiros do seculo XIX

12 — FERNANDO DE OLIVEIRA, em Lisboa, 45 annos de idade, cavalleiro de touros, artista correcto e corajoso, victima d'um desastre na arena do Campo Pequeno.

13 — DANIEL VIERGE, em Paris, 55 annos, celebre illustrador parisiense.

27 — BARÃO DE COMBARJUA, THOMAZ D'AQUINO MOURÃO GARCEZ PALHA, pertencente a uma das mais distinctas familias da India Portugueza, antigo deputado da nação, e actualmente inspector da instrucção publica n'aquelle Estado.

JUNHO 6 — CONDE DU BOIS D'AIISCHE, em Lisboa, que durante alguns annos fôra ministro da Belgica n'esta côrte.

9 — MARIA JULIANA ROBERTA, em Ferreira de Zezere, com a notavelidade de 115 annos, deixando filhos, netos, bisnetos e trinnetos. Nunca esteve doente nem tomou remedio algum.

13 — GENERAL VISCONDE DE SANTA MARGARIDA, em Beja, tendo feito parte do antigo batalhão nacional de caçadores de Beja.

JULHO 1 — VISCONDE DE SANTO AMBROSIO, O DR FRANCISCO NAMORADO, em Lisboa

4 — CONEGO ALVES MENDES, no Porto, illustre escriptor e eloquente orador sagrado, um dos mais brilhantes que tem tido o nosso paiz.

10 — GENERAL JOÃO JESUS FEIJÃO, em Setubal.

12 — GENERAL ANTONIO SIMÕES DE CARVALHO VIVALDO, em Lisboa, 58 annos.

14 — PAULO KRUGER, em Clarens (Suissa), ex-presidente da Republica do Transvaal, celebre individualidade que se extinguiu no exilio.

18 — DR. HENRIQUE MIDOSI, em Lisboa, 80 annos, um dos nossos mais cultos jurisconsultos, professor distincto e escriptor estimado pelo seu profundo saber e nobre caracter.

23 — CONSELHEIRO HENRIQUE FRANCISCO BIZARRO, em Lisboa; delegado do thesouro no districto de Lisboa.

28 — Dr. Hygino de Sousa, em Lisboa, um dos mais brilhantes ornamentos da classe medica portugueza, operador distinctissimo

AGOSTO 2. — DR. ALFREDO FILGUEIRAS DA ROCHA PEIXOTO, em Coimbra, 56 annos de idade, lente cathedratico da faculdade de mathematica e 1.º astronomico do observatorio astronomico da Universidade.

6 — GENERAL CONSELHEIRO ALVARES PEREIRA, em Azambuja, lente da Escola do Exercito.

12 — D. ANTONIO JOSÉ GOMES CARDOSO, bispo de Angola e Congo, em Palma de Baixo, arredores de Lisboa.

13. — GUTIERREZ DE AGUERA, em Lerico, Austria, embaixador da Hespanha junto do Vaticano.

23. — MARQUEZ DE CASTELLONES, em Madrid.

27. — MARIANNA JERONYMA DA SILVA, em Sardoal (Portugal) na avançada idade de 110 annos.

SETEMBRO 9. — CONSELHEIRO LUIS FREDERICO DE RIVAR GOMES DE CASTRO, presidente da Camara dos Pares, em Portimão (Portugal).

14. — OSSORIO Y BERNARD, em Madrid, distincto escriptor e jornalista.

16. — ALFREDO SERRANO, em Bolonha (Italia) distincto escriptor e critico de arte.

18. — PRINCIPE HERBERT DE BISMARCK, em Dohersdorf proximo de Kiel. Foi um diplomata e um politico distincto.

21. — DR. SILVINO GUIMARÃES, em Lisboa, 43 annos de idade, deputado do Estado do Pará.

OUTUBRO 1. — VICE-ALMIRANTE ANTONIO DUARTE PEDROSO, em Lisboa, 70 annos de idade, antigo ajudante de campo honorario de el-rei D. Luis e de el-rei D. Carlos.

5. — ROSA DAMASCENO, no Gradil, perto de Mafra, 55 annos de idade, distinctissima actriz, proeminente individualidade na scena portugueza, onde difficilmente será esquecida, apesar da ephemera gloria do palco.

6. — FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI, em Lisboa, 56 annos de idade, par do reino, antigo provedor da Real Casa Pia, director-secretario da Sociedade das Casas de Asylo da Infancia Desvalida de Lisboa, antigo vereador da camara municipal de Lisboa, agronomo illustrado, tendo sobre a especialidade escripto numerosos artigos e memorias.

11. — CONDE DA COVILHÃ, na Covilhã, fidalgo da nobre casa dos Calheiros da villa de Vallezim e abastado capitalista.

15. — O REI DA SAXONIA, Frederico Augusto, em Pillnitz. Era viuvo da infanta portugueza D. Maria Anna, com quem casara por procuração, em Lisboa, a 11 de março de 1859.

— DR. MANUEL EMYGDIO GARCIA, em Lisboa, lente jubilado da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, orador e distincto escriptor.

17. — A PRINCEZA DAS ASTURIAS D. Maria Mercedes, em Madrid, 24 annos de idade. Era a herdeira do throno de Hespanha até seu irmão D. Affonso XIII ter successão directa.

THEATROS

DEZEMBRO 16 de 1903 — O HEROE DO DIA, peça em 3 actos, traducção do sr. Alberto Braga. (Theatro D. Amelia). — PUM! peça em 3 actos e 6 quadros, original do escriptor brasileiro sr. Arthur de Azevedo e do sr. Eduardo Garrido. (Theatro da Trindade).

23 — RESSUREIÇÃO, peça em 5 actos, de Tolstoi e Henry Bataille, traducção do sr. Mello Barreto. (Theatro D. Amelia)

24 — UM SERÃO NAS LARANJEIRAS, peça em 3 actos, original do sr. Julio Dantas. (Theatro de D. Maria II).

29 — O PRINCIPE PERFEITO, peça em 1 prologo e 4 actos, extrahida do romance «Os amores do principe perfeito», original do sr. Arthur Lobo d'Avila. (Theatro do Principe Real).

30 — O OUTRO SEXO, peça franceza em 4 actos, de Valabregue e Hennequin, traduzida pelo sr. Sousa Bastos. (Theatro do Gymnasio).

JANEIRO 8 — A CRUZ DA ESMOLA, peça em 3

actos, original do sr. Eduardo Schwalbach. (Theatro de D. Amelia).

9 — O SENHOR FEUDAL, peça hespanhola de Dicente, traduzida pelo sr. Julio Soller. (Theatro da Avenida).

12 — O SONHO D'UM PRINCIPE, peça em 1 acto, original do sr. Henrique de Mendonça. (Theatro de D. Maria II).

15 — O COXO DO BAIRRO ALTO, peça em 6 actos, original do sr. Eduardo Coelho. (Theatro do Principe Real).

23 — CASAMENTO DE CONVENIENCIA, peça em 4 actos, original do sr. Coelho de Carvalho. (Theatro de D. Maria II).

28 — OS DIABOS NA TERRA, uma opera comico-phantastica, com 4 actos e 6 quadros. A musica um «arreglo» de Nicolini. (Theatro da Trindade).

28 — UMA NOUTE EM VENEZA, operetta em 3 actos, de Zell e Genée, com musica de Strauss. (Theatro da Avenida).

FEVEREIRO 6 — DE PORTAS A DENTRO, revista em 3 actos, original do sr. Baptista Diniz, com musica do sr. Paschoal Pereira. (Theatro da Rua dos Condes).

9 — GARRA DE LEÃO, drama em 6 actos, do auctor parisiense Edouard Philippe, traducção do sr. João Soller. (Theatro do Principe Real).

12 — CAVALLARIA LIGEIRA, peça em 3 actos, de Courteline, traducção do sr. Camara Lima. (Theatro de D. Maria II).

19 — AS CALÇAS DO JUIZ DE PAZ, vaudeville em 4 actos, traduzido pelo sr. João Soller. (Theatro da Trindade).

29 — A CASTELLÁ, comedia de Capus, em 4 actos, traducção do sr. Accacio de Paiva. (Theatro de D. Amelia).

MARÇO 4 — UMA SENHORA ILLUSTRADA, comedia traduzida pelo escriptor brasileiro sr. Arthur d'Azevedo. (Theatro do Principe Real).

4 — GENTE PARA ALUGAR, comedia allemã traduzida, arranjada e remodelada em 4 actos, pelo sr. Freitas Branco. (Theatro do Gymnasio).

6 — PERDIDOS NO MAR, drama em 5 actos, traducção do sr. José Antonio Moniz. (Theatro do Principe Real).

8 — A MORAL D'ELLES, traducção da «Tante Leontine». — AMANHÃ, original portuguez de Manoel Larangeira, em 1 acto. (Theatro do Principe Real).

9 — A MULHER DEMONIO, traducção do sr. Luciano Chaves. (Theatro do Principe Real).

11 — AMOR DE PERDIÇÃO, extrahido por D. João da Camara do drama de Camillo Castello Branco. (Theatro de D. Maria).

16 — VIVINHA A SALTAR, revista do anno, original dos srs. Mello Barreto e Camara Lima. (Theatro da Avenida).

24 — NA LUA DE MEL, comedia, traducção do sr. Leopoldo de Carvalho. (Theatro do Gymnasio).

24 — O CENIMATOGRAPHO, comedia em 3 actos, traducção do sr. Accacio Antunes. Theatro do Gymnasio).

26 — O ADVERSARIO, peça em 4 actos, de Capus e Arene, traducção do sr. Cunha e Costa. (Theatro de D. Amelia).

— O CORAÇÃO TEM CAPRICHOS, peça em 1 acto, traducção do sr. Portugal da Silva. (Theatro de D. Amelia).

ABRIL 2 — O CÃO DO REGIMENTO, operetta em 4 actos de Decourcelles. (Theatro da Trindade).

8 — BEIJOS DE BURRO, revista em 3 actos e 12 quadros de Caracoles e Eduardo Fernandes (Esculapio). (Theatro do Rato).

9 — TERRA MATER, original em 1 acto do sr. Augusto de Lacerda. (Theatro de D. Maria II). — Os FILHOS ALHEIOS, uma peça de Brioux («Le berceau») traducção do sr. Portugal da Silva. (Theatro de D. Maria II).

12 — JACK O ESTRIPADOR, drama em 7 quadros de Marot e Pericaud, traducção do sr. Eduardo Victorino (Theatro do Principe Real).

18 — EM RUINAS, peça original do sr. Ernesto da Silva (Theatro do Principe Real).

21 — O NINHO DE CUPIDO, comedia allemã

traduzida pelo sr. Freitas Branco. (Theatro do Gymnasio).

23 — CASAMENTO E MORTALHA, comedia em 2 actos original do sr. D. João da Camara. (Theatro de D. Maria II).

MAIO 1 — JOCKEY Á FORÇA, operetta em 3 actos, traduzida pelo sr. Accacio Antunes, com musica de Victor Roger. (Theatro do Principe Real).

7 — UMA VISITA, peça do sr. Eduardo Brandes, traducção do sr. Accacio Antunes. (Theatro de D. Maria II).

— FOGO NO CONVENTO, comedia do sr. Theodoro Barrière, traduzida pelo sr. Antonio Lopes. (Theatro de D. Maria II).

11 — VELHOS GAITEIROS, vaudeville em 3 actos de Mars e Desvalliers. (Theatro do Principe Real).

11 — NO TEMPO DE LUIZ XV, comedia em 4 actos de Alexandre Dumas, trasladada em portuguez pelo sr. Salvador Marques. (Theatro de D. Maria II).

17 — MANCHEIA DE ROSAS, «Duetto da Africana». «Chateaux Margaux», imitação do sr. José Soller das zarzuellas hespanholas, com musica do maestro sr. Del Negro. (Theatro do Principe Real).

18 — PELA PATRIA, peça militar, escripta pelos srs. Caetano Pereira e Leopoldo Madeira, com versos do sr. Libanio da Silva e musica do maestro Luiz Filgueiras. (Theatro da Avenida).

JULHO 1 — O ESPELHO DA VERDADE, peça phantastica em 4 actos e 10 quadros. (Theatro da Trindade).

SETEMBRO 1 — OS FRADES MOSTENSES, zarzuela com musica de Chapi, peça vertida para portuguez pelo sr. João Soller. (Theatro da Trindade).

16 — OS VARINOS, operetta em 3 actos, original do sr. Raphael Ferreira, musica do sr. Del Negro. (Theatro da Rua dos Condes).

19 — O ANNO EM TRES DIAS, revista original dos srs. Machado Correia e Accacio Antunes, musica do sr. Filippe Duarte. (Theatro do Principe Real).

OUTUBRO 5 — ROSINA, comedia em 1 acto, «arreglo» do sr. Pedro Cabral. (Theatro do Gymnasio).

7 — SEM PÉS NEM CABEÇA, revista phantastica em 3 actos e 12 quadros, original do sr. José d'Azevedo e musica dos srs. Luiz Filgueiras e Joaquim Alagarnio. (Theatro do Rato).

18 — SCIENCIAS EXACTAS, comedia de Vital Aza. (Theatro do Gymnasio).

22 — OS AMORES DE UM CONSELHEIRO, comedia em 4 actos original do sr. Tavares de Mello. (Theatro do Gymnasio).

NOVEMBRO 7 — GILBERTA, em francez «Heureuse», peça em 3 actos, original de Hannequin e Paul Billaud, traducção do sr. Cunha e Costa. (Theatro de D. Amelia).

8 — OS PAES, drama em 5 actos de Alexandre Fontanes, traduzido pelo sr. João Soller. (Theatro do Principe Real).

12 — A PEDRA DE TOQUE, peça em 5 actos de Augier e Sandeau, traducção do sr. Mello Barreto. (Theatro de D. Maria II).